



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO  
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE RONDONÓPOLIS  
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO**



**RONILDA NUNES DA SILVA**

**A READAPTAÇÃO NAS NARRATIVAS AUTOBIOGRÁFICAS DE PROFESSORES  
EM MATO GROSSO: FALÁCIAS, REFLEXÕES E PERCEPÇÕES SOBRE SI**

Rondonópolis - MT

2023

**RONILDA NUNES DA SILVA**

**A READAPTAÇÃO NAS NARRATIVAS AUTOBIOGRÁFICAS DE PROFESSORES  
EM MATO GROSSO: FALÁCIAS, REFLEXÕES E PERCEPÇÕES SOBRE SI**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGEdu) do Instituto de Ciências Humanas e Sociais, Linha de Pesquisa Formação de Professores e Políticas Públicas Educacionais da Universidade Federal de Mato Grosso, Campus Universitário de Rondonópolis, como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Educação.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> D.ra Simone Albuquerque da Rocha.

Rondonópolis - MT

2023

### Dados Internacionais de Catalogação na Fonte

Ficha Catalográfica elaborada de forma automática com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).  
Permitida a reprodução parcial ou total, desde que citada a fonte.

N972r

Nunes da Silva, Ronilda.

A READAPTAÇÃO NAS NARRATIVAS AUTOBIOGRÁFICAS DE  
PROFESSORES EM MATO GROSSO: FALÁCIAS, REFLEXÕES E PERCEPÇÕES  
SOBRE SI [recurso eletrônico] / Ronilda Nunes da Silva. – Dados eletrônicos (1  
arquivo : 139 f., il. color., pdf). – 2023.

Orientador(a): Simone Albuquerque da Rocha.

Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Rondonópolis, Instituto de  
Ciências Humanas e Sociais, Programa de Pós-Graduação em Educação,  
Rondonópolis, 2023.

Inclui bibliografia.

1. readaptação. 2. professores readaptados. 3. narrativas autobiográficas. I.  
Rocha, Simone Albuquerque da, *orientador*. II. Título.



**MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDONÓPOLIS**  
**PRÓ-REITORIA DE ENSINO DE PÓS-GRADUAÇÃO PROGRAMA DE PÓS-**  
**GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO**  
**FOLHA DE APROVAÇÃO**

**A READAPTAÇÃO NAS NARRATIVAS AUTOBIOGRÁFICAS DE PROFESSORES**  
**EM MATO GROSSO: FALÁCIAS, REFLEXÕES E PERCEPÇÕES SOBRE SI**

**TÍTULO: "A READAPTAÇÃO NAS NARRATIVAS AUTOBIOGRÁFICAS DE**  
**PROFESSORES EM MATO GROSSO: FALÁCIAS, REFLEXÕES E PERCEPÇÕES**  
**SOBRE SI"**

**AUTORA: MESTRANDA RONILDA NUNES DA SILVA**

Dissertação defendida e aprovada em **30/03/2023**.

**COMPOSIÇÃO DA BANCA EXAMINADORA**

- 1. Doutora Simone Albuquerque da Rocha (Presidente Banca / Orientador)**  
**INSTITUIÇÃO: UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDONÓPOLIS**
- 2. Doutora Ivanete Rodrigues dos Santos (Examinador Interno) INSTITUIÇÃO:**  
**UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDONÓPOLIS**
- 3. Doutora Ana Maria Gimenes Corrêa Calil (Examinador Externo)**  
**INSTITUIÇÃO: UNIVERSIDADE DE TAUBATÉ**
- 4. Doutora Lindalva Maria Novaes Garske (Examinador Suplente) INSTITUIÇÃO:**  
**UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDONÓPOLIS**

**RONDONÓPOLIS, 30/03/2023.**



Documento assinado eletronicamente por **Simone Albuquerque da Rocha, Docente UFR**, em 30/03/2023, às 12:30, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **ANA MARIA GIMENES CORRÊA CALIL, Usuário Externo**, em 30/03/2023, às 14:54, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **Ivanete Rodrigues dos Santos, Docente UFR**, em 12/04/2023, às 10:10, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site [https://sei.ufr.edu.br/sei/controlador\\_externo.php?acao=documento\\_conferir&id\\_orgao\\_acesso\\_externo=0](https://sei.ufr.edu.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0), informando o código verificador **0134410** e o código CRC**31A583B1**.

Carinhosamente, dedico, ao meu esposo Djalma, companheiro, cúmplice na minha jornada, e às minhas filhas Suelen, Deyse e Jeyce, por compreenderem a minha ausência nestes dois anos de dedicação ao Mestrado, e às minhas queridas netas, Sofia, Betina e Heloísa, fonte inesgotável de admiração e inspiração que me permitiram saborear o delicioso gosto de ser avó.

A toda minha família (mãe, pai e irmãos), que reconhecem meus esforços em sempre querer aprender mais e mais.

A todos os professores readaptados, principalmente, aos participantes da pesquisa que, mesmo diante da limitação, lutam contra o preconceito, buscando novas formas de exercer dignamente sua profissão.

Ao professor readaptado Oziel Milton Rodrigues (*in memoriam*) que, sufocado pela dor da depressão, atentou contra a própria vida.

## AGRADECIMENTOS

É muito bom chegar à conclusão de mais uma escolha na vida e dizer que valeu a pena, com muito amadurecimento e muito aprendizado. Não foi nada fácil, mas nada é impossível quando temos força, Deus conosco, garra, responsabilidade e compromisso com aquilo que buscamos. E para chegar até aqui, muitas pessoas foram fundamentais. Então, agradeço:

- A Deus, fonte de toda justiça, compaixão e amor.

- A meus pais, que me educaram e ensinaram valores que me acompanham por toda vida.

- Às minhas filhas Suélen, Deyse e Jeyce, pelo amor dedicado e a compreensão pelos momentos de ausência. Meus amores por toda vida, a vida toda!

- Às minhas netas Sofia, Betina e Heloísa, fontes de minha inspiração.

- Ao meu esposo, Djalma, por sempre me apoiar e incentivar, abrindo mão da minha companhia diária por vários meses para que eu pudesse realizar o meu sonho.

- A todos os colegas de Mestrado, em particular, Carolini Groto e Magna Matos, amigas que fiz no percurso, pelas trocas, por me ouvirem nos momentos de desespero e pelo amparo e carinho de sempre.

- A Ester Silveira pela mão estendida sempre, a partilha de conhecimento, carinho e paciência a mim dedicados em momentos de muita tensão durante o Mestrado.

- Às minhas amigas e companheiras de trabalho, Bibiana dos Anjos e Keila de Deus, por todo auxílio e preciosa ajuda.

- Ao Grupo de Pesquisa Investigação, grupo solidário e acolhedor que me proporcionou momentos de trocas de experiências, estudos e diálogos que me permitiram crescer pessoal e profissionalmente.

- Aos professores readaptados, participantes da pesquisa, pois, ao abrirem suas mentes e corações, ao compartilharem suas vidas e vivências, me auxiliaram a concretizar este estudo.

- Às professoras Ana Maria Gimenes Corrêa Calil e Ivanete Rodrigues dos Santos, por terem aceitado o desafio de participarem da banca, pelas intervenções e riquíssimas orientações na qualificação.

- A Anabela R. K. Ferrarini, pelo cuidadoso trabalho de revisão e normatização.

- À minha querida orientadora, Prof.<sup>a</sup> D.ra Simone Albuquerque da Rocha, que, com todo o seu empenho, disponibilidade, carinho e dedicação, me direcionou para que eu chegasse até aqui, com suas orientações potentes, enriquecedoras contribuições e os devidos puxões de orelha, quando necessários. Tua orientação iluminou o meu caminho e tuas sábias palavras transcenderam o simples ensinar.

- A todos aqueles que direta ou indiretamente contribuíram para a realização desta dissertação, o meu muito obrigada!

## RESUMO

A presente pesquisa está vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGEdu) do Instituto de Ciências Humanas e Sociais da Universidade Federal de Rondonópolis-MT (ICHD/UFR) e ancorada à linha de pesquisa Formação de professores e Políticas Públicas Educacionais, e tem como objeto de estudo a readaptação de professores da rede pública estadual de ensino no município de Rondonópolis-MT. A questão principal de estudo centra-se em: Como os professores readaptados se percebem e se expressam em suas narrativas acerca de sua condição atual e das perspectivas de retorno ao trabalho docente? A readaptação profissional é o afastamento do servidor da função exercida, que pode ser temporário ou definitivo, realocando-o em outro cargo, observando suas limitações físicas ou mentais e como possibilidade de reinserção do servidor, em seu meio de trabalho, exercendo atividades que contribuam para a restauração de sua saúde. Diante do exposto, objetiva-se investigar que percepções os professores manifestam em suas narrativas autobiográficas sobre sua condição de readaptado e de que forma as emoções sentidas nesta fase influenciam em sua recuperação e no seu desenvolvimento profissional. Esta investigação fundamenta-se na abordagem qualitativa, ao coadunar que o pesquisador precisa ter uma relação próxima com os participantes, valorizando o contato franco e prolongado quanto à coleta de dados. Nesse viés, optou-se pela pesquisa autobiográfica, com a proposta de pesquisador e participante se envolverem no processo investigativo em relação recíproca. Como instrumentos de pesquisa, foram utilizados a análise documental, questionário, entrevistas e as narrativas autobiográficas de quatro professores efetivos da rede estadual de ensino que se encontram na situação de readaptados há pelo menos três anos. Pode-se constatar que a condição de ser professor readaptado é um processo complexo para os participantes da investigação e que tem trazido comprometimentos a sua identidade profissional, além dos problemas de aceitação por gestores e pares, contribuindo para se sentirem inúteis na escola. Os resultados têm evidenciado a vulnerabilidade dos professores readaptados e revelam os sentimentos de impotência, de abandono, de invisibilidade, discriminação e de descaso com a situação vivenciada.

**Palavras-chaves:** readaptação; professores readaptados; narrativas autobiográficas.



## ABSTRACT

This research is related to the Graduate Program in Education (PPGEdu) of the Institute of Human and Social Sciences at the Federal University of Rondonópolis MT (ICHS/UFR) and is grounded in the flow of research on teacher education and public educational policies. It is intended to study the rehabilitation of teachers from the public school system of Rondonópolis-MT. Occupational rehabilitation is the process of getting rid of government employee from their current job and moving them to another job while keeping in mind physical or mental limitations. It is also a chance to get the government employee back to work, activities that help them get back to being healthy. The focus of the study is look at how do rehabilitated teachers perceive and express themselves in their narratives about heir current condition and the prospects of returning to teaching? Given the above, the purpose of this study is to examine the perceptions teachers have about their rehabilitation status in their autobiographical narratives and how their emotions status and how their emotions affect their recovery and career development. This research takes a qualitative approach to look at the need for the researcher to be in close contacwith the participants, and how open and long-term contact with data collection is. We have chosen to do this look through autobiographical research with the idea that the researcher and the participant should be involved in the investigation process in a way that they can both be involved. The research used included a literature review, questionnaire, interviews, and autobiographical narratives from four permanent teachers from the state public school system who have been in rehabilitation for at least three years. The process of being a rehabilitated teacher is a complex one for research participants, which has included compromises to their professional identity, as well as acceptance problems by principals and colleagues. This has made them feel useless at school. The results showed that rehabilitated teachers are vulnerable and feel powerless, abandoned, invisible, discriminated Against, and disrespected for their lives.

**Keywords:** rehabilitation; rehabilitated teachers; autobiographical narratives.

## LISTA DE GRÁFICOS E FIGURAS

Gráfico 1 - Readaptados em Mato Grosso (2015- 2021)	54
Gráfico 2 - Professores readaptados em Mato Grosso (2018-2022)	55
Gráfico 3 - Professores readaptados em Rondonópolis/2022	55
Gráfico 4 - Readaptados/2022 por área de atuação em Rondonópolis/MT	56
Gráfico 5 - Produções de Dissertações por região brasileira	75
Gráfico 6 - Produções de Teses por região brasileira	75
Figura 1 - Mapa do Brasil com destaques para o estado de MT e o município de Rondonópolis-MT	88
Figura 2 - Mapa da cidade de Rondonópolis-MT; em destaque, os bairros onde se situam as escolas dos professores participantes	89

## LISTA DE QUADROS E TABELAS

Quadro 1 - Doenças apresentadas pelos professores readaptados em Rondonópolis, MT/2022	58
Quadro 2 - BDTD e CAPES (2016-2022): Quantitativo de Produções	74
Quadro 3 - Produções de teses e dissertações por área	76
Quadro 4 - Pesquisas sobre readaptação docente selecionadas para análise	78
Quadro 5 - Narrativas espontâneas dos participantes da pesquisa	92
Quadro 6 - Narrativas dos participantes analisadas no Eixo 1: A significação do ser e estar professor	97
Quadro 7 - Narrativas dos participantes analisadas no Eixo 2: Enfrentamento da nova realidade (Readaptação)	100
Quadro 8 - Narrativas dos participantes analisadas no Eixo 3: Percepções do professor readaptado com relação ao retorno ao trabalho	104
Quadro 9 - Narrativas dos participantes analisadas no Eixo 4: Sentidos, sentimentos e percepções do ser professor e não estar professor	110
Tabela 1 - Apresentação dos participantes	91

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

<b>AE</b>	Apoio Educacional
<b>BDTD</b>	Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações
<b>CAPES</b>	Coordenação de aperfeiçoamento de Pessoal de Nível superior
<b>CDCE</b>	Conselho Deliberativo da Comunidade Escolar
<b>CEFAPRO</b>	Centro de Formação e Atualização dos Profissionais da Educação Básica
<b>CF</b>	Constituição Federal
<b>CID</b>	Classificação Internacional de Doença
<b>CSST</b>	Comitê Setorial de Saúde e Segurança no Trabalho
<b>DRE</b>	Diretoria Regional de Educação
<b>EJA</b>	Educação de Jovens e Adultos
<b>ERA</b>	Programa de Educação para Redução do Absenteísmo
<b>IBGE</b>	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
<b>IBICT</b>	Instituto Brasileiro de Informações em Ciência e Tecnologia
<b>ICHS</b>	Instituto de Ciências Humanas e Sociais
<b>IFMT</b>	Instituto Federal de Mato Grosso
<b>INSS</b>	Instituto Nacional do Seguro Social
<b>IOMAT</b>	Imprensa Oficial de Mato Grosso
<b>LC</b>	Lei Complementar
<b>LER</b>	Lesão por Esforços Repetitivos
<b>MT</b>	Mato Grosso
<b>OIT</b>	Organização Internacional do Trabalho
<b>PERPE</b>	Plano Estadual de Readaptação do Profissional da Educação
<b>PIB</b>	Produto Interno Bruto
<b>PIBID</b>	Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência
<b>PPAS</b>	Prevenção para Aposentadoria Saudável
<b>PPG</b>	Programa de Pós-Graduação
<b>PPGEdu</b>	Programa de Pós-Graduação em Educação
<b>PPP</b>	Projeto Político Pedagógico

<b>PSF</b>	Programa de Saúde da Família
<b>REMT</b>	Rede Estadual de Educação de Mato Grosso
<b>SEDF</b>	Secretaria de Educação de Estado do Distrito Federal
<b>Seduc</b>	Secretaria de Estado e Educação
<b>SEPLAG-MT</b>	Secretaria de Planejamento e Gestão de Mato Grosso
<b>SENAC</b>	Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial
<b>SECITEC</b>	Escola Técnica de Educação Profissional e Tecnológica
<b>SENAI</b>	Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial
<b>SEST</b>	Serviço Social do Transporte
<b>SENAT</b>	Serviço Nacional de Aprendizagem do Transporte
<b>SINSERCA</b>	Sindicato dos Servidores da Capelinha de Minas Gerais
<b>SINTEP-MT</b>	Sindicato dos Trabalhadores no Ensino Público de Mato Grosso
<b>TAE</b>	Técnico Administrativo Escolar
<b>TCLE</b>	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
<b>UCB</b>	Universidade Católica de Brasília
<b>UEG</b>	Universidade Estadual de Goiás
<b>UFG</b>	Universidade Federal de Goiás
<b>UFMG</b>	Universidade Federal de Minas Gerais
<b>UFMT</b>	Universidade Federal de Mato Grosso
<b>UFR</b>	Universidade Federal de Rondonópolis
<b>UFRJ</b>	Universidade Federal do Rio de Janeiro
<b>UNEMAT</b>	Universidade do Estado de Mato Grosso

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b> .....	<b>15</b>
<b>2 MINHA TRAJETÓRIA EM MEMORIAL (QUEM SOU EU)</b> .....	<b>21</b>
<b>2.1 O início</b> .....	<b>22</b>
<b>2.2 Trajetória estudantil</b> .....	<b>23</b>
2.2.1 Ensino Fundamental .....	<b>23</b>
2.2.2 Ensino Médio.....	<b>24</b>
2.2.3 O Ensino Superior (Pedagogia e Letras) e a Pós-Graduação-Nível de Especialização (Psicopedagogia) .....	<b>26</b>
<b>2.3 Trajetória profissional - E lá se vão 35 anos!</b> .....	<b>27</b>
<b>2.4 Um sonho quase realizado: o Mestrado em Educação</b> .....	<b>28</b>
<b>3 EM BUSCA DO SIGNIFICADO E DO SENTIDO DE TERMINOLOGIAS FUNDANTES NA/DA PESQUISA</b> .....	<b>31</b>
<b>3.1 Trabalho</b> .....	<b>31</b>
<b>3.2 Trabalho docente: a precarização</b> .....	<b>38</b>
3.2.1 A importância do trabalho docente na constituição da identidade do professor .....	<b>44</b>
<b>4 IDENTIDADE DOCENTE</b> .....	<b>47</b>
<b>4.1 Identidade Profissional Docente</b> .....	<b>48</b>
<b>4.2 A (des)construção da identidade docente após o processo de readaptação</b> .....	<b>50</b>
<b>5 ADOECIMENTO DOCENTE E SUAS IMPLICAÇÕES NO COTIDIANO DO PROFESSOR</b> .....	<b>53</b>
<b>5.1 O adoecimento docente: os percalços da profissão</b> .....	<b>54</b>
<b>6 READAPTAÇÃO DOCENTE</b> .....	<b>58</b>
<b>6.1 A readaptação docente – sustentação legal no âmbito federal e estadual</b> .....	<b>66</b>
<b>6.2 Os projetos do governo de Mato Grosso acerca da readaptação</b> .....	<b>69</b>
<b>6.3 A normatização do processo de readaptação no estado de Mato Grosso</b> .....	<b>71</b>
<b>6.4 As vivências da/na readaptação</b> .....	<b>74</b>
<b>6.5 A perceptível falácia da readaptação na legislação de MT</b> .....	<b>76</b>
<b>6.6 A readaptação docente: o que apontam as pesquisas?</b> .....	<b>80</b>
<b>7 A PESQUISA – A ABORDAGEM (AUTO)BIOGRÁFICA COMO METODOLOGIA DA PESQUISA</b> .....	<b>89</b>
<b>7.1 As narrativas autobiográficas</b> .....	<b>90</b>
<b>7.2 O percurso metodológico da pesquisa</b> .....	<b>92</b>

<b>7.3 Situando o campo da pesquisa.....</b>	<b>94</b>
7.3.1 Local da Pesquisa .....	97
7.3.2 Participantes da Pesquisa.....	98
<b>8 AS NARRATIVAS EM ANÁLISE: REFLEXÕES, SENTIMENTOS E PERCEPÇÕES SOBRE SI DOS PROFESSORES READAPTADOS .....</b>	<b>103</b>
<b>8.1 Eixo 1: A significação do ser e do estar professor e a escuta aos participantes da pesquisa.....</b>	<b>104</b>
<b>8.2 Eixo 2: Enfrentamento da nova realidade (Readaptação) e a escuta aos participantes da pesquisa .....</b>	<b>107</b>
<b>8.3 Eixo 3: Percepções do professor readaptado com relação ao retorno ao trabalho e a escuta aos participantes da pesquisa.....</b>	<b>110</b>
<b>8.4 Eixo 4: Sentidos, sentimentos e percepções do ser professor e não estar professor e a escuta aos participantes da pesquisa.....</b>	<b>117</b>
<b>9 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>123</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>127</b>
<b>APÊNDICE 1- Termo de Consentimento Livre e Esclarecido .....</b>	<b>137</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Na realidade brasileira, a educação se caracteriza por desníveis sociais e a ação educativa se processa de acordo com a compreensão que se tem da realidade social. A educação brasileira nunca foi olhada com prioridade porque foi uma concessão da classe dominante para produzir gente para atuar no mercado de trabalho. No entanto, é consenso que a educação promove o desenvolvimento, o crescimento econômico e o progresso de uma nação. Seu valor é imensurável e, mais do que isso, é patrimônio cultural do povo e o alicerce da soberania nacional.

Segundo Meksenas (2002), a educação é uma das dimensões essenciais na evolução do ser humano, pois em cada conquista rumo à civilização também está presente a necessidade de sua transmissão aos semelhantes. Em uma visão funcionalista, afirma o autor, a educação tem a tarefa de mostrar que os interesses individuais só se realizam plenamente através dos interesses sociais.

Nesse exercício do fazer educação, entra em cena a profissão docente, que requer, de quem se prontifica a exercê-la, um comprometimento de verdadeira superação dos constantes desafios.

Ao dissertar acerca da profissão docente, Bolívar (2002) elucida que não é de hoje que a profissão professor é tratada como diferenciada, ante à complexidade e ao nível de desgaste físico e emocional que encerra a rotina docente.

O trabalho do professor possui características que o expõem a fatores estressantes, como precárias condições de trabalho, multiplicidade de tarefas, aumento de exigências cognitivas, perda de autonomia, falta de diálogo com administradores e familiares de alunos, ausência de valorização no trabalho realizado, indisciplina dos alunos e imagem negativa da opinião pública.

Na atualidade, são cada vez mais frequentes o adoecimento e o afastamento de inúmeros profissionais de suas funções devido às complicações de saúde. O trabalho, que ora era visto como uma concretização ou fonte de sobrevivência, passa a ser penoso, ocasionando um menor rendimento e, de certa forma, comprometendo o seu perfil profissional ou até mesmo, em casos extremos, causando a egressão desses indivíduos do convívio social, dentre outras situações dramáticas.

Na área da educação, observa-se uma curva ascendente nos números referentes ao adoecimento de professores devido à carga de trabalho, às exigências, às mudanças no contexto educacional, às quais os professores estão submetidos, e à intolerância, que pode ser explícita



ou velada. Esses fatores refletem na conjuntura dos profissionais da educação, sobretudo na dos professores, uma vez que estes estão diariamente em contato com tal realidade e à mercê das doenças recorrentes e síndromes desencadeadas por esse ambiente desfavorável de trabalho.

O trabalho docente é considerado pela Organização Internacional do Trabalho (OIT) como uma profissão de risco e uma das mais estressantes (GARDENAL, 2009). A incapacidade laborativa, devido a algum quadro de adoecimento, oferece ao profissional a possibilidade de retorno ao trabalho por meio do processo de readaptação.

Diante disso, observa-se a importância de se discutir este tema, o adoecimento de professores no exercício do trabalho docente e seus comprometimentos, que é o caso da readaptação docente, a fim de elaborar um entendimento no tocante à situação da educação, de modo geral, e dos professores, em específico, que, em muitos casos, se veem obrigados a deixar de lado os afazeres da profissão por conta do esgotamento e do consequente adoecimento.

Esta pesquisa é fruto de inquietações pessoais, de discussão de problemas e anseios vivenciados na prática como professora readaptada. De maneira geral, é possível dizer que, como pesquisadora, compartilha-se com os participantes desta pesquisa os desafios, os anseios, as incertezas, os sentimentos e percepções que envolvem todos os atores imersos no processo educacional, especialmente os coadjuvantes da readaptação docente. As interações estabelecidas durante a pesquisa foram demonstrações de consideração, cumplicidade e respeito, estando-se cientes da complexidade dos fatores que interferem no adoecimento, bem como na readaptação de professores.

O adoecimento está no cerne da necessidade de readaptação. A readaptação profissional é destinada a profissionais adoecidos, cujos adoecimentos repercutiram em limitações laborais, sendo preciso olhar para a incapacidade no processo de readaptação para um real estabelecimento da saúde desses profissionais (CANAL, 2011).

Embora investigado em diversas categorias profissionais, cresce, nos últimos anos, o reconhecimento de que o adoecimento da e na categoria docente é um problema de saúde pública. Este adoecimento tem efeitos negativos para o professor, tais como o rompimento com hábitos cotidianos, perda do entusiasmo e da criatividade, incapacidade para se concentrar e reações exageradas para moderar o estresse (CARLOTTO, 2002).

Barros e Mascarello (2006) demonstram a importância de se estudar o cotidiano e a relação trabalho docente e saúde dos professores no Brasil, em razão do cenário de precarização do sistema público de Educação. Ainda segundo os autores, a educação pública brasileira é marcada pelo desinteresse e falta de investimentos que afetam diretamente o dia a dia das instituições.

O desgosto pelo sofrimento e o adoecimento e, em consequência, a readaptação, que está ligada a todo esse desencadeamento, têm sido, de certa forma, temática presente em estudos atuais. No entanto, verifica-se uma considerável dificuldade em encontrar estudos que se relacionam, especificadamente, à readaptação de professores e suas possíveis implicações para o docente em situação de readaptado.

Mediante a situação observada, compreende-se que as funções atuais do professor, que diferem muito das funções que este profissional desempenhava no passado, têm trazido consequências para a saúde do educador, e o levado, não raramente, a se sentir fora do contexto. Esse sentimento de “não pertencimento” acaba por comprometer cada vez mais a saúde destes profissionais, razão pela qual surgiu a iniciativa de desenvolver este projeto voltado para o adoecimento do professor, mais precisamente, para uma das consequências do adoecimento: a readaptação.

Com a finalidade de se aprofundar um pouco mais na temática e buscar algumas respostas para as indagações constantes que insurgem pulsantes nas veias da pesquisadora é que tencionou-se construir um processo investigativo acerca do objeto: Professores readaptados. Nesse sentido, a seguinte questão central deste trabalho é: Como os professores readaptados se percebem e se expressam em suas narrativas acerca de sua condição atual e das perspectivas de retorno ao trabalho docente?

Nessa perspectiva, aponta-se como objetivo geral:

- Investigar que percepções os professores manifestam em suas narrativas autobiográficas sobre sua condição de readaptado e de que forma as emoções sentidas, nesta fase, influenciam em sua recuperação e no seu desenvolvimento profissional.

Já os objetivos específicos consistem em:

- Refletir sobre o que manifestam os professores readaptados acerca da inserção, concepção e acolhimento recebidos;

- Investigar como se deu a vivência no processo entre o adoecimento e a readaptação e de que maneira os professores readaptados são tratados legalmente e como esse aporte legal reverbera em seu desenvolvimento profissional;

- Identificar o que os professores revelam acerca das influências do ambiente escolar e das relações de trabalho e como essas vivências interferem no processo de readaptação dos professores e na constituição da nova identidade docente;

- Sensibilizar redes de ensino, gestores escolares e professores com os resultados da pesquisa, no sentido de promover um novo olhar sobre os readaptados, com vistas a melhorar o retorno ao trabalho desses profissionais.

Esta investigação vincula-se ao Programa de Pós-Graduação em Educação do Instituto de Ciências Humanas e Sociais da Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT) - Campus de Rondonópolis-MT (PPGEdu/ICHS/UFMT/UFR) e à Linha de Pesquisa: Políticas Públicas e Formação de Professores e tem como título: “A readaptação nas narrativas autobiográficas de professores em Mato Grosso: falácias reflexões e percepções sobre si. ”

Esta pesquisa justifica-se porque, ainda que o adoecimento de professores, bem como a readaptação, estejam presentes em quase todos os municípios brasileiros, é consideravelmente elevado o número de docentes afetados no município de Rondonópolis, Mato Grosso (MT), cujos professores são vinculados à rede estadual de Educação; explica-se ainda mais pela necessidade de se dedicar a estudar a realidade dos professores readaptados, com as vozes tão silenciadas e, por vezes, excluídos do e no sistema.

A pesquisa terá como lócus quatro escolas estaduais do município de Rondonópolis-MT e, como sujeitos participantes, quatro professores, sendo um em cada escola, todos experientes (mais de cinco anos de docência), em condições de readaptação de função, desempenhando outras atribuições que não as que habitualmente trabalhavam, como forma de recuperação da doença laboral.

Considerando a autonomia que requer a pesquisa, pois a fonte privilegiada e o percurso metodológico se laçam e entrelaçam, para que seja possível tecer o aprofundamento teórico adequado, optamos por dialogar com diversos autores, mas com enfoques principais nos pesquisadores: António Nóvoa (1999, 2009), Christophe Dejours (1999), Elizeu Clementino de Souza (2006), Franco Ferrarotti (2010), José Manoel Esteve (1999), Marie-Christine Josso (2004), Maria Helena Menna Barreto Abrahão (2006), Tardif e Lessard (2012) e Wanderley Codo (2007), dentre outros, que trazem contribuições importantes acerca de narrativas autobiográficas e histórias de vida, saberes docentes, profissão docente e adoecimento de professores que dialogam com esta pesquisa.

Houve, ainda, um substantivo enriquecimento dos estudos por meio de uma pesquisa de campo, quando foram aplicados questionários e entrevistas aos professores readaptados da rede estadual de ensino de Mato Grosso atuantes no município de Rondonópolis-MT.

Trata-se de um trabalho que propõe dar voz aos participantes da pesquisa, os professores readaptados lotados na Secretaria de Estado de Educação de Mato Grosso (Seduc/MT), atuando no município de Rondonópolis-MT, para que verbalizem suas

percepções, seus sentidos, sentimentos e sensações e, a partir do registro de suas narrativas de vida profissional como readaptados, permitir relacioná-las com processos que constituíram sua trajetória e desenvolvimento profissional docente e culminaram em uma readaptação por tempo determinado – ou, quem sabe, indeterminado.

O presente trabalho é estruturado em oito seções, sendo esta introdução a primeira delas. Feita a parte introdutória, onde situamos a pesquisa, a segunda seção se dedica às memórias da pesquisadora, sob o título “Meu Percurso em memorial”, um resgate da trajetória pessoal, estudantil e profissional que culminou neste projeto. Tais memórias intentam situar o leitor na perspectiva do olhar desta pesquisadora, da qual não se deve esperar a neutralidade e o distanciamento recomendados pela abordagem positivista de pesquisa em Ciências Humanas, e, ainda, porque ela própria é, há quatro anos, uma professora readaptada.

A terceira seção versa sobre o trabalho, o trabalho docente, ao longo da história, bem como aponta as concepções e perspectivas epistemológicas que norteiam o trabalho, trazendo contribuições às discussões aqui propostas.

Um breve passeio pela temática da identidade docente é o que se desenha na quarta seção, pois entende-se que ao falar da readaptação de professores, a identidade acaba por ficar comprometida, tornando-se, portanto, imprescindível dar a esse aspecto um certo destaque, nesta investigação.

Sobre o adoecimento docente, na quinta seção, destaca-se o estudo de Esteve, de 1999, acerca do mal-estar docente, na qual ressalta “a importância do choque provocado entre a velocidade com que se processam as mudanças na sociedade atual e a incapacidade do sistema educacional de se adequar a elas” (ESTEVE, 1999, p. 13).

Na sexta seção, entra em cena a temática central desta investigação, ou seja, a readaptação de professores, dando-se enfoque à sustentação legal, normatização, vivências, falácias de uma readaptação, além de destacar os projetos do governo do estado de Mato Grosso nesse sentido. Apresenta-se, ainda, um mapeamento das pesquisas sobre o adoecimento docente e a readaptação de professores entre os anos de 2016 e 2022, por entender que essas duas temáticas estão intrinsicamente ligadas.

Na sétima seção, destaca-se o percurso metodológico, técnicas de coleta de dados, assim como a descrição do local e dos participantes que colaboraram com a pesquisa. Ainda nesta seção aborda-se sobre as narrativas autobiográficas, visto que as narrativas constituem também a metodologia de pesquisa utilizada. Além desse passeio pelas narrativas autobiográficas, são apresentados os participantes e colaboradores da pesquisa, os codinomes escolhidos por eles e a razão dessa escolha, assim como são trazidas suas narrativas espontâneas.

A seção oito, intitulada “As narrativas em análise: Reflexões, sentimentos e percepções sobre si”, traz as análises das entrevistas dos professores readaptados que fazem parte da pesquisa, divididas em quatro eixos.

Nesta pesquisa, utiliza-se a terminologia professoras, como forma de contemplar tanto as professoras quanto os professores que dela participam.

A última parte compreende as reflexões finais sobre a investigação empreendida e destaca as realidades vivenciadas durante a sua realização. Dentre alguns aspectos, constata-se que o professor readaptado passa por um misto de sentimentos, que vão desde o sentimento de culpa pela situação vivenciada até mesmo o de abandono. Eventualmente, podem, ainda, se sentirem como um estorvo na escola ou como se fossem invisíveis, predicativos levantados pelos próprios participantes.

Diante do exposto, considerando as diversas nuances do trabalho docente e do processo de readaptação funcional, pode-se dizer que o presente estudo tem sua relevância fundamentada na esperança de maior entendimento sobre o fenômeno da readaptação funcional, com potencial de oferecer ao Sistema Estadual de Ensino e à Seduc-MT um aprofundamento de conhecimento em relação ao tema, e, talvez, no intuito de, quiçá, contribuir para aprimorar as diretrizes do Plano Estadual de Readaptação do Profissional da Educação (PERPE) e ao Programa ERA (Educação para Redução do Absenteísmo).

Além dessa contribuição, salienta-se a possibilidade de ampliar as discussões sobre a readaptação funcional de professores a fim de obter melhor compreensão de como se efetiva, de fato, a readaptação, para posterior organização de acolhimento e acompanhamento dos professores readaptados.

Por fim, mas não menos importante, acredita-se que o presente trabalho poderá beneficiar diretamente o próprio grupo de professores readaptados da Seduc-MT, profissionais que merecem reconhecimento e valorização, pois a maioria deles já prestou significativo trabalho para a educação de Mato Grosso.

Realizada esta introdução, será apresentado, em seguida, o memorial da autora, escrito em primeira pessoa, tendo em vista que seu percurso formativo e o fato de ser uma professora readaptada, constituem-se como elementos que fazem aflorar, na escrita, seus sentidos, sentimentos e suas percepções.

## 2 MINHA TRAJETÓRIA EM MEMORIAL (QUEM SOU EU)

“Existem lembranças que são fontes perenes de amor. Recordá-las é como caminhar descalço na areia da praia num começo da manhã de céu azul, a brisa do mar misturada aos raios do sol, aquele ventinho morno que se derrama na pele com gentileza rara. Recordá-las é um cafuné gostoso que a vida reinventa. Quando estamos tristes, cansados, aborrecidos, também podemos ir até lá, onde essas lembranças moram. É um jeito afetivo de renovar a energia no momento presente.” (JÁCOMO, 2001, p. 16).

Não se constitui uma tarefa fácil falar de si. Mas, posso dizer que sou um ser constituído de muitos seres, de muitas histórias, de muitos percursos.

Tentarei contar um pouco dessa história para que possam compreender meu vínculo com o tema estudado. Logo, desde já, estou dizendo que vou apresentar uma parte de mim, um pouco das minhas histórias, ou seja, um ponto de vista dessa história.

É possível pontuar, ainda, que uma história pode ter mais de um ponto de vista, dependendo do ângulo percebido por quem lê. Sendo assim, pode haver diferentes versões ou percepções dessa mesma história. Mas esta é a minha história, narrada a partir de como eu me vejo, me releio e me apresento ao outro, que é você, meu leitor.

Ao escrever este memorial, busquei dentro de mim os caminhos que percorri e as escolhas que me fizeram chegar a este momento: a conclusão do mestrado em Educação. Transitei pela minha infância e pela minha adolescência observando o contexto em que eu estava inserida e como a vontade de mudança impulsionou os meus passos. A cada linha escrita, pude assistir à minha história como uma espectadora atenta, ora encantada, ora crítica, ora triste, ora feliz. Tudo isso não se constitui uma tarefa muito fácil. Revisitar o passado nos faz rememorar fatos vividos e vivenciados. Dentre tantos momentos, procurarei dar relevância àqueles que mais me marcaram.

Neste memorial compartilho minhas vivências escolares e acadêmicas, bem como minhas experiências pessoais e profissionais mais significativas que, aos poucos, foram me esculpindo, ensinando, revelando minhas dificuldades e talentos, construindo e conduzindo meus passos nesta busca incessante pela realização pessoal.

Escrever sobre nós mesmos é uma tarefa um tanto quanto espinhosa e labiríntica, pois a revelação de nossas memórias mostra, saudades boas e outras desagradáveis. Rememorar nos traz marcas, cicatrizes que já se encontravam adormecidas e isso, muitas vezes, nos faz reviver experiências que imaginávamos já terem sido superadas.

Cabe aqui lembrarmos do nosso mestre maior, Paulo Freire (1999):

Não há transição que não implique um ponto de partida, um processo e um ponto de chegada. Todo amanhã se cria num ontem, através de um hoje. De modo que nosso futuro se baseia no passado e se corporifica no presente. Temos de saber o que fomos e o que somos para sabermos o que seremos (FREIRE, 1999, p. 33).

## 2.1 O início

E é no tecer dos retalhos vividos que me fizeram e que me fazem, que convido você, leitor, a voar por uma história narrativa que pode não ser a mais bela, a mais emocionante, mas que é a minha, e é por meio dela que me (re) construo a cada dia. Pois, de tudo o que aconteceu, nada ficou para trás, tudo está em mim.

Nasci numa bela tarde primaveril. Uma terça-feira, 13 de setembro de 1967. Com certeza, com os ares da estação, as flores desabrochavam pelo campo. E outra flor chegava para colorir ainda mais a vida dos meus entes. Nada sei, por minhas próprias lembranças, referente a este tempo tão longínquo (55 anos). O que sei é a partir da lembrança dos que viveram este dia muito mais intensamente do que eu e que me contam com falas, gestos. Fotos? Para quê? Não tenho nenhuma que remeta e me faça reconhecer-me ainda bebê. Mas sei que fui o motivo da intensidade, na medida da limitação da família, por ser a primeira filha dos meus pais, a primeira neta dos meus avós, tanto maternos, quanto paternos, e, por conseguinte, a primeira sobrinha. Por enquanto, isso me basta.

Ainda sobre meu nascimento, vim ao mundo em um distrito de Sobrália, pequena cidade de Minas Gerais, chamado Plautino Soares e carinhosamente conhecido como Paraíso de Minas. Meus pais se chamam Maria Nunes da Silva e José Pires da Silva. Tenho seis irmãos. Chamam-me Ronilda Nunes.

Poucas lembranças trago dessa etapa da minha vida, a não ser a trajetória de estudo. Como primeira filha dos meus pais, por vezes, me sentia mãe dos meus irmãos. Minha mãe trabalhava como agente de limpeza de um hospital e passava o dia todo fora de casa. E eu, com apenas oito, nove anos, tinha a incumbência de cuidar dos irmãos, além de executar algumas tarefas domésticas.

Esforço-me para lembrar da minha infância, do que marcou e que, de algum modo, direcionou o meu olhar para a profissão docente. Falar sobre essa fase da minha vida também é um momento de reflexão, pois acredito que de lá (infância) já trazia expectativas de mudanças,

pois cuidar da casa e de meus irmãos não era algo que eu gostasse tanto, mas que fazia por obrigação.

Sinto que, para florir enquanto adulta, preciso voltar aos anos que fui criança. A minha mente me trai, confesso, e poucos reflexos me vem à lembrança. Algo bem presente, nesse rememorar, é o uso das “tarefinhas” da escola como uma forma de me fazer professora para meus irmãos. Desse modo, me mantinha conectada com o mundo dos estudos, pelo qual sempre fui fascinada.

## **2.2 Trajetória estudantil**

### **2.2.1 Ensino Fundamental**

Iniciei meus estudos aos cinco anos de idade na pré-escola. Lembro-me com carinho da minha primeira professora. Chama-se Aparecida, carinhosamente, chamada por nós de tia Cidinha. Meiga, atenciosa, sempre presente, me ensinou os primeiros traços da alfabetização com muita dedicação. Em uma lembrança muito, já no final do ano de 1973, a vejo falando, em tom de despedida. “Menina, você é muito inteligente, grandiosa e querida por Deus e por todos, jamais pare de estudar.” Acredito que esta fala da professora Cidinha me impulsionou a estar até hoje em busca de conhecimentos.

Da primeira à quarta série estudei em um único colégio estadual. Foram mais quatro professoras que contribuíram na minha formação inicial, porém, só consigo me lembrar do nome de duas. A da terceira série, professora Elizabete, que estava grávida e que faleceu, no mês de novembro do ano de 1976, devido a complicações do parto (eclampsia); e a da quarta série, professora Marlene, uma senhora, 55, 60 anos, de um carisma que eu nunca mais presenciei em nenhum outro professor. Ela tinha uma voz meiga, doce, um jeito todo especial de nos ensinar. Para a época, hoje eu analiso, ela era à frente do seu tempo, pelo modo como conduzia suas explicações, pela paciência e as inovações que trazia para a sala, pela maneira de ensinar compartilhada. Esta pesquisa justifica-se porque, ainda que o adoecimento de professores, bem como a readaptação, estejam presentes em quase todos os municípios brasileiros, é consideravelmente elevado o número de docentes afetados no município de Rondonópolis, Mato Grosso (MT, cujos professores são vinculados à rede estadual de Educação; explica-se ainda mais pela necessidade de se dedicar a estudar a realidade dos professores readaptados, com as vozes tão silenciadas e, por vezes, excluídos do e no sistema.



Acredito que, se hoje sou professora, ela tem uma grande parcela de contribuição nessa decisão. Nessas considerações, vale lembrar Rubem Alves quando escreveu: “Aquilo que está escrito no coração não necessita de agendas porque a gente não esquece. O que a memória ama fica eterno” (ALVES, 2015, p. 84).

Quando estava na metade da sétima série, o atual oitavo ano, meus pais, influenciados pelos meus avós maternos, resolveram se aventurar e nos mudamos para Poxoréu, no Mato Grosso, em busca de melhores condições para criarem os sete filhos. Fiquei demasiadamente triste. Eu, adolescente, com 14 anos, um círculo de amizade já formado, contente com a escola, não queria abrir mão da vida conhecida. Não adiantou lamentar. No mês de junho de 1982 embarcamos em 10 pessoas em uma Kombi: meu pai, minha mãe, eu e meus seis irmãos, e meu tio, irmão da minha mãe, que foi o motorista durante a viagem. Rumo ao desconhecido, lá fomos nós. Três dias penosos, numa viagem extremamente cansativa.

Para mim, que até então estudava na movimentada Belo Horizonte, posto que Contagem faz parte da capital de Minas Gerais, a pacatez da Vila Aparecida do Leste me causava estranheza. Ficaram para trás movimentações exacerbadas, barulho, trânsito, e, para minha tristeza, as amizades queridas. A nova realidade era completamente contrária.

Pensar naquele tempo traz à tona o poema “Cidadezinha qualquer”, escrito por Carlos Drummond de Andrade, em 1992:

Casas entre bananeiras.  
Mulheres entre laranjeiras.  
Pomar, amor, cantar.  
Um homem vai devagar.  
Um cachorro vai devagar.  
Um burro vai devagar.  
Devagar... as janelas olham.  
Éta vida besta, meu Deus (ANDRADE, 1992).

Trata-se de uma lembrança carinhosa, sem qualquer menosprezo. Aparecida do Leste me trouxe muitos ensinamentos no campo da convivência, por exemplo. Como todos se conheciam, por ser uma vila pequena, obrigatoriamente, os mais novos tinham que tomar a bênção aos mais velhos, ação com a qual eu não estava acostumada. Era uma situação nova, que, às vezes, me causava vergonha.

### **2.2.2 Ensino Médio**

Por alimentar desde muito cedo o sonho de ser professora, em 1984 iniciei o curso de Magistério, no período matutino, em Poxoréu-MT, na escola Padre César Albisetti. Sempre

levando tudo muito a sério, o concluí em 1986. Três anos de muito aprendizado e esperança de poder colocar em prática o que havia aprendido. No primeiro semestre do terceiro ano iniciei o tão sonhado estágio. Desafios e momentos de conciliar, na prática, as teorias até ali aprendidas. “A prática de ensino e estágio supervisionado ‘[...] são segmentos importantes na relação entre trabalho acadêmico e a aplicação de teorias, representando a articulação dos futuros professores com o espaço de trabalho, a escola, a sala de aula e as relações a serem construídas” (PASSINI, 2013, p. 27, grifo da autora).

Devo destacar a grande contribuição da minha ex-sogra, carinhosamente conhecida como Dona Quinha, nesse processo de escolha sobre o que cursar no ensino médio, uma vez que, em Poxoréu, na época, havia a oferta de três cursos, a saber: Magistério, técnico em Contabilidade e técnico em Administração. Como ela havia sido professora leiga por muitos anos, seu sonho era que pelo menos um de seus filhos enveredasse pelos caminhos do magistério. Infelizmente, nenhum deles se interessou e ela viu em mim, sua nora, que a admirava muito e nutria um respeito muito grande por ela, a realização de seu sonho. Unimos o sonho dela ao meu e cursei a primeira turma matutina de Magistério da Escola Padre César Albisetti. Em fevereiro de 1989, tomei posse como efetiva no Estado de Mato Grosso e ela pode participar da minha felicidade ao se ver como uma das principais incentivadoras na minha decisão em ser professora. Infelizmente, ela presenciou apenas meus primeiros passos na profissão de professora, pois veio a falecer em junho de 1989, vítima de um infarto fulminante. Agradeço a Deus por ter me dado o privilégio de conviver, ainda que por pouco tempo, com uma pessoa tão maravilhosa e que me ensinou tanto.

Para Cruz e Farias (2020) “começar nunca é fácil, ainda mais quando se refere a começar um exercício profissional complexo como é o trabalho do professor que, entre outras características, é interativo, multidimensional e contingente”.

Corroborar também com essa afirmação, Huberman (1992) quando ressalta que, perpassando o choque com a realidade, outros desafios fazem parte dessa etapa, como a sobrevivência e a descoberta.

Tardif (2002) sustenta que os primeiros anos da carreira docente são essenciais aos processos de formação e podem ser, inclusive, decisivos no estabelecimento da prática profissional ao longo da carreira. Os anos iniciais na docência podem ser caracterizados como um período de intensa aprendizagem, marcado por situações que irão influenciar no tipo de professor que o iniciante se tornará (NONO; MIZUKAMI, 2002).

O conceito de indução, pela sua própria raiz etimológica, implica a ideia de “introduzir” ou “levar a outro lugar”. Assim, toda e qualquer acção de formação pode ser considerada de “indução profissional”. Mas, na literatura especializada, o conceito tem sido utilizado, sobretudo, para caracterizar a fase inicial de trabalho docente, como professores principiantes ou iniciantes. As tradições dos países são muito distintas: residências docentes, estágios probatórios, períodos de supervisão, etc.[...]. Mas, seja qual for o contexto, há o reconhecimento unânime da importância deste período para a vida profissional docente [...] (NÓVOA, 1999, p. 85, grifos do autor).

Segundo Marcelo García (2011, p. 9), o início da carreira docente é “um período de tensões e aprendizagens intensivas em contextos geralmente desconhecidos, durante o qual os professores iniciantes devem adquirir conhecimentos profissionais e manter um certo equilíbrio pessoal”.

Como dito anteriormente, em 1989 ingressei como professora efetiva no ensino público de Mato Grosso, apenas com ensino médio e o curso de magistério.

Como não havia ensino superior em Poxoréu, a vontade de fazer um curso de graduação ficou adormecida por anos.

### **2.2.3 O Ensino Superior (Pedagogia e Letras) e a Pós-Graduação-Nível de Especialização (Psicopedagogia)**

A oportunidade veio no final do ano de 1993, quando a Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT) ofertou aos professores de Poxoréu, Primavera do Leste e Paranatinga uma turma especial do curso de Pedagogia, que aconteceria nas férias de janeiro e julho. Participei do vestibular e tive a grata surpresa de ser aprovada.

A Educação é transformadora, a começar por nós mesmos, enquanto educadores. Freire (1999, p. 67) já nos dizia: “Se a educação sozinha não transforma a sociedade, sem ela tampouco a sociedade muda”.

Em busca de novos saberes, em 1999 dei continuidade aos meus estudos, cursando, pela Unirondon, polo de Primavera do Leste, a especialização em Psicopedagogia Institucional.

Parafraseando Freire, que em seus discursos dizia, aprendemos no diálogo, refletindo criticamente a realidade, construindo o conhecimento e criando uma atmosfera favorável para o desenvolvimento de potencialidades. É nessa frase que me apoio para dar continuidade a minha trajetória em busca de conhecimentos. Em 2000, concomitante com a pós-graduação em nível de especialização, fiz outro vestibular, dessa vez, para Letras - Língua Portuguesa e Literaturas da Língua Portuguesa, na mesma modalidade em que fora o curso de Pedagogia, um curso que seria feito nas férias escolares e oferecido para professores que estavam em sala de aula.

### 2.3 Trajetória profissional - E lá se vão 35 anos!

Como já relatei acima, minha inserção na profissão aconteceu meio que simultânea com o Ensino Médio.

Minhas experiências de docência perpassaram quase todos os segmentos da educação básica. Como pedagoga, lecionei no Ensino Fundamental I e gostava muito da terceira e quarta séries (hoje, quarto e quinto anos) e nunca me identifiquei muito com a alfabetização. Este período durou de 1988 até 2017, ano em que me aposentei do primeiro concurso. Fiz a segunda faculdade em Letras e pude lecionar no Ensino Fundamental II e também no Ensino Médio regular e Ensino Médio Educação de Jovens e Adultos (EJA). Quanto aprendizado me possibilitou o trabalho com a EJA! Na verdade, eu sempre dizia aos colegas professores que aprendia muito com meus alunos. Era uma troca de experiência diária.

Em 2007, tomei posse do meu segundo concurso, agora para a área da linguagem. A partir de então, passo a ter 60 horas semanais de trabalho, período que durou daquele ano até 2017, quando completei 50 anos e me aposentei do primeiro concurso. A partir de 2018, fiquei apenas com o concurso em Letras para lecionar Língua Portuguesa.

No decorrer da vida encontramos pelo caminho alguns percalços que nos marcam, o que me faz buscar novamente o poeta, nos versos escritos em 1967, ano de meu nascimento: “No meio do caminho tinha uma pedra. Tinha uma pedra no meio do caminho” (ANDRADE, 2010). Na minha trajetória, muitas surpresas atravessaram minha vida. Perder meus avós maternos, no ano de 2015, foi algo que me marcou, pois tinha por eles um amor incondicional. Lembro-me de meu avô sentado em um banco me chamando para os conselhos para vida. Apesar de pouco estudo, ele gostava de filosofar, mesmo não sabendo que o fazia. Um de seus conselhos filosóficos eram: “Mesmo no mundo agitado de hoje em dia, é preciso ter muita paciência e persistência; é devagar que se vai longe; lute por seus objetivos e não queira ser melhor que ninguém, mas também não deixe que te subestime”. E por aí vai, uma lista enorme, de que nunca me esqueço. Da minha avó, Maria Nunes Coelho, herdei o gosto pela comida caipira, simples, mas com gosto mágico. Recordo-me, como se fosse hoje, eu me minha tia, ambas com quatorze anos, sentadas à beira de um fogão à lenha ouvindo atentamente os conselhos da minha avó acerca de como cuidar de uma casa e fazer comida. Ela dizia que não precisava muito para se fazer uma comida gostosa. E completava: “Vou mostrar para vocês o ponto do alho para se fazer arroz, feijão e verduras. Para o arroz, o alho tem que estar clarinho, pois chegará ao ponto à medida que vocês passarem o arroz. Para temperar o feijão, o alho tem que ficar bem fritinho, num ponto bem marronzinho, e para as verduras, nem muito claro e nem

muito escuro”. Desde esse aprendizado, sempre procuro fazer como ela nos ensinou. E toda as vezes, que me pego em uma cozinha, a lembrança dela nos explicando me vem à memória. Os avós deveriam ser eternos, pois criam memórias que ficam guardadas para sempre no coração de seus netos.

Em 2018 descobri um problema sério de coluna, o que me deixou bem agoniada, pois o médico disse ser degenerativo. Por causa disso, desde março do referido ano me encontro readaptada, situação essa que me deixa constrangida e me faz sentir como uma estranha no ninho. Todo início de ano retorno à perícia com a esperança de que a minha saúde tenha melhorado e que eu possa retornar à sala de aula, pois é o lugar em que me realizo como profissional. Considero a readaptação como um percalço no caminho, porque jamais pensei que o simples fato de exercer a profissão por tantos anos fosse me causar esse desgaste na coluna.

Foi em meio a tantas experiências que comecei a pensar na condição do professor readaptado, e algumas questões começaram a ocupar minha mente. Meu contato com outros colegas na mesma condição me deu coragem para propor um aprofundamento, uma investigação que pudesse contribuir para revelar esse verdadeiro universo paralelo que a readaptação funcional cria e que passamos a habitar.

Seria necessário, portanto, olhar a readaptação de frente, para, talvez, desvelar esse universo, com suas dores e possibilidades concretas de atuação, entendendo a escola como um verdadeiro ecossistema onde se estabelecem relações, pessoais e profissionais, entre os seres humanos que nela convivem e atuam. Partindo dessas relações que definem uma ecologia humana passível de evolução e desequilíbrios, é que mergulhei na aventura do mestrado acadêmico em Educação e escolhi como temática justamente a realidade vivida por mim e muitos outros colegas de profissão.

Ao empreender essa jornada, busco reforçar minha própria identidade profissional e, ao mesmo tempo, compartilhar visões e sentimentos com aqueles que passaram a ser meus pares, para que, juntos, possamos nos conhecer um pouco melhor e estabelecer relações mais prazerosas e produtivas nesse complexo ecossistema.

#### **2.4 Um sonho quase realizado: o Mestrado em Educação**

Depois de vários anos sem estudar, em 2020 encontrei na seleção de Mestrado em Educação da UFMT uma nova oportunidade. Preparei tudo para a seleção e falei para mim mesma: “Seja o que Deus quiser!”, tendo em vista que não conhecia os professores e nem as suas linhas de pesquisa. Procurei me preparar e consegui a tão sonhada vaga. Meu pré-projeto versa

sobre a ressignificação da identidade do professor readaptado. Já se passaram dois e sigo firme aproveitando os momentos de aprendizado possibilitados por cada mestre que se dispõe a compartilhar conosco seus saberes.

Sigo a caminhada com os créditos das disciplinas satisfatoriamente cumpridos, buscando, com bastante firmeza, apreender todo o conhecimento possível que, com certeza, contribuirá para minha prática educativa. Percebo que cresço enquanto profissional e enquanto pessoa. Já não sou a mesma do início dos estudos no Mestrado, cheia de medos, fraquezas e vontade de desistir. Sim, a desistência, por muitas vezes foi cogitada, pois, como sequela da Covid-19, minha cognição ficou comprometida e eu, que nunca tivera dificuldades em leitura e escrita, passava por essa situação em decorrência da doença. Foi uma barreira que precisei enfrentar, não sem ajuda, razão pela qual agradeço à professora Simone, minha orientadora, que sempre dispôs de um ombro amigo, e também alguns professores das disciplinas e muitos colegas que me incentivaram a permanecer na busca da realização de um sonho.

Os desafios enfrentados no mestrado não foram fáceis. Mas, para haver vitórias, se faz necessário passar pelas batalhas.

Desta forma, os relatos que constam desse memorial contemplam inúmeras reflexões acerca da minha construção enquanto pessoa, estudante e profissional, revelando frustrações, conquistas e expectativas. Fica claro o quanto a escola e a educação foram e são marcantes no meu processo formativo, me tornando o que hoje sou (e serei). Todas as oportunidades que tive foram conseqüências da minha dedicação aos estudos, da persistência em mudar a minha realidade, por meio dos meus esforços. Carrego uma obrigação ética de, através da minha atuação como educadora, ajudar outros jovens que, assim como eu, só podem ter esperança, do verbo esperar, na educação. No mestrado, adquiri conhecimentos e trilhei novos caminhos nessa busca incessante por descobertas, caminhos e possibilidades. É interessante pensar o quanto modificamos e somos modificados nessas caminhadas.

Para finalizar o relato de minhas memórias, ratifico o quão importante é jamais renunciarmos a nossos ideais; esperarmos, mesmo diante das situações adversas. Aponto, ainda, o lugar de destaque que a educação ocupa em minha vida, como via de formação e transformação, o que reafirmo todos os dias nas vivências no cotidiano da minha vida profissional, enquanto professora. Mesmo readaptada, acredito no espaço escolar como necessário para a construção do conhecimento, para o desenvolvimento de capacidades e preparação para o exercício consciente e crítico da cidadania.

Sinto-me uma mulher realizada. Estou na profissão que eu escolhi, fiz as duas faculdades que me constituíram como professora. Consegui entrar para o mestrado. Sou mãe de três

preciosidades: Suelen, Deyse e Jeyce, que já me fizeram realizar o sonho de ser avó de três maravilhosas crianças: Sofia, Betina e Heloísa. Com minhas filhas e netas, vivo e experiencio “A Casa das Sete Mulheres”<sup>1</sup>.

Este é, portanto, um lado da minha história, constituído por mim e por outras pessoas que fizeram parte desse percurso comigo. Não sei se posso dizer que vivi tudo o que gostaria de ter vivido, mas sou feliz com o que vivi. Hoje já sou capaz de olhar para trás e sentir que as dores e as negativas me fizeram forte. E posso dizer, ainda, que sou um ser de possibilidades, de inquietação e de constituições a se concretizarem. Coaduno com Freire (1999, p. 53), quando afirma que “A alegria não chega apenas no encontro do achado, mas faz parte do processo da busca”.

Descrita essa minha trajetória, na próxima seção será abordada a fundamentação teórica acerca do trabalho, do trabalho docente e da importância do trabalho na constituição da identidade do professor.

---

<sup>1</sup> Alusão à obra de mesmo nome, escrita por Letícia Wierzchowski e adaptada para a TV como uma minissérie pela Rede Globo.

### 3 EM BUSCA DO SIGNIFICADO E DO SENTIDO DE TERMINOLOGIAS FUNDANTES NA/DA PESQUISA

Nesta seção, discute-se sobre o termo *trabalho* entendendo-o como fundamental no embasamento das temáticas a serem abordadas na presente pesquisa. Para tanto, dialoga-se com as contribuições de Marx (2004), para o qual o trabalho é um processo entre homem e natureza; Antunes (2018), que concebe o trabalho como atividade vital; e Albornoz (2008) que afirma que as razões sobre o trabalho se encontram no próprio trabalho. Além dessas referências, outros autores trazem excelentes reflexões a respeito do trabalho. Finalizado esse diálogo, trata-se especificamente do trabalho docente, contemplando suas especificidades e suas implicações no se conhecer e no se sentir enquanto professor, no que tange à questão identitária, compreendendo que tais elementos estão relacionados à readaptação.

#### 3.1 Trabalho

O debate sobre essa temática fundamenta-se em alguns clássicos, como Marx (2004), que tratam da desvalorização e das mudanças nos sentidos atribuídos ao trabalho, com as contribuições daqueles que estudaram profundamente acerca do trabalho à luz do autor supracitado, Antunes (2018) e Freitas (2014), que demonstram a efetiva desconstrução da terminologia do trabalho, antes tido como natural, como direito de todos e que promovia a liberdade do homem para um nova configuração e um novo sentido, que são apresentados, atualmente, como um “privilégio na servidão” (ANTUNES, 2018).

Toda forma de trabalho foi e vem sendo precarizada desde as transformações do capitalismo, nas últimas três décadas, que promoveram impactos profundos na situação dos trabalhadores.

A globalização e as mudanças mundiais dela decorrentes contribuíram para que as desigualdades de toda espécie tenham se acentuado ou surgido. A escola faz parte dessa realidade e o professor, como sujeito, também.

Isso foi decorrência das grandes corporações internacionais, transnacionais, que, segundo Antunes (2018, p. 155-156), passaram “a impor à classe-que-vive-do-trabalho, nos diferentes países do mundo, patamares salariais e condições de existência cada vez mais rebaixados”. No caso do Brasil, prossegue o autor, por ser um país de industrialização dependente, esse processo ocorreu com grande força na década de 1990, durante o processo de divisão do trabalho “fundada na superexploração da força de trabalho”.



A partir daí, tem-se a reestruturação produtiva do Brasil com a efetivação do neoliberalismo, que representa, segundo Antunes (2018), um processo desencadeado em meio a condições de exploração particulares e articuladoras de elementos herdeiros do fordismo (ainda vigentes em vários ramos e setores produtivos) com os novos mecanismos, próprios das formas de acumulação flexível.

Desse modo, tem-se um processo de intensificação do trabalho para vários segmentos e uma reestruturação do trabalho de forma flexibilizada, que não pode ser vista de maneira positiva pelos trabalhadores, pois essa alternativa oferece pouca ou nenhuma brecha para negociação de rotinas e responsabilidades. No trabalho flexível, realidade atual da classe trabalhadora, as consequências são sentidas além da informalidade, isto é, uma “profunda precarização das condições de trabalho e vida da classe trabalhadora brasileira” (ANTUNES, 2018, p. 156).

De acordo com Antunes (2018, p. 23), foram tão intensas as modificações que se pode afirmar que a classe-que-vive-do-trabalho sobrevive à mais aguda crise deste século, que atinge não só sua materialidade, mas teve profundas repercussões na sua subjetividade e, no íntimo inter-relacionamento destes níveis, afetou a sua forma de ser.

O processo de reestruturação produtiva se caracteriza não só por inovações tecnológicas e inovações organizacionais nos locais de trabalho, mas também por transformações no mundo do trabalho que não deixariam de refletir na educação de um modo geral.

No entendimento de Antunes (2014), o trabalho foi e é uma atividade vital, capaz de transformar a conduta do homem, por meio da criação de bens materiais e simbólicos socialmente essenciais e necessários à sobrevivência da espécie humana, ao mesmo tempo em que expressa o momento da potencialidade de transformação do ser humano.

A história do trabalho, entre outras concepções, se constitui como um processo de luta e domínio dos mais fortes sobre os mais fracos.

As concepções e o conceito de trabalho são históricos e eles vêm se desenvolvendo ao longo de toda a evolução da humanidade como fonte de sobrevivência, realização e reconhecimento pessoal. Contudo, é possível perceber que existe, na essência, uma subjetividade implícita, que induz o indivíduo a vivenciar o seu trabalho também de forma emocional.

Na visão marxista o trabalho pode se tornar um ato de liberdade ou de alienação. Aliena quando é parcelarizado, rotinizado, despersonalizado e leva o homem a sentir-se alheio, distante ou estranho àquilo que produz. O trabalhador e seu trabalho podem se transformar em mercadoria. Nesse contexto, conceituar trabalho e perceber suas implicações e as relações que

envolvem o capitalismo e as influências nos aspectos social, econômico e político vai ao encontro do pensamento marxista, ou seja:

O trabalho é um processo entre o homem e a Natureza, um processo em que o homem, por sua própria ação, media, regula e controla seu metabolismo com a Natureza. [...] Ele põe em movimento as forças naturais pertencentes a sua corporalidade, braços e pernas, cabeça e mão, a fim de apropriar-se da matéria natural numa forma útil para sua própria vida. Ao atuar, por meio desse movimento, sobre a natureza externa a ele e ao modificá-la, ele modifica ao mesmo tempo, sua própria natureza (MARX, 2004, p. 149).

A palavra trabalho vem do latim *tripalium*, termo utilizado para designar instrumento de tortura, ou mais precisamente, “instrumento feito de três paus aguçados, algumas vezes ainda munidos de pontas de ferro, nas quais agricultores bateriam o trigo, as espigas de milho, o linho, para rasga-los e esfiapá-los” (ALBORNOZ, 2008, p. 10).

Por muito tempo o significado de trabalho foi associado a fardo e sacrifício. A concepção de trabalho como fonte de identidade e autorrealização humana foi constituída a partir do Renascimento. O trabalho adquire, então, um significado intrínseco. Essa afirmação é reforçada por Albornoz (2008, p. 59), ao argumentar que “as razões para trabalhar estão no próprio trabalho e não fora dele ou em qualquer de suas consequências”.

A própria etimologia da palavra, segundo Ribeiro *et al.* (2000, p. 196) guarda o sentido de tortura. Seguindo esta compreensão, o termo sugere uma reflexão sobre até que ponto o trabalho pode trazer a realização pessoal.

A partir dessa época, uma outra visão passou a vigorar, concebendo o trabalho não mais como uma ocupação servil. Longe de escravizar o homem, entende-se que propicia o seu desenvolvimento, preenche a sua vida, transforma-se em condição necessária para a sua liberdade.

A categoria trabalho não pode ser pensada como natural ou a-histórica. O trabalho é impregnado de toda uma subjetividade, inserido em um contexto econômico, político, e social com tantas diversidades, leva os indivíduos a terem vivências bastante distintas. Ao longo dos tempos, identifica-se duas visões contraditórias do trabalho que convivem nos mesmos espaços, e, por vezes, um mesmo indivíduo revela sentimentos ambíguos em relação a sua vida profissional.

Albornoz (2008) demonstra que o significado do trabalho aparece, em primeiro lugar no dicionário, como aplicação das forças e faculdades humanas para alcançar determinado fim. Mas, ressalta a autora que, há outros significados, a saber: como práxis, sendo uma produção efetiva, como labor relacionado com o esforço do homem, ou seja, trabalho pela sobrevivência.

Evidencia-se, nas afirmações citadas, que trabalho é um vocábulo que expressa uma herança histórica associado a um instrumento de labuta, a trabalho como um fardo e, sendo assim, tem relações com esforço, sacrifício e sofrimento, caracterizando-se, portanto, com uma conotação extremamente negativa. Todavia, o trabalho também possui uma conotação positiva, quando a ele é atribuído o sentido de necessário à sobrevivência, como essencial para uma existência digna, ou seja, vincula-se às noções de dignidade e justiça.

Seguindo essa linha de raciocínio, Mascarenhas (2000, p. 76), esclarece “[...] o trabalho vem sendo reduzido a mera atividade vital, cuja única e exclusiva orientação ainda é a subsistência [...] não mais permite a possibilidade de afirmação pessoal, mas nos aprisiona junto ao impulso vital das necessidades imediatas”.

Apesar de o trabalho continuar sendo o centro da vida da maioria das pessoas, é crescente o número de trabalhadores que não reconhecem a esfera profissional como um espaço de realização, de reconhecimento, de poder ser útil à sociedade. Existe uma minoria de trabalhadores atuando em funções que permitem envolvimento e identificação. Há um grande grupo que trabalha apenas por necessidade financeira, que trocaria facilmente de atividade profissional. Para esse grupo, o trabalho não é um fim em si mesmo, é exclusivamente um meio para alcançar outros objetivos.

O trabalho precisa estar integrado à vida, ter um sentido, não pode se restringir a ser um meio de sobrevivência. O indivíduo precisa vislumbrar a possibilidade de realização dos seus planos e projetos, desvinculados do mero acesso a bens materiais e suas simbologias. Uma atividade profissional que incorpora um significado intrínseco, que tem valor por si mesma, ajudará na construção de uma nova sociabilidade, marcada por valores éticos.

Atualmente, os novos contornos do mundo do trabalho dificultam uma relação de maior envolvimento e identificação da classe trabalhadora com a vida profissional.

Antunes (2014) alerta que “quando se desenha o mundo do trabalho hoje, aflora o seu traço destrutivo; o ser social que trabalha e vivencia seu cotidiano entre a violência da precarização e a violência ainda maior de desemprego”.

Acerca dessa precarização no mundo do trabalho, Heloani e Capitão (2003) apontam para os riscos a que o trabalhador atualmente pode estar exposto:

O mundo do trabalho torna-se, de forma rápida e surpreendente um complexo monstruoso, que se por um lado poderia ajudar, auxiliar o homem em sua qualidade de vida, por outro lado, patrocinado pelos que mantêm o controle do capital da ferramenta diária que movimenta a escolha das prioridades, avassala o homem em todos os seus aspectos (HELOANI; CAPITÃO, 2003, p. 12).

Vive-se um momento histórico de esvaziamento do significado do trabalho, como defende Levy-Leboyer (1994). Segundo ele, essa situação tem gerado um enfraquecimento do valor social e psicológico da atividade profissional.

Marx (2004), quando descreveu nos Manuscritos econômico-filosóficos as noções de estranhamento e alienação do trabalho, já havia dito que o trabalhador foge do trabalho como foge da peste, e, além disso, nos alertou para o trabalho servidor do salário. Dessa forma, demonstrou que o trabalho, como meio de satisfação de necessidades humanas, surgiu, antes de tudo, como fonte de infelicidade, de esgotamento, de mortificação e de negação da condição de humanidade do próprio trabalhador.

É o que se observa quando afirma:

O estranhamento do trabalho em seu objeto se expressa em que quanto mais o trabalhador produz, menos tem para consumir; que quanto mais valores cria, mais sem-valor e indigno ele se torna; quanto mais bem formado o seu produto, tanto mais deformado ele fica; quanto mais civilizado seu objeto, mais bárbaro o trabalhador; que quanto mais poderoso o trabalho, mais impotente o trabalhador se torna; quanto mais rico de espírito o trabalho, mais pobre de espírito e servo da natureza se torna o trabalhador (MARX, 2004, p. 82).

Parece, então, que a partir da obra Manuscritos econômicos-filosóficos (2004), o entendimento do trabalho, por Marx, aproxima-se da noção de tripalium, como mencionado no início deste capítulo e, com isso, é compreendido como sofrimento, martírio.

O trabalho, para Marx é uma categoria central que explica o homem enquanto ser social, pois é inerente ao ser que vive em sociedade, independentemente do modo de produção a que seja submetido. A abordagem marxiana compreende que o homem, por meio da sua ação concreta no mundo da vida, age, se orienta, desenvolve os seus afetos e se constitui pelo trabalho.

Ainda para Marx, o trabalho é definido como a atividade sobre a qual o ser humano emprega sua força para produzir os meios para o seu sustento.

A sociedade contemporânea caracteriza-se por diversas transformações que são sentidas no contexto do trabalho. Uma das definições disseminadas a respeito do termo é a capacidade do homem em transformar a natureza por meio de sua atividade laboral (TOLFO, 2015). Já para Marx (1986), o trabalho consiste em uma relação dialética entre o homem e a natureza, onde a transformação de um ocasiona, conseqüentemente, a transformação do outro, e vice-versa.

Conforme destaca Oliveira *et al.* (2004), é através do trabalho que os seres humanos buscam suprir suas necessidades, alcançar seus principais objetivos de vida e realizar-se enquanto indivíduos ativos da sociedade. Contudo, devido à natureza ampla e complexa do

trabalho e a constante influência do contexto cultural e histórico, esse conceito não está isento de sucessivas modificações.

Em sua trajetória por diferentes sociedades e contextos históricos, o trabalho assumiu conotações tanto positivas como negativas (BASTOS; PINHO; COSTA, 1995). Blanch Ribas (2003) identificou três principais concepções que as pessoas atribuem ao seu trabalho: o polo negativo, polo central e polo positivo. O primeiro está associado à ideia do trabalho como um castigo, esforço e penalidade. O segundo representa as características laborais a partir de uma perspectiva instrumental, uma vez que o trabalho é visto apenas pela sua capacidade de proporcionar a sobrevivência dos sujeitos. Já no polo positivo o trabalho é associado a autorrealização, possibilidades de satisfação, missão e valor.

Constata-se que o trabalho sofreu uma grande transformação, criando risco para as gerações atuais e futuras. Bauman (2001) entende que seja a era do “mercado de trabalho flexível”. Sendo assim, o papel do trabalho é enfraquecido, não conseguindo dar uma base segura à classe trabalhadora.

Braverman (1991) apresenta o trabalho como atividade que altera o estado natural das coisas para melhorar sua utilidade. Nesta condição, consideramos que se trata da essência humana e que, independentemente do marco histórico que o acompanha, torna-se inevitável que o homem não recorra a essa prática, uma vez que sua sobrevivência depende disso.

O mundo do trabalho tem apresentado mudanças que alteram drasticamente a vida dos trabalhadores em vários setores. As relações entre tempo, esforço, intensificação e proletarização, entre outros, alteram, constantemente, o cenário do mundo do trabalho.

Schwartz (2011), em seu artigo “Conceituando o trabalho, o visível e o invisível”, acentua a ideia de que o trabalho é uma realidade enigmática e que uma definição clara sobre o mesmo é sempre problemática.

Compreende-se, assim, que não é simples pensar ou discutir sobre o trabalho, uma vez que ele tem suas próprias complexidades. Inúmeras questões, implícitas e explícitas, estão relacionadas ao mundo do trabalho: cultura, gênero, idade, tipo, entre outras.

Em relação ao trabalho existem, ainda, outros diversos aspectos que dizem respeito a seu conteúdo e forma. Nesse sentido, pode-se citar, por exemplo, o tipo de trabalho e os graus de esforço empreendidos, entre outros.

Por isso é relevante refletir sobre o significado da palavra trabalho:

Em português, apesar de haver labor e trabalho, é possível achar na mesma palavra “trabalho” ambas as significações; a de realizar uma obra que o expresse, que dê reconhecimento social e permaneça além da sua vida; e a de esforço rotineiro e

repetitivo, de resultado consumível e incômodo inevitável (ALBORNOZ, 2008, p. 12, grifo da autora).

A autora apresenta um elemento importante na constituição do trabalho: sua significação enquanto reconhecimento em um meio social. Entretanto, antes de se pensar no trabalho com significação também de reconhecimento social há que se refletir sobre ele como um meio de garantir a própria sobrevivência.

Nesse sentido, para Schwartz (2011, p. 86): “[...] o trabalho começa com nossa sociedade de humanos, que só pode assegurar sua existência no cumprimento dia após dia, das tarefas cada vez mais técnicas e diversas pelos produtos que a natureza não nos fornece”.

Assim sendo, o trabalho é necessário para a existência e perpetuação dos humanos, mas sua conceituação e intrincamento não são de fácil entendimento e abordagem.

Conforme Maya e Ribeiro (2008), “O trabalho significa para o homem sua objetivação no mundo, a exteriorização de sua personalidade, a forma como se diferenciou de outros animais e a maneira como sustenta sua existência”.

Freud (1996), em sua obra “O mal-estar na civilização”, apresenta que apesar de o trabalho ter o potencial para se tornar uma fonte de investimento e de prazer, nem sempre é percebido dessa forma por todas as pessoas. Assim, a partir desse ponto de vista, é possível notar que o trabalho tanto pode se mostrar como fonte de prazer, para algumas pessoas, como também pode ser considerado causa de sofrimento psíquico, para outras.

Trabalho, para Codo (2007), é uma atividade humana, pela qual o sujeito se constitui. Do mesmo modo, Dejours (2004) entende que o trabalho possui uma função psíquica, pelo fato de se caracterizar como um dos alicerces da constituição dos sujeitos.

Desse modo, trabalhar não é só aplicar uma série de conhecimentos e habilidades para, enfim, poder atingir a satisfação das próprias necessidades. Trabalhar, como pondera Martín--Baró (1998), é, fundamentalmente, fazer-se a si mesmo transformando a realidade.

Partindo deste princípio é fácil constatar, conforme já dito anteriormente, que existe uma íntima relação entre o trabalhador, a sua saúde e o seu trabalho, tendo em vista que este contribui na formação da subjetividade e identidade da pessoa.

Logo, o trabalho é essencial à subsistência do ser humano, porém, não há de se ignorar que seus efeitos podem ser nocivos à saúde física e mental dos trabalhadores, quando em condições de trabalho que não satisfazem seus objetivos e, conseqüentemente, se tornam infelizes com o trabalho realizado. A insatisfação, no caso, gera problemas de saúde.

É pelo trabalho que o homem se reinventa e se supera. A importância do trabalho está no seu papel fundamental para o equilíbrio do homem, bem como para sua inserção no meio

social, para sua saúde física e mental (FREUD, 1974). Acreditando na importância do trabalho para a vida, faz-se indispensável analisá-lo sob uma outra ótica que não seja a limitação dessa fonte de vida, sob um prisma que não priorize a técnica, mas ressalte a importância do social e da singularidade no trabalho.

Após essas considerações, discutir-se-á o trabalho docente, bem como as complexidades advindas das diversas questões que permeiam o fazer do professor.

Segundo Saviani (2013, p.11), “o trabalho instaura-se a partir do momento em que seu agente antecipa mentalmente a finalidade da ação. Conseqüentemente, o trabalho não é qualquer tipo de atividade, mas uma ação adequada a finalidades. É, pois, uma ação intencional”.

Nesse contexto de especificidades que envolvem o trabalho humano, ou desumano, na ótica do capital, temos o trabalho docente. Algumas definições relativas ao trabalho docente partem de várias classificações, como trabalho material e imaterial, intelectual e manual.

A subseção a seguir versará sobre o trabalho docente, na perspectiva defendida por Nóvoa (1999), Arroyo (2007), Tardif e Lessard (2012), Saviani (2013) e Carcanholo (2009), entre outros que consideram o trabalho docente para além da sala de aula.

### **3.2 Trabalho docente: a precarização**

O trabalho docente é um tópico que apesar da extensa literatura já produzida, continua, de certa forma, privilegiado nas academias, sobretudo em relação às condições de trabalho com que estes profissionais convivem diariamente, às extensas responsabilidades conferidas a esta categoria e à relação do trabalho com o adoecimento destes profissionais.

A profissionalidade docente é um conceito em constante elaboração, cuja compreensão deve ser situada num determinado contexto sócio-histórico. Professores e professoras são os responsáveis pelos processos institucionalizados de educação, ainda que muitos outros agentes educacionais nele interfiram.

Trata-se de uma categoria que abarca tanto os sujeitos que atuam no processo educativo nas escolas e em outras instituições de educação, em diferentes cargos, funções, tarefas, especialidades e responsabilidades, determinando suas experiências e identidades quanto às atividades laborais realizadas. Entende-se, portanto, as atividades e relações presentes nas instituições educativas, extrapolando a regência de classe. O trabalho docente, então, não se refere apenas à sala de aula ou ao processo de ensino formal, pois compreende a atenção e o cuidado, além de outras atividades inerentes à educação (OLIVEIRA, D. A, 2004, p. 1132)

Nas tramas acerca da natureza (improdutiva/intelectual) do trabalho docente, a retirada da autonomia na organização e execução do trabalho (proletarização), bem como as mudanças operadas pelo neoliberalismo nas condições dos professores (precarização), não foram suficientes para convencer o campo acadêmico científico de que não produzir mercadorias (e mais-valia) não retira do trabalho docente a constância da lógica do capital, de exploração do trabalho para também se reproduzir. Resulta disso que muitos professores, mesmo dos ciclos básicos, cujo trabalho se precarizou há mais tempo, também não se veem como trabalhadores e não observam a escola como lugar de trabalho e da exploração do seu trabalho.

Partindo da definição de que o trabalho se constitui em ato de transformação da natureza pelo homem para sua própria sobrevivência, o que deriva, também, e ao mesmo tempo, na transformação do homem pelo trabalho, é possível considerar que o mesmo é detentor de um caráter educativo. Dessa forma, educação e trabalho são elementos fundamentais da condição humana, indispensáveis à socialização e determinantes de nossas experiências.

O trabalho docente é complexo e não raras vezes os docentes se questionam sobre o seu fazer, ou seja, as atividades de que se ocupam. Esses questionamentos carregam dúvidas em relação à identidade docente e sua profissionalização.

A respeito dessa busca de afirmação do trabalho docente, Arroyo (2007) assevera:

Durante as últimas décadas podemos acompanhar um movimento de afirmação profissional dos professores que vêm se reconhecendo e exigindo ser reconhecidos como categoria, com sua especificidade histórica, social e política. Que vêm afirmando e defendendo sua identidade (ARROYO, 2007, p. 21).

Os professores são, em geral, os primeiros a serem lembrados quando se utiliza o termo trabalho docente. Isso ocorre por razões bastante óbvias, pois são em maior número em relação às outras categorias; ademais, são os que representam de maneira mais expressiva o ato educativo.

Considerando-se que o termo docência, originado do latim, significa ensinar, instruir, mostrar, indicar, dar a entender, pode-se afirmar que o trabalho docente é o que se realiza com intenção de educar. Assim, o que define o trabalho docente não são a formação específica e o estatuto profissional ou, ainda, o certificado que foi conferido ao sujeito; mas o seu labor, associado à sua experiência no processo educativo no lugar de quem educa ou contribui para.

Os estudos de Nóvoa (1999) apontam que o trabalho docente é visto como função específica na relação pedagógica, exercendo papel de mediação social, uma vez que não se refere apenas à sala de aula ou ao processo de ensino formal, pois compreende a atenção e o cuidado, além de outras atividades inerentes à educação. Tardif e Lessard (2012) comungam da



mesma ideia de Nóvoa quando afirmam que a docência é um trabalho de relações humanas para além da sala de aula. “A docência é um trabalho cujo objeto não é constituído de matéria inerte e símbolos, mas de relações humanas com pessoas capazes de iniciativa e dotadas de uma certa capacidade de resistir ou de participar da ação dos professores” (TARDIF; LESSARD, 2012, p. 35).

Nóvoa (1999) sugere que as condições que o Estado impõe aos professores reduzem e até mesmo impedem a construção e o exercício da autonomia, que sucumbem diante das inúmeras atribuições de tarefas burocráticas e controladoras que pesam sobre o cotidiano do trabalho docente.

O trabalho docente caracteriza-se pelo contexto em que está inserido, diante das políticas educacionais, da ordem econômica que impera no atual modelo adotado, que atropela a possibilidade de construir uma educação autônoma, emancipatória e digna de seus atores que, por sua vez, indicam e modelam os valores que os sujeitos, que transitam neste contexto, desejam aceitar ou repudiar.

Mészáros (2008) afirma que, sob a perspectiva da lógica capitalista, a educação tende a funcionar como um cão-de-guarda autoritário, com o objetivo de introduzir um conformismo estendido ao todo da sociedade, para que esta possa internalizar os ditames às exigências da ordem estabelecida. O que se torna preocupante é que seus principais protagonistas, os professores, acabam, muitas vezes, incorporando a atitude de desânimo e conformismo diante das precárias condições de trabalho da prática educativa.

No entanto, o professor continua sendo profissional, por seu conhecimento específico em relação ao seu trabalho, apesar da desqualificação a que padece e do empobrecimento pela perda do valor de seu trabalho e o seu déficit aquisitivo de salário.

É muito preocupante que uma atividade que deveria ser reconhecida como fonte de realização e de construção de identidade, se revele, com frequência, como geradora de sofrimento e, em casos mais graves, até de adoecimento.

O desenvolvimento da práxis como uma ação transformadora da realidade, circunscrita na esfera do trabalho docente, pode ser admitido como uma atividade intencional, com finalidade definida. Nessa configuração, de acordo com Vazquez (1977), o professor, mesmo, consciente das adversidades que configuram seu trabalho, deve desenvolver o esforço de compartilhar com seus pares as inquietações e angústias que se assentam no desenvolvimento de seu trabalho. É uma concepção de trabalho em que o diálogo, a socialização, a partilha e a democratização dos processos de ensinar e aprender se dão como ação transformadora na/da prática docente.

O trabalho docente, no sentido de buscar seus aspectos libertários e de luta, esbarra na controvérsia da perspectiva de ser trabalho produtivo ou improdutivo. Isso demanda reiterar que a sociedade capitalista considera que o primeiro é visto como produtivo ao gerar mais valia, ou seja, ao acrescentar valor ao capital (MARX, 1986) e isso significa que deve ser assalariado pelo capital, especificamente, pelo capital produtivo. Nesse caminho, Carcanholo (2009, p. 87) contribui ao falar que “[...] é aquele trabalho realizado pelos trabalhadores que fazem parte do trabalho coletivo e que não se dedicam diretamente à transformação da matéria prima”.

No caso da docência e seus atores, Tardif e Lessard (2012) escreveram que ambos ficam:

Subordinados à esfera da produção, porque sua missão primeira é preparar os filhos dos trabalhadores para o mercado de trabalho. O tempo de aprender não tem valor por si mesmo; é simplesmente uma preparação para a “verdadeira vida”, ou seja, o trabalho produtivo, ao passo que, comparativamente, a escolarização é dispendiosa, improdutiva, ou quando muito, reprodutiva (TARDIF; LESSARD 2012, p. 17, grifo dos autores).

Dessa maneira, o que se pode inferir é que a ação exercida pelos professores é considerada improdutiva na medida em que perpetua a força de trabalho que mantém e desenvolve o sistema capitalista e de reprodução sociocultural.

Para Arroyo (2003), que segue este norte de pensamento, o capitalismo possui uma vertente desqualificante e deformadora. E o professor, como peça desse sistema e como todo assalariado, não possui o controle do seu trabalho, de sua qualificação, das condições de trabalho, das relações hierárquicas e até da sua própria consciência como trabalhador.

Sendo assim, inconscientemente, o professor é reprodutor de sua própria situação; um assalariado, pago para executar propostas pedagógicas pensadas por outros. Contudo, esta visão reprodutora e mantenedora do sistema opressivo não condiz com as bases de pensamento atual, o que se defende é que, ao contrário de ser um trabalho secundário ou periférico em relação à predominância do trabalho material, o ofício docente constitui-se uma das saídas para se entender as transformações nas sociedades do trabalho.

O trabalho atende, segundo Ribeiro *et al.* (2000) as necessidades que, em sua maioria, não são projetos de quem executa, mas de quem determina sua execução. E quanto à educação, não é diferente, pois há de se fazer uma reflexão quanto ao lugar reservado para o desenvolvimento da autonomia do professor.

Miranda (2006) aponta que o trabalho docente se diferencia dos demais por estar inserido no âmbito do “trabalho imaterial” e que, embora seja uma boa direção para análise, discorda apenas com a afirmação que “a produção não material não está diretamente vinculada ao modo de capitalista de produção”. Para a autora, o trabalho docente não se submete

plenamente ao modo capitalista, por este ter uma margem de autonomia para atuar e transformar sua realidade.

O trabalho docente vem caminhando nessa perspectiva, já que as políticas educacionais que permeiam as escolas exigem um professor pragmático, que não se preocupe em refletir sobre sua prática, apenas execute técnicas pré-estabelecidas. Vê-se, na atualidade, um intenso processo de proletarização do trabalho docente, mas acredita-se que há margem de autonomia, há muitos sindicatos organizados e muitos professores que buscam cotidianamente exercer seu trabalho para além daquilo que exigem as avaliações e as políticas curriculares – eles são sujeitos históricos ativos nessa disputa pela retomada do controle do processo do seu trabalho.

O trabalho do professor não se restringe ao tempo do lecionar propriamente dito, mas também ao tempo de preparação das aulas, da pesquisa, da elaboração de dispositivos avaliativos, aplicação e correção, fechamentos de relatórios de notas etc. E, nesse sentido, como relembra Penin (1995), o professor vive nas amarras do tempo que o homogeneiza e o dilui nos espaços de outras atividades do espaço e do tempo escolar.

Vive-se numa sociedade que busca incessantemente a qualidade, a performatividade e a excelência da atuação do profissional docente. Tais fatos levam o sujeito a uma falsa liberdade. Ao se compreender como ser livre, senhor das próprias ações e decisões, na verdade, se encontra imerso em uma auto exploração para chegar à qualidade e à performatividade esperadas.

No cenário contemporâneo, caracterizado pela globalização e profundas desigualdades, Corrêa (2012) pondera que

[...] a escola, como parte dessa sociedade capitalista, também foi atingida, como sinalizam vários estudos na área da precarização do trabalho docente no contexto da globalização. Entre outros desafios que essa realidade rebelde coloca para a educação, situamos a importância de desenvolver pesquisas no sentido de apreender o processo de emergência de novas modalidades sociais de produção de identidades e de subjetividades (CORRÊA, 2012, p. 57).

A intensificação, a precarização e as novas atribuições à função docente, constituintes da organização, e as condições para a realização deste trabalho seriam as causas que podem ser consideradas, empiricamente, como as determinantes do adoecimento docente.

Tardif e Lessard (2012, p.11) afirmam que “a docência é um trabalho de limites imprecisos e variáveis de acordo com os indivíduos e as circunstâncias”.

É na escola que o trabalho docente ganha significado, lugar onde o professor, sujeito da história, deve agir conscientemente para garantir que outros também tenham acesso à cultura humana historicamente acumulada. Nas palavras de Saviani (2013),

O trabalho educativo é o ato de produzir, direta e intencionalmente, em cada indivíduo singular, a humanidade que é produzida histórica e coletivamente pelo conjunto dos homens. Assim, o objeto da educação diz respeito, de um lado, à identificação dos elementos culturais que precisam ser assimilados pelos indivíduos da espécie humana para que eles se tornem humanos e, de outro lado e concomitantemente, à descoberta das formas mais adequadas para atingir esse objetivo (SAVIANI, 2013, p. 13).

Barreto (2013) aborda o tema afirmando que a diversidade de funções desempenhadas pelos docentes pode contribuir para desenvolver uma série de transtornos que afetam sua saúde mental e física. Nesse sentido, a literatura tem trazido algumas informações relativas aos professores e de seu sofrimento.

Pereira (2014) corrobora ao afirmar que:

[...] cordas vocais estressadas pela vibração em alta frequência por horas; ouvidos submetidos constantemente a sons acima do limite adequado para o trabalho; tendões sobrecarregados e músculos doídos, por estar a tanto tempo de pé e num período de tempo muito grande (PEREIRA, 2014, p. 18).

Segundo esse autor, no Brasil, 70% dos professores apresentam índices de exaustão emocional, sendo que o abandono da profissão e a procura por outras têm sido a estratégia utilizada.

Freitas e Facas (2013) salientam que o trabalho, quando não proporciona ao trabalhador a garantia de sobrevivência e a construção de sua identidade, pode resultar em sofrimento; e este, se não for enfrentado adequadamente, pode transformar-se em doença.

Assim, as vivências de sofrimento expressam, por meio de males inscritos no corpo, na mente e/ou nas relações socioprofissionais, que algo não vai bem. Suas causas parecem vir do contexto do trabalho e manifestam-se pela ansiedade, insatisfação, expressão de indignação, sentimento de inutilidade, desvalorização e de desgaste no trabalho (FREITAS; FACAS, 2013). Aliada a esses diferentes sofrimentos, tem-se a precarização do trabalho docente como parte de todo um contexto histórico e cultural, cujos reflexos na qualidade de ensino e na própria saúde desse profissional vêm se tornando evidentes (PEREIRA, 2014, p. 69).

Após essas considerações, na próxima subseção serão pontuadas algumas das complexidades do trabalho docente, enfocando sua importância na constituição identitária do professor, bem como uma explanação a respeito das diversas questões que permeiam a construção e a desconstrução da identidade docente.

### 3.2.1 A importância do trabalho docente na constituição da identidade do professor

A forma como os indivíduos percebem a si e ao outro determina seu modo de ser e de estar na vida, a articulação com as representações sociais e a identidade. Apesar de se revelar como um conceito de difícil definição para as ciências sociais, pelas próprias dificuldades de se encontrar um limite conceitual ao termo, a identidade é, antes de qualquer definição, uma construção social.

Erikson (1997) entende que a construção da identidade é uma construção processual ativa, em conflitos, sujeita à influência de várias dimensões, ou seja, a identidade é influenciada pela dimensão social, psicológica, consciente e inconsciente, o ideal do “eu”, o sentimento subjetivo de unidade pessoal e de continuidade temporal e a identificação aos modelos parentais e culturais. O autor discorre que:

Em termos psicológicos, a formação da identidade emprega um processo de reflexão e observação simultâneas, um processo que ocorre em todos os níveis do funcionamento mental, pelo qual o indivíduo se julga a si próprio à luz daquilo que percebe ser a maneira como os outros julgam, em comparação com eles próprios e com uma tipologia que é significativa para eles; enquanto que ele julga a maneira como eles o julgam, à luz do modo como se percebe a si próprio em comparação com os demais e com os tipos que se tornaram importantes para ele (ERIKSON, 1997, p. 21).

Segundo Medeiros (2010, p. 32), a identidade é concebida como resultado das representações que os indivíduos fazem da realidade social através de uma identificação ou vinculação a uma coletividade imaginária.

Por sua vez, Kaddouri (2002, p. 79) descreve a identidade como sendo um processo em perpétua construção, desconstrução e reconstrução, constituída como uma totalidade de componentes indissociavelmente complementares e interativamente conflituosos. Conforme esse autor, entre esses componentes verifica-se a identidade herdada, a identidade adquirida e a identidade projetada, não sendo, portanto, uma concepção essencialista, mas uma dinâmica entre o indivíduo e outros significativos, geradora de tensões intra e intersubjetivas.

Pode-se observar que, nesse conceito, a identidade jamais é dada, ela é construída continuamente e deverá ser (re) construída em uma incerteza maior ou menor e mais ou menos permanente.

Nota-se uma tendência crescente de os professores passarem a ocupar outras funções dentro das escolas, tanto no sentido de desenvolverem tarefas subsidiárias ao ensino, quanto de desempenharem outros papéis no processo educativo. Tal processo tem resultado em maior complexidade da tarefa docente ou do trabalho docente que fica sem uma definição própria.

Nessa mesma linha, Dubar (2005) argumenta que a identidade nada mais é que o resultado a um só tempo inalterável e transitório de socialização que, conjuntamente, constroem os indivíduos e definem as instituições.

Ciampa (2001) afirma que a identidade se movimenta ao longo da história do indivíduo e seu movimento é causado pelas combinações de igualdade e diferença em relação a si próprio e aos outros, trazendo sempre a possibilidade do vir a ser como uma de suas características apresentadas ou representadas pela atividade, pelo fazer do indivíduo. O autor destaca que a identidade se apresenta como múltiplos personagens que ora se conservam, ora se sucedem, ora coexistem, ora se alternam, mas com aparência unívoca e estável.

A partir das exposições de Ciampa (2001) sobre identidade, pode-se inferir que, nessa perspectiva, identidade está associada à visão de metamorfose, isto é, o sujeito em constante transformação, em constante vir a ser, porém, conservando um núcleo, que permanece na identidade do indivíduo e que é estável ao longo de sua vida.

Há que se considerar, também, que a identidade se constitui a partir do fazer e do conhecer do indivíduo no decorrer de sua história, em um movimento causado pelas combinações de igualdade e diferença em relação a si próprio e aos outros, trazendo sempre a possibilidade do vir a ser como uma de suas características, apresentadas ou representadas pela atividade, pelo fazer do indivíduo (FREITAS, 2014).

A identidade docente, de certa forma, está relacionada com o trabalho exercido pelo professor. Sua identidade ficará comprometida se não for concomitante ao fazer pedagógico em sala de aula. Nesse sentido, identidade docente caminha juntamente com o trabalho docente.

A identidade é o que define o ser e, portanto, é composta também pelas ações, pelos fazeres das pessoas. Ciampa (2001, p. 64) afirma que é “pelo fazer que alguém se torna algo”, o que implica dizer que os fazeres compõem a identidade e permitem que a pessoa se reconheça e que os outros a reconheçam.

De modo poético, o poeta Carlos Drummond de Andrade reflete sobre a complexidade de ser quando afirma que “O importante não estar aqui ou ali, mas ser. E ser, segundo Andrade, é uma ciência delicada, feita de pequenas observações do cotidiano, dentro e fora da gente. Se não executamos essas observações, não chegamos a ser apenas estamos, e desapareceremos” (ANDRADE, 1992, p. 69).

Pesquisas realizadas a partir de 2000, como as de Amado (2000), Fonseca (2001), Gomes (2002), Oliveira (2004), Passos (2018), reforçam a precariedade do trabalho docente, especialmente no início deste século, quando se percebe a opacidade dos discursos oficiais

enaltecendo, repetitivamente, a valorização da educação e de seus profissionais como estratégias de desenvolvimento do bem-estar da sociedade brasileira.

De uma forma geral, os pesquisadores acima citados salientam que o processo do trabalho docente não escapa às modificações que, desde uma perspectiva geral, estão determinadas pela mudança na atribuição do papel social da educação, trazendo a precarização do trabalho docente.

Para Amado (2000), não se deve exigir da escola e, por conseguinte, do trabalho docente, o que não é dela, tentando fazer com que o trabalho docente supra a ausência de outras instâncias sociais. Em pensamento bem próximo ao de Amado, encontram-se Fonseca (2001) e Gomes (2002), que defendem que uma instituição escolar e os docentes não vão solucionar aquilo que as sociedades e as famílias não possibilitam às crianças e aos jovens. Já Passos (2018) retrata a precarização do trabalho docente ao afirmar que a atividade laboral do professor se insere como parte da constituição do sistema capitalista e que, por isso, está submetida à dinâmica da organização produtiva. Ainda em consonância, destaca-se Oliveira (2004), ao afirmar que os movimentos de reforma trazem consequências significativas para a organização e a gestão escolar, resultando em uma reestruturação do trabalho docente, com alterações em sua natureza e definição, contribuindo, assim, para a precarização do trabalho docente.

Diante de todo o exposto é possível dizer que a busca pelo significado e o sentido sobre o trabalho, trabalho docente e a relação da importância do trabalho docente na constituição da identidade do professor se faz oportuna e necessária, embora esse debate sobre o trabalho do professor tenha sido um campo de tensão e de poucas ações que de fato minimizem a sua complexidade.

Para a próxima seção, traz-se à discussão, com base em autores como Tardif (2002) e Dubar (2005), dentre outros, a identidade docente e a identidade profissional docente, por conceber que as temáticas estão intrinsecamente ligadas e que toda complexidade do processo de readaptação abala a identidade docente, bem como a profissional docente.

## 4 IDENTIDADE DOCENTE

O estudo sobre identidade docente no contexto de nossa pesquisa é relevante, uma vez que alguns docentes, ao serem readaptados, vivem um conflito sobre sua identidade de professor.

O conceito de identidade é altamente complexo. Como sabemos, ele tem pelo menos duas dimensões interconectadas: uma dimensão social (também política e cultural) e uma pessoal (ou individual).

Para Pimenta (2000), a identidade docente se constrói pelo significado que cada professor dá para a sua profissão, enquanto autor e ator, no seu cotidiano, a partir de seus valores, de seu modo de situar-se no mundo, de sua história de vida, de suas representações, de seus saberes, de suas angústias e de seus anseios.

A identidade docente é construída a partir de uma variedade de experiências e saberes adquiridos ao longo da trajetória de vida dos professores, abrangendo desde a socialização familiar e escolar à formação inicial e socialização profissional no decorrer da carreira docente (TARDIF; LESSARD; LAHAYE, 1991; TARDIF, 2002).

Ao se debruçar sobre o estudo da construção das identidades sociais e profissionais, Dubar (2005) traz uma abordagem da identidade profissional na perspectiva da socialização, entendendo a constituição identitária como um processo permanente que se estende por toda a existência do ser humano, sendo produto de suas sucessivas socializações.

Dessa forma, abordar o professor readaptado no espaço institucional da escola pública implica percebê-lo em suas múltiplas relações pessoais e institucionais.

Semelhante ao conceito de identidade, o conceito específico de identidade docente é também bastante complexo. Ele é igualmente relacional e contrastivo. A identidade docente constitui-se em relação ao “outro” – este “outro” concebido tanto como instituições (o Estado, as universidades e faculdades, os programas de formação docente, as escolas e sindicatos), quanto pessoas (estudantes, pais, outros professores, administradores escolares, entre outros). Entende-se que o processo específico da construção da identidade docente origina-se dessas intrincadas teias de relações sociais, históricas, políticas, econômicas e culturais.

No contexto profissional, a identidade é influenciada por uma série de variáveis como: status social, remuneração, formação, contexto histórico e mercado de trabalho. O contexto profissional docente se desenha, portanto, permeado por uma série de dificuldades e conflitos.

O contexto no qual se exerce a docência, considerando as novas demandas que pressionam os professores a redefinirem seus papéis e tarefas, é preponderante para a concepção



de sua identidade como também as formas de inserção dos professores no mundo do trabalho podem ser fundamentais no fortalecimento dessa identidade docente. Mas, por outro lado, é preciso destacar que a perda da autonomia, as dificuldades de relacionamento entre professores, alunos, pais de alunos, o adoecimento, bem como a readaptação, pode influenciar e fragilizar o processo de construção da identidade docente.

Nessas reflexões sobre a identidade docente, implicitamente já emergiram referências à identidade profissional, que abarca todas as profissões, mas, como neste texto a docência é o foco de pesquisa, a seguir aborda-se a identidade profissional docente.

#### **4.1 Identidade Profissional Docente**

Esta subseção dialoga com alguns referenciais que tratam especificamente da identidade profissional docente.

Marcelo García (2009) afirma que, a identidade profissional docente, é a construção do “eu profissional”, que vai se construindo com o ganho de experiências, sabedoria e consciência profissional, de modo que é através da identidade profissional que os docentes se percebem, se definem e definem os outros. Para Silva e Mano (2018), a identidade profissional docente é um processo contínuo e subjetivo que possibilita a construção, a desconstrução e a reconstrução, com aspectos tanto individuais como sociais, sendo legitimado a partir da relação de pertencimento ao magistério, estando centrada na imagem e autoimagem social que se tem da profissão.

Dentro dessa perspectiva acerca da identidade profissional, concorda-se com Nóvoa (2009) que reconhece que a identidade profissional docente se refere a construir um conhecimento pessoal, autoconhecimento, no interior do conhecimento profissional, compreendendo o sentido de uma profissão que não cabe apenas numa matriz técnica ou científica.

A identidade profissional docente se configura a partir de diversas influências, sendo elas referentes a antecedentes socioeconômicos, experiências com outros professores e com alunos, o tamanho da cidade natal, conselhos recebidos, experiências passadas e aspectos específicos da profissão, como a segurança, o prestígio, condições de trabalho, autonomia e salário (SILVA; MANO, 2018).

Corroborando, Caixeta, Sousa e Vivaldi (2015) afirmam que o fazer recíproco em sala de aula está condicionado à atuação do profissional professor e também à sua pessoa, suas experiências, suas crenças.

A identidade profissional docente está sempre sofrendo transformações e é constantemente influenciada por aspectos individuais e sociais do dia a dia, bem como pelos ambientes em que se exerce a profissão, pelas reformas políticas e educacionais e pela valorização profissional, sendo construída, desconstruída e reconstruída sob aspectos sociais e internos de cada docente.

Nessa direção, os professores buscam se reconhecer como profissionais e, ao mesmo tempo, ter o reconhecimento por parte da sociedade e poder público.

A identidade profissional vem carregada do olhar pessoal do profissional, mas também é composta pelas expectativas internas e externas e pela construção histórica das características que um profissional deve possuir. O olhar do outro e o próprio olhar somam-se às concepções legais para ditarem o que é ser professor.

Conforme Garcia, Hypólito e Vieira (2005) a identidade profissional docente pode ser entendida como

As posições de sujeito que são atribuídas, por diferentes discursos e agentes sociais, aos professores e às professoras no exercício de suas funções em contextos laborais concretos. Refere-se ainda ao conjunto das representações colocadas em circulação pelos discursos relativos aos modos de ser e agir dos professores e professoras no exercício de suas funções em instituições educacionais, mais ou menos complexas e burocráticas (GARCIA; HYPÓLITO; VIEIRA, 2005, p. 48).

Tendo em vista o trabalho como meio de constituição da identidade que, conseqüentemente, envolve saúde e bem-estar em sua construção, assim, o processo de readaptação, como mudança na organização do trabalho de um sujeito, em função de restrições impostas à sua capacidade laborativa a partir da readaptação, influencia, diretamente no processo de desconstrução da identidade docente. Se a identidade, de modo geral, é composta por construções sociais, experiências, vivências, percepções individuais dos fatos, também o é pelos papéis desenvolvidos pelas pessoas. Aprofundando as contradições da identidade profissional docente, Enguita (1991, p.41) apresenta uma valiosa contribuição para esta reflexão. Ao tratar, especificamente, da questão, o professor e sociólogo espanhol esclarece que “os docentes vivem, desde há muito tempo, uma crise de identidade. Nem a categoria, nem a sociedade, conseguem entrar em um acordo sobre sua imagem social, seus campos de competência e organização de carreira”.

Relacionando-se o exposto acima à temática desta investigação, que é o professor readaptado, mais nítida ainda fica a configuração dessa crise de identidade. Na verdade, ocorre, nesse caso, uma desconstrução, visto que ao readaptar-se o professor já não se acha mais como professor, não por vontade própria, mas pela forma como passa a ser visto e tratado.

A readaptação funcional de professores, enquanto limitação da atuação docente, não seria, a priori, um fator desarticulador da identidade profissional docente, uma vez que mesmo readaptado ele ainda carrega a força do nome professor, e a adjetivação readaptado nem sempre é permanente, devendo, portanto, prevalecer sua integridade identitária mesmo em situação de limitação.

Para a elucidação dessa complexa desconstrução de identidade profissional docente, em situações de readaptação, apresenta-se, no próximo subitem, alguns esclarecimentos.

#### **4.2 A (des) construção da identidade docente após o processo de readaptação**

Ao levarmos em consideração as mudanças vivenciadas nas normas e nas relações sociais, entre elas as relações no trabalho, que são rápidas e constantes, esfacela-se o mito de uma identidade inalterável e única e abrem-se novas possibilidades para a criação de outros sujeitos por meio de rompimentos e recomposições.

No confronto nem sempre saudável de suas experiências de vida pessoal, afetiva, religiosa, profissional, social, financeira e do sentimento de pertencimento são construídos e constituídos esquemas de sua identidade docente.

O sentimento de pertencimento e a identidade estão atrelados à condição humana e são, na atualidade, importantes causadores de desconforto existencial. Alinhados com o pensamento e as concepções de Hall (2003) sobre a identidade cultural, é possível pensar sobre a fragilidade da identidade profissional docente, muitas vezes desestruturada por situações aquém de sua competência como educador.

As nuances perdidas e ressignificadas por estes profissionais envolvidos no processo educativo entram em conflito todas as vezes que têm que reafirmar sua identidade diante de cada desafio proposto nas escolas públicas estaduais.

Passar a atuar em outro espaço, que não a sala de aula, de forma compulsória e involuntária, “desconstrói”, de certa forma, a identidade de professor, que passa a ser reconhecido muito mais com o adjetivo “readaptado” do que com o substantivo professor.

Os profissionais da educação brasileira vêm atravessando um momento de exigentes reflexões sobre a esfera das condições de trabalho a que os professores e educadores estão submetidos. A falta de reconhecimento e prestígio social tem colocado a todos esses profissionais numa situação de compadecimento e sofrimento. Sofrimento que atinge sua inteireza, sua condição como trabalhadores da educação, agentes formadores de novas

profissões; tudo isso, certamente, tem trazido consequências e colaborado para a desconstrução da identidade docente.

Com o processo de readaptação instaurado, novos comportamentos e sintomatologias vão sendo reconhecidos por parte dos professores e, não raro, eles acabam por se desencantar da sua identidade profissional, que é, reconhecidamente, um dos elementos no processo da consolidação da qualidade da educação. Pensar na reconstrução desta classe profissional torna-se ainda mais complexo devido ao impasse em torno da questão de “ser profissional” ou “fazer o que ama”. Logo, é relevante compreender essa problemática do ponto de vista dos professores, aqui, em especial, daqueles que adoecem e se readaptam a uma nova função, pois somente assim teremos subsídios para perceber as possíveis falhas no sistema educacional de ensino.

Assim, a readaptação funcional do professor, que deveria representar uma garantia de continuidade da atuação desse profissional como tal, exerce, contraditoriamente, uma função que ameaça a sua integridade, profissionalidade de constituição identitária. Uma vez fora do âmbito da sala de aula, o professor tem sua identidade desconfigurada e passa, então, a exercer uma função que, na maioria das vezes, o deixa sem a caracterização de docente.

O processo da readaptação funcional visto como uma possibilidade de reinserção do profissional em seu meio de trabalho de origem, se mostra, antes, uma ameaça à constituição identitária, como constata Medeiros (2010):

[...] a abordagem da identidade profissional do professor readaptado busca retratar a ameaça sofrida por esse profissional que, diante do adoecimento, terá que reconfigurar sua identidade para si e para os outros, seus pares. Assim, a readaptação funcional do professor, que deveria representar uma garantia de continuidade da atuação desse profissional como tal, exerce função de ameaça a sua identidade (MEDEIROS, 2010, p. 45).

A identidade profissional do professor não deve ser confundida com a identidade social, mas ambas mantêm uma relação muito estreita. Na perspectiva desta pesquisa, a identidade profissional docente relaciona-se com a dimensão do trabalho. Nesse sentido, Mogone (2001, p. 24) salienta que o trabalho está no centro do processo de construção, desconstrução e reconstrução das formas identitárias profissionais e defende que é pelo trabalho que os indivíduos, nas sociedades salariais, adquirem o reconhecimento financeiro e simbólico da sua atividade.

Especificamente no que concerne à identidade profissional, entendida como uma das tipificações das diversas identidades possíveis, Dubar (2005) ressalta que o ingresso no mercado de trabalho, após a saída do sistema escolar de ensino, significa importante momento na

construção da identidade autônoma. O confronto do indivíduo com o mercado de trabalho marca a identidade profissional, pois “não se trata somente de uma situação de ‘escolha do ofício’ ou de obtenção de diplomas, mas da construção pessoal de uma estratégia identitária que põe em jogo a imagem do eu, a apreciação das suas capacidades, a realização dos seus desejos” (DUBAR, 2005, p. 114).

Dessa forma, discutir a questão da identidade docente e a identidade profissional docente, além de necessária, configura-se essencialmente como condição primordial da construção do eu, enquanto professor readaptado, tão desfigurado da sua própria identidade.

Assim, resta abarcar a relação que existe entre identidade e limites da readaptação funcional para se entender o quão significativo é o processo de estar bem com o fazer bem e ser valorizado ou desvalorizado por isso.

Nesse sentido, entende-se que o professor, ao se readaptar, vê ou percebe sua identidade profissional em crises de instabilidade, uma vez que um conflito interior é instaurado, e, diante da nova situação de readaptado, custa a aceitar que, a partir de então, desconfigura-se a sua identidade de professor para professor readaptado.

O trabalho, por ser dinâmico, nunca funciona, na prática, realmente como se espera, de modo que o processo de trabalho, como aponta o psiquiatra francês Dejours (2004) é sempre permeado por imprevistos de todo tipo, e o adoecimento no exercício da profissão docente e suas implicações no cotidiano do professor são exemplos desses percalços, assunto que pautará a próxima seção desta dissertação.

## **5 ADOECIMENTO DOCENTE E SUAS IMPLICAÇÕES NO COTIDIANO DO PROFESSOR**

O dia a dia dos profissionais da educação que atuam na docência é constantemente marcado por uma demasiada carga de trabalho, pautada no esforço, pressão externa e na velocidade com que realizam suas funções. Isso tem gerado prejuízos à saúde física e mental dos professores, transformando seu trabalho em sofrimento.

Acredita-se que não há como analisar a saúde do trabalhador e buscar a sua promoção descolando-o do seu ambiente de trabalho e da conjuntura sociopolítica que o envolve. Conjuga-se do pensamento de Rocha e Gomes (2001, p. 269) de que “A promoção de saúde dos trabalhadores está diretamente ligada à organização do trabalho, pois dela dependem a viabilização das alternativas a de atuação dos trabalhadores e a reapropriação do saber e do poder decisório do trabalho”.

Nesse cenário complexo é que surge o adoecimento do professorado, que vem sendo correlacionado com as condições de trabalho, conforme abordagem crescente na literatura educacional. Segundo Souza *et al.* (2003), até os anos 60 do séc. XX, parte desses trabalhadores da docência tinham segurança material, prestígio social, empregos estáveis, bons salários. Contudo, já a partir de 1970, houve o crescimento do funcionalismo e dos serviços públicos gratuitos, dentre eles, a educação. Desde então, a atividade docente tem sido marcada por desafios regulares, reflexos das constantes transformações ligadas ao mundo do trabalho e suas exigências. É preciso levar em conta a forma de organização do trabalho, sua racionalização, precarização, e, principalmente, a rotinização, que remete à percepção da diferença entre trabalho voltado à realização humana e trabalho como mercadoria. A modificação da percepção de trabalho no cenário docente tem gerado sobrecarga e intensificação das atividades no ambiente de trabalho. O excesso de atividade extraclasse, por sua vez, tem interferido diretamente na saúde do professor, provocando, assim, seu desgaste psíquico e físico.

A partir da concepção de que o trabalho é uma atividade fundamental para o desenvolvimento dos seres humanos, considera-se que o ato de trabalhar transforma a si mesmo no e pelo trabalho, relacionando-se diretamente com a identidade social. Por outro lado, observa-se, também, que a centralidade que este ocupa na rotina da vida humana, em especial, da categoria, impõe uma relação conflituosa, pois, apesar de carregada de diferentes investimentos, as condições e as exigências do trabalho também são causas de doenças físicas e mentais. Nesta atividade laboral, articulam-se diretamente relações interpessoais, envolvendo experiências emocionais constantes. É um campo profissional onde a subjetividade dos afetos

emerge no cotidiano, em relações diárias, abarcando, na maioria das situações, crianças e jovens em desenvolvimento. Como tese, sustenta-se que estes movimentos, que possuem reflexo direto na organização dos processos de trabalho, produzem graves consequências sobre a saúde dos professores, em seus aspectos físicos ou psíquicos.

Claramente, percebe-se que todos os acontecimentos, em sua maioria, desfavoráveis ao bem-estar dos profissionais da educação, fazem com que estes acumulem sentimentos de tristeza, de angústia e de ansiedade em relação ao seu trabalho; assim, confirma-se que aquilo que deveria ser, em sua maior parte, fonte de prazer e alegria, torna-se, quase que na sua totalidade, fonte de sofrimento. E isto também concorre para o crescente número de professores em condições de adoecimentos, sejam físicos ou psíquicos.

Outra vilã na vida dos trabalhadores, mais especificamente, os da educação, é a performatividade. Para Ball (2005, p. 548) a performatividade é uma constante luta pela visibilidade, tendo como base reuniões avaliativas, elaboração de relatórios, análises anuais, bem como “a análise dos pares”, que seriam considerados mecanismos da performatividade.

Ball (2005) acrescenta que juntamente com os professores, o pesquisador e o acadêmico estão sujeitos a uma miríade de julgamentos, mensurações, comparações e metas. Informações são coletadas continuamente, registradas e publicadas com frequência na forma de rankings.

A sensação de ser avaliado constantemente, por diversos meios e formas, bem como as expectativas que somos condicionados a corresponder, continuamente, vêm ao encontro de ideias anteriormente apresentadas em relação à sociedade do desempenho e que têm colaborado cada vez mais com o adoecimento (HAN, 2015).

Para Ball (2004, p.66, grifo do autor), a performatividade incita-nos a nos tornarmos mais efetivos, a trabalharmos em relação a nós mesmos e a “[...] sentirmo-nos culpados ou inadequados se não o fizermos. Ela opera um arcabouço de julgamento no qual a definição de ‘aperfeiçoamento’” e de eficácia é determinada por nós”.

De condição existencial e essencial para o ser humano, o trabalho, muitas vezes, se torna sinônimo de debilitação e de doenças.

Percebe-se, pelo exposto, que trabalho, trabalho docente e adoecimento estão intrinsecamente interligados.

## **5.1 O adoecimento docente: os percalços da profissão**

Trabalhar é sempre fracassar, sofrer, pois a experiência do real é afetiva. Assim, o trabalhador, frente ao real, precisa assumir o sofrimento e resistir ao fracasso, isso até descobrir

ou inventar a solução, a qual vai além do prescrito, realizando “trabalho vivo”. Dejours *et al* (2009) define que o “trabalho vivo” está relacionado ao poder do trabalhador em sentir, pensar, inventar, criar e recriar o seu fazer cotidiano nas organizações de trabalho. Para os autores o sofrimento é assim entendido como o modo fundamental pelo qual se dá o trabalho. Trabalhar é mais que produzir, é transformar a si mesmo.

Nessa mesma lógica de relação de trabalho e sofrimento, Gernet e Dejours (2011) expõem que no encontro com o trabalho, quando o sofrimento se manifesta primeiramente, este não é patogênico. O sofrimento no trabalho pode se originar dos esforços dispensados pelo indivíduo com o objetivo de ultrapassar as dificuldades apresentadas. Desse modo, os autores ainda acrescentam que o sofrimento pode transformar-se em prazer quando o trabalho não é um obstáculo, e quando a contribuição pode ser reconhecida pelos outros. E fecha sua reflexão afirmando que a transformação do sofrimento em prazer se torna possível pela interpretação do sentido dado à tarefa.

Dejours, Abdoucheli e Jayet (2009) afirmam que o sofrimento está dividido em dois tipos diferentes: o patogênico e o criativo, sendo que o sofrimento criativo é o agenciador da realização do verdadeiro trabalho, é aquele capaz de se transformar em criatividade, ou seja, a alavanca do processo criativo, beneficiando a identidade do trabalhador. Já o sofrimento patogênico ocorre quando as defesas desenvolvidas pelos trabalhadores não foram suficientes para transformá-lo em prazer, ou seja, quando as possibilidades de adaptação frente à organização do trabalho foram esgotadas, então este surge

[...] quando todas as margens de liberdade na transformação, gestão e aperfeiçoamento da organização do trabalho já foram utilizadas. Isto é, quando não há nada além de pressões fixas, rígidas, incontornáveis, inaugurando a repetição e a frustração, o aborrecimento, o medo, ou o sentimento de impotência (DEJOURS; ABDOUCHELI; JAYET, 1999, p. 137).

Ricoeur (1991) afirma que o sofrer não se limita à dor sentida, a qual pode ser fato evidente, tal como algo presente e palpável, exprimida em lágrimas daquele que sente. Portanto, sofrer é um sentimento sentido em ato. O referido autor ressalta, ainda, que o ser humano possui duas características: a primeira, como ser ativo; e a segunda, como sofredor. “[...] sofrimento não é unicamente definido pela dor física nem pela dor mental, mas pela diminuição, até destruição, da capacidade de agir, do poder fazer, sentidos como um golpe à integridade de si” (RICOEUR, 1991, p. 223).



O sofrimento seria a inexistência de possibilidades, a limitação do ser humano a um estado de paralisia, que configuraria um risco que inviabiliza a construção da identidade e integridade da pessoa.

A vivência do sofrimento no âmbito do trabalho, segundo Dejours, Abdoucheli e Jayet (1999), surge em decorrência do confronto entre o trabalhador, sujeito singular, portador de uma história também particular, portanto, personalizada, e a organização do trabalho, com suas regras, normas e imposições, logo, de caráter despersonalizante. Sendo assim, os trabalhadores, a fim de se protegerem dos efeitos nocivos do trabalho, vão elaborar estratégias de defesas, tanto em nível individual como coletivo, evitando, desse modo, mais adoecimento.

Utilizando os contributos dos referenciais acima citados, pode-se estabelecer uma relação entre o sofrimento teorizado pelos autores e o sofrimento vivenciado na prática pelos professores readaptados, os quais enfrentam cotidianamente uma realidade de desconfiança, de desvalorização e de discriminação no ambiente escolar. Além do mais, é também uma vivência de não ser ouvido em relação às suas necessidades. O sofrimento sentido pelo professor readaptado se pauta na responsabilização por seu problema, culpabilizado inteiramente pelo adoecimento, e isto tanto por parte dos colegas, o que dói mais, quanto por parte dos gestores. Outro fator causador de sofrimento nos professores readaptados é o isolamento, sempre longe de seus pares, realizando tarefas pouco pedagógica, se sentindo humilhados e culpados pela situação de readaptados.

As relações interpessoais no trabalho ficam comprometidas e o trabalhador, no caso desta pesquisa, o professor, nessa situação de readaptado, enfrenta diferentes tipos de dores. A dor física de estar doente e a dor psicológica, oriunda das humilhações, mesmo que veladas, que sofrem no trabalho pelos colegas e gestão, pela perícia médica, que muitas vezes parece não acreditar no adoecimento do servidor, uma vez que está a serviço do Estado, e pela adaptação a novas formas de trabalho, com limitações, em virtude do adoecimento.

Dejours, Abdoucheli e Jayet (2009, p. 128) definem prazer e sofrimento como “vivências subjetivas, que implicam um ser de carne e um corpo onde o homem se exprime e se experimenta da mesma forma que a angústia, o desejo, o amor”. Assim, por meio da história particular de cada pessoa é construída a subjetividade estranhada nessas vivências de prazer e sofrimento no trabalho, a qual se manifesta de acordo com as particularidades de cada um.

Dessa maneira, as reflexões e os sentimentos vivenciados numa readaptação no dia a dia do trabalho escolar fazem com que o professor readaptado se perceba enquanto tal, apesar de cada um viver e expressar diferentemente seus sentimentos.

Em um estudo bem recente sobre adoecimento docente, Silveira (2022) traz uma reflexão e também uma preocupação acerca do adoecimento de professores logo no início de carreira. Sua dissertação traz evidências numéricas sobre o adoecimento de professores iniciantes e analisa possíveis relações entre trabalho docente e adoecimento. A autora sugere, em sua pesquisa, que a desinformação, a ausência das relações interpessoais no trabalho e a falta de projetos, programas e políticas de acolhimento, inserção e indução de professores iniciantes, em Mato Grosso, têm sido a maior causa do adoecimento de professores.

Ainda, sobre o trabalho de Silveira (2022), destaca-se o fato de que a parte mais expressiva dos esforços das políticas públicas esteve centrada na formação de professores – direcionando-se para uma perspectiva de formação interdisciplinar, havendo um silenciamento do poder público quanto às outras demandas que impactam diretamente a prática docente, especialmente, para os professores em início de carreira. A pesquisadora conclui sua pesquisa evidenciando a necessidade de novos olhares para a questão do adoecimento, principalmente, em início de carreira, a necessidade de formação que dê conta do acolhimento e acompanhamento do professor iniciante.

Dá-se destaque ao trabalho sobre adoecimento de professores de autoria de Silveira (2022) por várias razões, mas duas sobressaem: O fato de ser com a temática “adoecimento”, semelhantemente a este trabalho; e por ter sido uma pesquisa realizada no mesmo município em que a presente pesquisa é realizada, caracterizando-se, assim, como uma proposta de continuidade da investigação.

Todas as questões pontuadas sobre adoecimento de professores na profissão docente e a relevância desse tema mediante a readaptação docente justificam este estudo, visto que o adoecimento e o sofrimento estão diretamente ligados à sua temática central, que é a readaptação de professores.

A proposta da próxima seção é discutir como se processa a readaptação docente a partir das normativas brasileiras voltadas para a readaptação profissional no âmbito educacional. Nessa direção, discute-se a definição da readaptação, bem como os reflexos desse direito do professor acometido por limitações.

## 6 READAPTAÇÃO DOCENTE

Nesta seção entra em discussão o problema central deste estudo, a readaptação funcional com o recorte para a readaptação docente na Rede Estadual de Educação de Mato Grosso (REMT), limitando-se ao município de Rondonópolis, explicitando as vias de entrada para a readaptação e aspectos da legislação específica. São apresentados, também, alguns dados sobre a readaptação na REMT, sob a forma de quadros, tabelas e gráficos. Além disso, são trazidos, em um subitem, os estudos relativos ao assunto encontrados em literatura especializada.

A readaptação consiste no reconhecimento de uma situação especial de saúde na vida do servidor, que se encontra em condições de limitação profissional.

O adjetivo readaptado normalmente é usado para se referir aos profissionais que estão executando outras atividades, distintas das que são do rol principal de suas funções de concurso. No caso dos professores, cuja função é a docência, quando não podem, por motivos de saúde, executar tal tarefa, são direcionados à readaptação, amparados na Lei Federal nº 5.645/70 (BRASIL, 1970); anteriormente à referida lei, esse procedimento recebia o nome de desvio de função. Vários dicionários definem a readaptação de forma diferente, mas com o mesmo sentido: readaptar é “adaptar-se de novo a condições novas ou atuais”, conforme o Dicionário online Priberam (2022). Já o dicionário Houaiss define como “tornar a adaptar-se o que estava desajustado, inadequado”. Percebe-se que para a readaptação de professores a definição do dicionário Houaiss não se aplica, uma vez que o professor se readapta não por estar desajustado e sim, adoentado, com limitações. A readaptação, no caso do professor é o intermediário entre a saúde e a doença. Ou seja, não está totalmente saudável para a sala de aula, tampouco está tão doente que tenha de ficar de licença médica.

Em termos gerais, a concessão desse tipo de “benefício” laboral só acontece no serviço público e nas três esferas do poder, ou seja, nos âmbitos federal, estadual e municipal. Nunes, Brito e Athayde (2001) explicam que isso se deve ao fato de este ser um direito do servidor público estatutário, diferenciando-se da reabilitação dos demais trabalhadores, do setor privado, ligados ao Instituto Nacional de Seguro Social (INSS).

De qualquer maneira, a reinserção no trabalho, seja pela readaptação (servidores públicos) ou reabilitação (serviço privado), tem relevante representação para o trabalhador, já que seu afastamento por motivo de saúde ocasiona uma nova condição laboral, social e simbólica – a de readaptado – o que revela o desafio de vivenciar relações singulares sucedidas no próprio ambiente de trabalho, além de sentimento de perda, frustração e fracasso.

A readaptação é um processo longo e complexo, que o servidor público mato-grossense precisa percorrer cumprindo os procedimentos burocráticos do Estatuto do Servidor Público Estadual e as devidas injunções da burocracia interna da Secretaria de Saúde (Departamento de Perícias Médicas). Ao final desse processo, o docente readaptado será recolocado em outra atividade na instituição escolar e afastado, por um período determinado, que, na maioria das vezes, é de seis meses ou um ano, da função docente.

Os profissionais docentes têm apresentado problemas de saúde física e psicológica relacionados à função laboral não somente no Brasil, como apontam os autores Pezzuol (2008), Lemos (2009), Barbosa (2009), Rebolo (2012), entre outros, mas também na Europa e nos Estados Unidos (ESTEVE, 1999).

No caso do professor, readaptação é o afastamento desse docente de sua função de magistério por motivo de adoecimento, seja qual for, e sua realocação em outra função profissional. A readaptação é concebida como um processo que, normalmente, tem início com o afastamento, por meio de licença médica concedida por um perito ou equipe multiprofissional de peritos (médicos, psicólogos e assistentes sociais).

O vocábulo readaptação (re + adaptação), em termos leigos, possui o sentido de “nova adaptação a condições anteriores que se fizeram presentes”.

O termo readaptação refere-se à situação jurídica que envolve o trabalhador que não se encontra na capacidade laborativa plena para exercer as tarefas de seu cargo. Trata-se de uma pessoa que não está clinicamente apta para fazer o trabalho rotineiro, relacionado à sua função, mas também não é considerada, pela perícia médica, clinicamente inapta para receber uma licença ou se aposentar por invalidez.

A readaptação funcional, processo de reinserção de trabalhador que adquire restrições laborais no exercício de sua atividade ou não, embora tenha o objetivo de promover a reintegração do sujeito, tem sido percebida pelos docentes como fonte de novos sofrimentos advindos do sentimento de desvalorização, perda de capacidade, desqualificação e preconceito por parte de colegas e chefia.

A readaptação profissional é “a investidura do servidor em cargo de atribuições e responsabilidades compatíveis com a limitação que tenha sofrido em sua capacidade física ou mental verificada em inspeção médica” (BRASIL, 1990, p. 17). A perícia médica é realizada particularmente e afastada das “relações ao trabalho”, e esse procedimento tem prejudicado a análise dos processos de trabalho e seu atrelamento com o adoecimento (BRITO *et al.*, 2003).

De acordo com Dejours (2004, p. 138), o trabalho pode ser um gerador de saúde, uma fonte de prazer ou, ao contrário, uma fonte de sofrimento, um constrangimento patogênico: “O

trabalho jamais é neutro. Ou joga a favor da saúde ou, pelo contrário, contribui para a sua desestabilização e empurra o indivíduo para a descompensação”.

A readaptação é um processo complexo que influencia enormemente a vida do indivíduo; é um processo de ruptura sofrido pelo trabalhador. Contudo, a readaptação pode ser interpretada como positiva, pois o professor afastado de sala de aula cria uma estratégia defensiva contra o “sofrimento” no trabalho (DEJOURS, 2004). Embora a sala de aula seja reconhecidamente um lugar de realização profissional, ela também é o principal espaço de adoecimento e sobrecarga física e mental. Há uma relação de ambivalência, de prazer e sofrimento no trabalho dos professores (MANCEBO, 2007).

Há um forte estigma em relação aos professores readaptados, que sofrem a discriminação de seus pares. Como aponta o resultado da pesquisa de Arbex, Souza e Mendonça (2013), “o pior do processo de readaptação é o tratamento dado pelos colegas, ou seja, o estigma discrimina e inferioriza”.

Nunes, Brito e Athayde (2001) se referem a Goffman (1975) quando este autor afirma que o principal desafio da situação de vida do estigmatizado é a questão da “aceitação”. Conforme os autores, o estigma relacionado ao trabalho afeta a interação no cotidiano laboral, gerando sentimento de insegurança e de impotência no trabalhador. A discriminação se transforma em estigma ao “marcar” o trabalhador readaptado com uma particularidade. No dia a dia, o readaptado é recebido com desconfiança pelos colegas de trabalho por não acreditarem na sua situação, principalmente quando seus males são de origem psíquica, pois a sua dor não é visível, ficando restrita a quem a sente. O indivíduo acometido passa a ser considerado como “armador”. Essa situação pode ocasionar sentimento de culpa e de sofrimento no professor, pela não aceitação da situação de readaptação pelos colegas.

Os números da readaptação docente são alarmantes, e a cada ano a situação vem sendo agravada, como se observa no Gráfico 1, abaixo, que evidencia o aumento de casos de readaptação no estado de Mato Grosso nos anos de 2015 a 2021:

Gráfico 1 - Readaptados em Mato Grosso (2015- 2021)



Fonte: Elaborado pela autora a partir de dados fornecidos pela SEPLAG-MT<sup>2</sup> (2022).

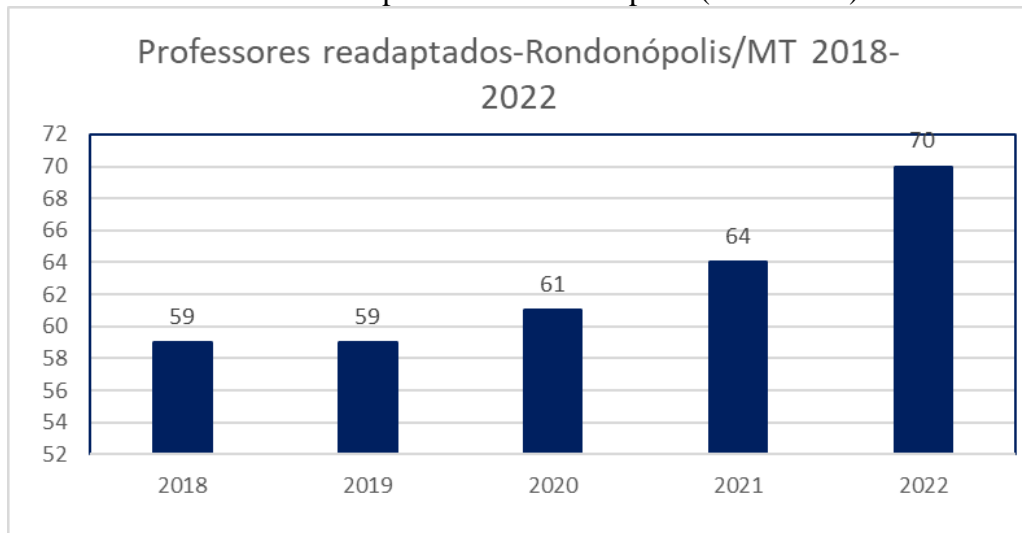
Vale ressaltar que cada Centro de Formação e Atualização dos Profissionais da Educação Básica de Mato Grosso (CEFAPRO), hoje extinto, era responsável pela formação da região a qual pertencia; dessa forma, os dados correspondentes a cada CEFAPRO, no gráfico acima, compreendem um conjunto de municípios pelo qual tal unidade é responsável. No lugar dos Centros de Formação, a partir de 2021, o governo de Mato Grosso instituiu as Diretorias Regionais de Educação (DRE). Destacam-se, no gráfico em tela, os CEFAPROS de Cuiabá, com um total de 2.968 professores readaptados; o de Rondonópolis, com um total de 910; e em terceiro lugar, o de Cáceres, com um total de 746 professores readaptados ao longo de sete anos. É pertinente esclarecer aqui que as informações e dados recebidos não trazem evidência de professor readaptado que fica por vários anos na condição de readaptado e que, portanto, pode ser contabilizado em vários anos.

Constata-se, ainda, que o último ano referenciado, que é 2021, dos 910 professores readaptados da DRE de Rondonópolis, somando os sete anos, ou seja, de 2015 a 2021, 64 se referem aos professores da sede da DRE, readaptados no ano de 2021, ou seja, do município de Rondonópolis, nosso foco na pesquisa.

O gráfico 2 ilustra os dados dos professores readaptados apenas em Rondonópolis, nos últimos cinco anos:

<sup>2</sup> Secretaria de Planejamento e Gestão do Estado de Mato Grosso (SEPLAG-MT).

Gráfico 2 - Professores readaptados de Rondonópolis (2018-2022)

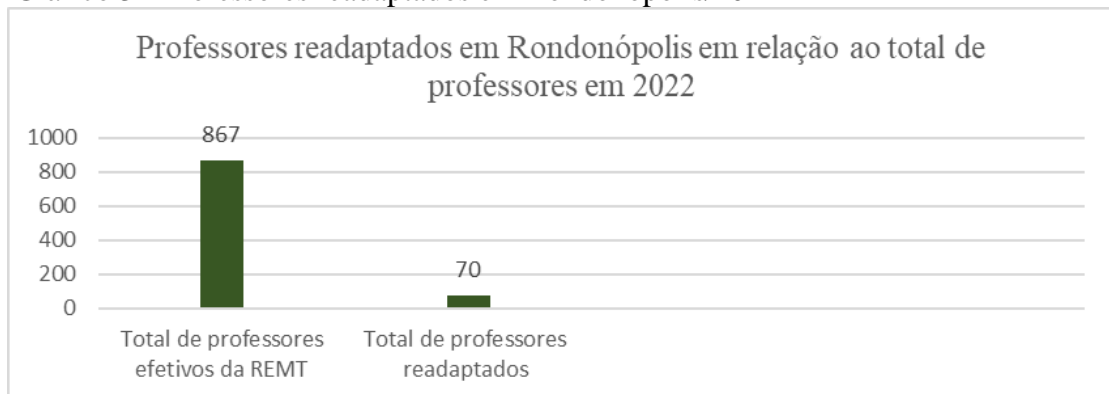


Fonte: Elaborado pela autora a partir de dados fornecidos pela SEPLAG-MT (2022).

Nota-se o quão grave se apresenta a questão da readaptação, com um crescente número de casos de readaptação no município de Rondonópolis no que se refere aos professores que atuam na rede estadual. De 2018 para 2022, em apenas quatro anos, houve um crescimento de 19% nos casos de readaptação, referindo-se aqui apenas ao número de readaptados, ou seja, subiu de cinquenta e nove (59) para setenta (70) o quantitativo de professores readaptados na rede estadual de Mato Grosso e que são lotados em Rondonópolis-MT.

Neste universo, recorte do presente trabalho de pesquisa, o gráfico 3 identifica o quantitativo de professores readaptados lotados em Rondonópolis-MT, no ano de 2022.

Gráfico 3 - Professores readaptados em Rondonópolis/2022



Fonte: Elaborado pela autora a partir de dados fornecidos pela SEPLAG-MT (2022).

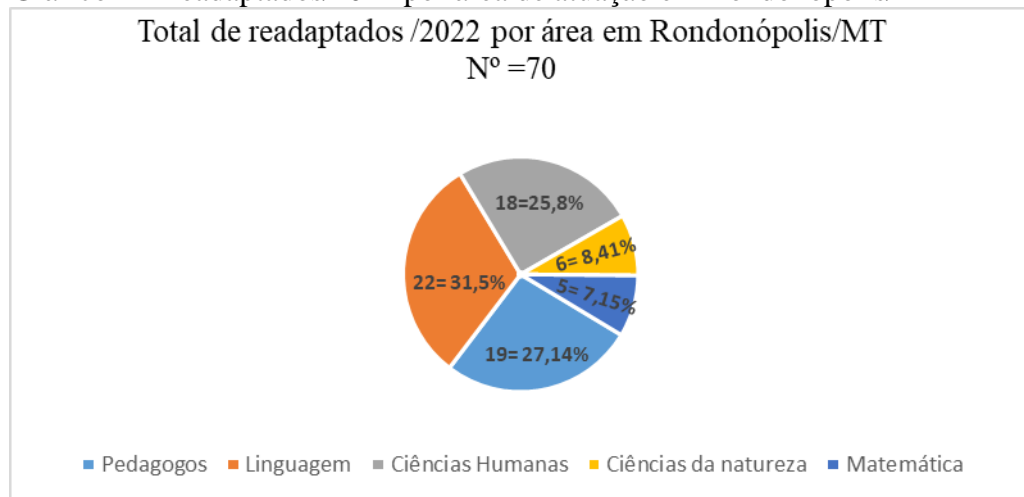
Pode-se constatar que, em valores percentuais, e, portanto, relativos, os readaptados da REMT, lotados no município de Rondonópolis-MT, somam 8,19% do total de professores lotados. Entretanto, se considerados cada um dos **70 (setenta) seres humanos** que estão por

trás desta cifra, a análise não terá o mesmo peso. Não se trata, então, apenas de uma estatística. Trata-se de 70 histórias individuais de adoecimento e transformação, cada uma com suas limitações e possibilidades.

Com base nesse percentual, um tanto quanto elevado, os professores devem ficar em alerta e, mais ainda, provocar uma chamada à reflexão e a tomada de decisões no que tange às políticas públicas por parte do sistema de educação de Mato Grosso. O que se nota, em relação ao quantitativo de readaptações no estado de Mato Grosso, é que esse número ainda não tem chamado a atenção do poder público para a prevenção. O caso é grave, e a cada dia mais e mais professores têm adoecido no exercício da profissão, como ficou demonstrado no gráfico 2.

O detalhamento a seguir (Gráfico 4) diz respeito ao número de readaptados em relação às disciplinas de atuação, porém, aglutinado às grandes áreas:

Gráfico 4 - Readaptados/2022 por área de atuação em Rondonópolis/MT



Fonte: Elaborado pela autora a partir de dados fornecidos pela SEDUC-MT<sup>3</sup>.

Pelo gráfico acima é possível identificar as disciplinas/áreas que mais “perdem” profissionais das salas de aula para o fenômeno da readaptação.

O que se nota é que não há uma área que se destaque mais do que as outras, logo, o adoecimento dos professores não é característica mais evidente em uma determinada área. Os números estão bem próximos, o que permite evidenciar que a readaptação não se concentra em uma determinada área. Percebe-se que a área de maior concentração de readaptados é a Linguagem, com vinte e dois (22) professores, sendo dez (10) que atuavam na disciplina de Língua Portuguesa/Literatura; quatro (04) em Educação Física; três (03) em Inglês; três (03)

<sup>3</sup> Dados tratados a partir do relatório “Relação de professores” fornecido à pesquisadora por e-mail, pela SEDUC-MT/2022.



em Espanhol; e em Artes, dois (02). O destaque aqui se apresenta na disciplina de Língua Portuguesa: dos setenta (70) readaptados, dez (10) ministravam aulas de Português e/ou literaturas. Sabemos que a disciplina de Língua Portuguesa requer um esforço redobrado dos professores, dado ao fato de que as avaliações externas se concentram em medir o conhecimento do aluno em Português e Matemática. Esse desdobramento para dar conta de responder à altura as expectativas do governo, no que se refere aos índices, tem trazido preocupação em demasia para os professores e, conseqüentemente, o adoecimento.

Numa segunda posição aparecem, no gráfico 4, os professores pedagogos. De um total de setenta (70) professores readaptados, tem-se dezenove (19) pedagogos. Diferentemente dos professores de área, os pedagogos ministram conteúdos relativos às diversas áreas do conhecimento para uma mesma turma durante todo o ano letivo. Assim sendo, cada professor pedagogo que é readaptado representa uma turma não atendida, provocando maior impacto sobre o sistema como um todo, diferentemente dos demais profissionais docentes que, por atuarem em disciplinas específicas, acabam por ter contato com um número maior de alunos distribuídos em diferentes turmas atendidas por diversos professores. Por ter sala única, o professor pedagogo cria vínculo afetivo e emocional com os alunos. Ademais, a figura do professor possui, sabidamente, maior importância junto aos estudantes, devido ao tempo que passam juntos. Dessa forma, o impacto da readaptação do professor pedagogo incide igualmente sobre ele e também os alunos, uma realidade que tem trazido sofrimentos para os dois lados: o professor, tentando se adaptar ao processo, à nova função pós-readaptação, e os alunos, a se adaptarem a uma nova professora ou professor.

Ainda de acordo com o Gráfico 4, a área de Ciências Humanas aparece com 26% do total, o que corresponde a dezoito professores que ministravam aulas em História, Geografia e Ciências Sociais. Desse conjunto de dezoito professores, nove (09) são de Geografia, oito (08) de História e apenas um (01) de Ciências Sociais. Já a disciplina de Matemática aparece no gráfico com cinco (05) professores readaptados e a de Ciências da Natureza, com seis (06) professores.

A partir das informações fornecidas pela SEDUC-MT/2022, foi possível levantar dados a respeito dos males que mais acometeram os professores, conforme a Classificação Internacional de Doenças (CID), levando à necessidade de readaptação. Tais dados foram organizados no Quadro 1, a seguir, relacionando os códigos de doença que afetaram os professores readaptados da REMT em Rondonópolis; a sua descrição e a quantidade de professores atingidos. Desse modo, tem-se uma visão panorâmica do fenômeno das principais doenças que levam os professores à readaptação.

Quadro 1 - Doenças apresentadas pelos professores readaptados em Rondonópolis, MT/2022

<b>CID</b>	<b>DESCRIÇÃO</b>	<b>QUANTITATIVO DE PROFESSOR READAPTADO</b>
<b>F.10</b>	Transtornos mentais e comportamentais (uso excessivo de álcool)	01
<b>F.20</b>	Esquizofrenia hebefrênica ou catatônica	02
<b>F.31</b>	Transtorno afetivo bipolar	06
<b>F.32</b>	Episódios depressivos (leves, moderados ou graves)	15
<b>F.33</b>	Transtornos depressivos recorrentes	06
<b>F.41</b>	Transtornos ansiosos	12
<b>F.44</b>	Transtornos dissociativos (de conversão)	01
<b>C.18</b>	Neoplasia maligna do cólon	01
<b>C.50</b>	Neoplasias (tumor maligno da mama)	01
<b>B.91</b>	Sequelas de poliomielite	01
<b>M.23</b>	Transtornos internos dos joelhos-artropatias	01
<b>M.47</b>	Espondilose (compressão da artéria espinhal anterior ou vertebral)	01
<b>M.50</b>	Transtornos dos discos cervicais	01
<b>M.51</b>	Transtornos de discos torácicos	01
<b>M.54</b>	Dorsalgia – dor na coluna torácica	02
<b>M.75</b>	Lesões do ombro	04
<b>M.79</b>	Transtornos de tecidos mole/ síndrome da dor miofascial – osteomuscular	03
<b>G.43</b>	Enxaqueca (comum, clássica, complicada)	01
<b>G.95</b>	Outras doenças da medula espinhal	01
<b>H.90</b>	Perda da audição por transtornos de condução	03
<b>J.37</b>	Laringite e laringotraqueíte	02
<b>J.38</b>	Doenças das cordas vocais e da laringe	02
<b>Q.66</b>	Deformidades congênitas dos pés	01
<b>T.91</b>	Sequelas de traumatismos do pescoço e do tronco	01
<b>TOTAL</b>		70

Fonte: SEDUC-MT, 2022 (organizado pela autora).

O quadro acima demonstra que dos setenta (70) readaptados, vinte e oito (28) se readaptaram por problemas físicos dos mais variados, mas destaca-se que seis (06) deles apresentavam problemas relacionados à coluna vertebral. O que chama bastante a atenção, contudo, é o grande contingente de readaptados por problemas psíquicos. Dos setenta (70)

readaptados, 42 apresentam transtornos das mais variadas formas. Considerando a totalidade de readaptados, esse número representa sessenta por cento (60%) de professores afetados por problemas psicológicos. Mas, se for considerado o total de professores que atuam na REMT em Rondonópolis, a saber, oitocentos e sessenta e sete (867), vê-se que a porcentagem é de 4,9%. Trata-se de um cenário grave, o adoecimento de professores por problemas psíquicos, que não pode ser ignorado.

Tal constatação levanta questões que não se objetiva analisar neste trabalho, mas que remetem à necessidade de continuidade na investigação do tema deste estudo. Algumas questões suscitadas por esse levantamento são: Que fatores estariam relacionados a estes tipos de adoecimentos? O que torna os transtornos psíquicos os principais causadores de readaptações na categoria, superando doenças como coluna/lesões/LER e distúrbios de voz, que estariam mais diretamente relacionadas ao desenvolvimento das atividades docentes?

Diante do quadro apresentado e das constatações, verifica-se que é preciso buscar as “causas das causas” da readaptação, ou seja, o que promove determinados tipos de adoecimentos, sejam eles de cunho físico ou psicológico. Ainda, se faz necessária uma reflexão sobre o adoecimento que não deve ser visto de forma isolada e descontextualizada. Nessa perspectiva, é preciso considerar o adoecimento no ambiente escolar como manifestação de desequilíbrio que, fragilizado em suas interações, contribui para a composição desse quadro.

Os estudos de Garcia (2019) revelaram que não há, por parte das secretarias estaduais ou municipais de educação do País, uma preocupação com a saúde física e mental dos professores e que não são realizadas avaliações visando detectar qualquer tipo de adoecimento da categoria.

A subseção subsequente destina-se a apresentar e discutir as normas e leis que fundamentam o processo de readaptação de função dos professores da rede estadual de Mato Grosso.

### **6.1 A readaptação docente – sustentação legal no âmbito federal e estadual**

A readaptação, como direito jurídico, não é um item específico da Constituição Federal Brasileira, mas recebe sua aplicação com base nos direitos do segurado previdenciário, previstos no parágrafo 21, do artigo 40, da Carta Magna de 1988.

Apesar disto, em se tratando de jurisprudência pátria e ao buscar informações na Constituição Federal (BRASIL, 1988), constata-se que não há uma instituição legal da Readaptação Funcional. O que se observa é que as constituições brasileiras anteriores previam

somente o “reaproveitamento” de funcionários em outras funções que não fossem as de origem dos cargos.

A readaptação foi estabelecida em 12 de julho de 1960 pela União Federal, que efetivou, entre outras medidas, normas para o servidor em situação de desvio de função. Entre estas normas estão: os desvios de função por mais de dois anos, advindos e subsistentes, por necessidade absoluta de serviço; os desvios de função exercidos permanentemente; os desvios de função em atribuições de cargo de origem e apenas comparáveis aos afins, variando somente de responsabilidade e de grau; o desvio de funções em que os funcionários possuam as necessárias aptidões e habilitações para o desempenho regular do novo cargo em que deve ser classificado (SINSERCA, 2012, s/p).

Em 1967, a Constituição previa o “obrigatório aproveitamento do servidor em cargo equivalente”. A promulgação da Lei 5.645 (BRASIL, 1970), que definiu o servidor público readaptado, possibilitou a interpretação mais assertiva de seus direitos. A Constituição de 1988, Art. 41, traz a inserção do servidor em cargos diferentes, para seu reaproveitamento.

Nesse sentido, muito se discutiu e várias emendas foram propostas para legalizar e fazer valer os direitos do funcionário readaptado, até que, em 2005, a Emenda Constitucional nº 47 (BRASIL, 2005), ratificou emendas anteriores e ressaltou a diferenciação nos critérios para aposentadoria e para o exercício de outras funções profissionais para aqueles que prejudicaram sua saúde em função da atividade laboral.

Desde 1934, como esclarece Antunes (2014), a readaptação é um direito que faz parte da legislação e vem sendo oferecido aos servidores, confundido, muitas vezes, com afastamento ou licenças médicas. Atualmente é regida pelas seguintes condições:

- a) Ser servidor efetivo;
- b) Que o servidor tenha sofrido superveniente (após a posse e exercício) limitação de sua capacidade física ou mental, em decorrência de moléstia profissional;
- c) A limitação seja apurada por inspeção médica oficial;
- d) A limitação comprometa ou impossibilite de exercer funções dos respectivos cargos;
- e) A limitação não impossibilite o exercício de outras funções, no âmbito da administração pública;
- f) A readaptação deverá ser feita nos moldes do § 2 do art. 24 da Lei nº 8.112/90 na redação oferecida pela Lei nº 9.527, de 10/12/97, sob pena de inconstitucionalidade. (ANTUNES, 2014, p. 28).

O servidor público é o principal ator em se tratando da Administração pública e o termo utilizado para designá-lo, *lato sensu*, nomeia as pessoas físicas que, vinculadas profissionalmente ao estado e aos órgãos da Administração Indireta, possuem vínculo empregatício e percebem remuneração paga pelos cofres públicos (ALEXANDRINO; PAULO,

2008). Possuem também regimento de trabalho, que contém direitos e obrigações estabelecidos em estatuto próprio, que, conceitualmente, é ditado pelo artigo 37, II, da Constituição Federal de 1988, que consta:

Art. 37. A administração pública direta e indireta de qualquer dos Poderes da União, dos Estados, do Distrito Federal e dos Municípios obedecerá aos princípios de legalidade, impessoalidade, moralidade, publicidade e eficiência e, também, ao seguinte:

I – Os cargos, empregos e funções públicas são acessíveis aos brasileiros que preencham os requisitos estabelecidos em lei, assim como aos estrangeiros, na forma da lei; ou de provas e

II – A investidura em cargo ou emprego público depende de aprovação prévia em concurso público de provas ou de provas e títulos, de acordo com a natureza e a complexidade do cargo ou emprego, na forma prevista em lei, ressalvadas as nomeações para o cargo em comissão declarado em lei de livre nomeação; [...] (BRASIL, 1988).

A Lei nº 8.112, de 11 de dezembro de 1990, que regulamenta as relações jurídicas entre os servidores públicos estatutários e a Administração Pública Federal, conceitua a Readaptação Funcional em seu artigo 277:

Art. 277. Ao servidor efetivo que sofrer redução da capacidade laboral, comprovada em inspeção médica, devem ser proporcionadas atividades compatíveis com a limitação sofrida, respeitada a habilitação exigida no concurso público.

Parágrafo único. O servidor readaptado não sofre prejuízo em sua remuneração ou subsídio (BRASIL, 1990).

A Lei nº 8.112/90 ou Estatuto do Servidor Público foi criada em 1990 e atualizada em 1997 pela Lei 9.527/97 (BRASIL, 1997) em 10/12/1997, a qual altera a redação do § 2º - “A readaptação será efetivada em cargo de atribuições afins, respeitada a habilitação exigida” e passa a ter uma redação mais ampliada: “§ 2º A readaptação será efetivada em cargo de atribuições afins, respeitada a habilitação exigida, nível de escolaridade e equivalência de vencimentos e, na hipótese de inexistência de cargo vago, o servidor exercerá suas atribuições como excedente, até a ocorrência de vaga”.

No que tange especificamente ao Estado de Mato Grosso, o Estatuto do Funcionalismo Público de Mato Grosso, Lei nº 04/90 traz, em seu artigo 30 a seguinte afirmação: “Readaptação é a investidura do servidor em cargo de atribuições e responsabilidades compatíveis com a sua limitação que tenha sofrido em sua capacidade física ou mental verificada em inspeção médica.”. E retrata, em seus incisos, o seguinte:

§1º Se julgado incapaz para o serviço público, o readaptando será aposentado, nos termos da lei vigente.

§2º A readaptação será efetivada em cargo de carreira de atribuições afins, respeitada a habilitação exigida.

§3º Em qualquer hipótese, a readaptação não poderá acarretar aumento ou redução de remuneração do servidor (MATO GROSSO, 1990).

A Lei Complementar - LC nº 04/90 de 15 de outubro de Mato Grosso, já anteriormente citada, sofreu ao longo dos anos diversas modificações, dentre as quais destacam-se: LC nº 12/92, LC nº 33/94, nº 42/96, LC nº 59/99, nº 68/00, LC nº 662/2020, nº 692/21, LC nº 724/2022 e a mais atual, LC nº 738/2022.

Acerca das modificações ocorridas ao longo dos anos, a partir da Lei Complementar nº 04/90, a que se refere propriamente à temática da readaptação figura na Lei nº 12/92, sendo a primeira alteração, de modo que seu artigo 265 passa a ter a seguinte redação: Artigo 265 “É vedado o desvio de função de pessoa contratada, na forma desse título, sob pena de nulidade do contrato e responsabilidade administrativa e civil da autoridade contratante”.

As outras leis trazem modificações que não dizem respeito à readaptação.

Apesar de o termo poder ser empregado em vários contextos, no caso desta pesquisa significa que o professor que passa por uma junta médica (perícia) e que é compelido a se readaptar, é porque não se encontra mais na condição de exercer atividades normais e cotidianas de docência.

## **6.2 Os projetos do governo de Mato Grosso acerca da readaptação**

Quanto aos projetos do governo estadual para atender a demanda de profissionais adoecidos e ou readaptados, a partir do ano de 2021, ressalta-se dois: Plano Estadual de Readaptação do Profissional da Educação (PERPE) e o Programa Educação para Redução do Absenteísmo (ERA).

O PERPE da Secretaria de Estado de Educação de Mato Grosso é um projeto instituído na Portaria 349/2021/GS/SEDUC/MT (MATO GROSSO, 2021) que tem como objetivo a reinserção do servidor, de acordo com suas capacidades laborais, no âmbito da SEDUC/MT e dá outras providências. Esta Portaria possui nove artigos, dos quais salienta-se três:

Art. 1º Instituir, no âmbito da Secretaria de Estado de Educação de Mato Grosso, Plano Estadual de Readaptação do Profissional da Educação – PERPE, com finalidade de acolher e acompanhar o servidor em situação de readaptação funcional, que tiver por meio de inspeção médica oficial a confirmação documental de restrição às atividades laborativas (doença física ou mental) no cargo provido, objetivando o restabelecimento da saúde e reinserção ocupacional/laboral.

Art. 2º O Comitê Setorial de Saúde e Segurança no Trabalho – CSSST/SEDUC, composto por profissionais: Psicólogo, Assistente Social, Educador Físico, Pedagogo, Médico, Enfermeiro, Nutricionista, Fisioterapeuta, Engenheiro de Segurança do Trabalho, Fonoaudiólogo e Psicomotricista, que executará o Plano Estadual de Readaptação do Profissional da Educação – PERPE.

Art. 3º A equipe multiprofissional do Comitê Setorial de Saúde e Segurança no Trabalho desenvolverá atividades para a inclusão sociolaboral, no que tange à proposição da plenitude da capacitação dos servidores readaptados, utilizando as seguintes intervenções: I – Laboral; II – Ergonomia e Ergo psicomotricidade; III- Soco emocional; IV- Psicossocial; V- Bem-Estar; VI- Ensino em Saúde Vocal; VII- Vida Saudável; VIII- Planejamento Pessoal e Profissional; IX – Desenvolvimento Pessoal e Laboral; X- Aposentadoria Saudável – PPAS (MATO GROSSO, 2021).

Conforme a supracitada Portaria, o PERPE será executado no âmbito da SEDUC/MT observando alguns fluxos, com destaque para:

I – realizar levantamento/relatório quinzenal para análise de inconsistência ou concomitância de servidores que se encontram em readaptação de função utilizando sistemas/plataformas da SEDUC/MT; II – realizar o acolhimento de dados dos servidores em readaptação de função para acompanhamento, conforme o CID (Classificação Internacional de Doenças), separando-os em grupos, para posterior atendimento pelo profissional de perfil de competência técnica exigido para o pleito, emitindo ficha individual do servidor readaptado, discriminando sua capacidade laborativa; III – elaborar Plano de Ação que possibilite o acompanhamento, monitoramento e que valorize o servidor readaptado, integrando-o na equipe de trabalho, nas rotinas e fluxos existentes; IV – realizar o monitoramento/acompanhamento do servidor em readaptação de função pelo período de 12 (doze) meses; V – o Comitê Setorial de Saúde e Segurança no Trabalho/SEDUC emitirá Relatório Final (laudo de acompanhamento) e encaminhará à Coordenadoria de Perícia Médica - SEPLAG para validação (MATO GROSSO, 2021).

Todavia, vale ressaltar que muitas das ações propostas no Plano não se efetivam, existindo um verdadeiro turbilhão de e-mails disparados pelos profissionais com a intenção de efetivá-lo. No entanto, são poucos profissionais para muitos servidores adoecidos e readaptados. Dessa forma, vê-se esse plano também como uma falácia para os readaptados.

O Programa Educação para Redução do Absenteísmo (ERA) é um programa que propõe ações específicas de intervenção e prevenção formuladas para reduzir o alto índice de absenteísmo, afastamentos para tratamento de saúde e readaptação de função, problemas estes que resultam em prejuízos pessoais, profissionais, sociais e econômicos, como destacado no programa.

Percebe-se que a preocupação maior não incide no profissional, em querer saber como e por que o servidor está adoecendo. O foco principal está na diminuição do fluxo de licenças, bem como da readaptação.

### 6.3 A normatização do processo de readaptação no estado de Mato Grosso

A Readaptação Funcional é um direito garantido pela Lei Complementar nº 04 de 15 de outubro de 1990, publicada no Diário Oficial de 15/10/1990, que regulamenta o Instituto Jurídico da Readaptação de Servidores Públicos, Estaduais, Civil e Militares da Administração Direta, Autárquica e Fundacional e dá outras providências e dispõe sobre o estatuto dos servidores públicos da administração direta do Estado de Mato Grosso e tem por objetivo a reintegração, ao quadro de funcionários, dos servidores efetivos que se afastaram temporariamente das suas funções por problemas de saúde físico e/ou mental.

Para abordar a temática da readaptação funcional de professores em Mato Grosso é forçoso retomar a construção histórica relativa à evolução das conquistas dos trabalhadores, quanto a sua organização e melhoria das condições de trabalho.

A legislação aparece como decorrência formal do reconhecimento da necessidade de se estabelecer alternativas que permitam a continuidade daqueles que, por razões as mais diversas, tiveram sua capacidade laborativa limitada. A readaptação funcional propriamente dita figura, portanto, entre as conquistas do trabalhador do setor brasileiro.

Diante do quadro apresentado, a readaptação funcional configura-se, então, como resposta, na tentativa de readequar a atuação funcional do trabalhador acometido pelo adoecimento e limitação para o desempenho de suas atividades.

Em Mato Grosso, os passos para a readaptação são os seguintes:

1º Passo: Para que o professor consiga se readaptar, ele passa por um calvário. Após ser diagnosticado por uma doença que o deixa limitado física ou psicologicamente, por seu médico especialista na área, começa o martírio de passar pela perícia.

2º Passo: De posse do atestado do médico com o código CID, pedindo sua readaptação, o profissional precisa marcar, junto à perícia médica, a sua consulta para a efetivação da readaptação. Muitas vezes esse processo é demorado e penoso. O médico perito pode aceitar ou contestar o pedido do médico especialista. Isto gera desconforto e muito incômodo para quem, além de estar doente, precisa passar por essas humilhações. Em casos de prorrogação da readaptação funcional, procede-se da mesma forma como na primeira solicitação.

3º Passo: O procedimento padrão para iniciar o processo de readaptação funcional prevê avaliação médica com especialista, de acordo com o problema de saúde do servidor, para que seja concedida ao servidor uma declaração da necessidade de readaptação; ir à escola de origem para obter um encaminhamento padrão para perícia, marcar a consulta e avaliação com



o perito no local onde funciona a junta médica. Uma vez percorrido todo esse calvário, o profissional dirigirá-se à sua escola e apresentará o veredito do médico perito, que poderá cancelar o pedido do médico especialista no total de meses pedido ou mudar o período da readaptação. A readaptação pode ser concedida por até seis meses ou por um período de um ano. Logo, esse profissional deve estar em constante avaliação e acompanhamento dos peritos, que definem se o readaptado poderá voltar ou não a exercer sua função inicial.

Neves e Nunes (2010) criticam a forma como é realizada a readaptação pelos médicos-peritos: sem avaliar as questões gerais do trabalho e o processo de adoecimento. Os autores observam que não existe coerência nas ações dos peritos, pois não há uma atitude investigativa que busque os determinantes que geram adoecimento no trabalho, além da postura passiva do trabalhador, que não participa do processo decisório. Todas essas ponderações apontam para a necessidade de maior qualificação dos médicos-peritos com vistas à humanização do atendimento ao trabalhador, usuário do serviço, que deveriam considerar seu paciente como “sujeito”. É explícita a ausência de uma política de saúde no trabalho, pensada numa perspectiva de inclusão dos readaptados.

Há alguns estados que possuem a readaptação permanente, que ocorre quando o servidor é acometido de alguma doença irreversível. No caso do estado de Mato Grosso, independentemente da gravidade do problema de saúde, a readaptação é renovada a cada seis meses ou um ano, podendo essa situação perdurar por anos e anos.

Constatada a incapacidade do servidor para as atribuições do seu cargo e deferida a readaptação, a gestão, juntamente com o interessado, atribuirá uma nova função para o professor readaptado, dentro das limitações impostas pela doença ou lesão. O que nem sempre acontece. Salienta-se, aqui, o escrito, o dito e o feito de Gracindo (1994), que é preciso mais praticidade no desenvolvimento dos projetos e planos do governo para o professor readaptado. É necessário, de fato, que a política estadual de Mato Grosso para a educação se efetive buscando uma melhoria no quadro de adoecimento e readaptação dos profissionais.

Após a readaptação, o sujeito é lotado em outra função dentro do espaço escolar ou no serviço público em geral. Atualmente, muitos desses profissionais são direcionados a cargos como: auxiliares de bibliotecários, auxiliares de coordenação e na própria coordenação ou em outras funções indicadas pela gestão escolar.

A readaptação, assim, terá início e fim determinado, quando oficializada, mediante publicação em diário oficial, que, no caso de Mato Grosso, é a Imprensa Oficial de Mato Grosso (IOMAT).

Na SEDUC/MT as atribuições que serão executadas pelo professor readaptado estão pautadas no diário nº 28.003 de 20/05/2021, p. 17, na Portaria Nº 349/2021/GS/SEDUC/MT, que dispõe sobre a execução do Plano Estadual de Readaptação do Profissional da Educação – PERPE, objetivando a reinserção do servidor, de acordo com suas capacidades laborais no âmbito da Secretaria e dá outras providências:

O Anexo I da Portaria acima citada trata das atribuições do servidor em readaptação de função, no cargo de professor, determinando o que segue quanto às suas atribuições;

- 1 – Participar da formulação de políticas educacionais nos diversos âmbitos do Sistema Público de Educação Básica;
- 2 – Elaborar planos, programas e projetos educacionais no âmbito específico de sua atuação;
- 3 – Participar da elaboração do Plano Político – Pedagógico;
- 4 – Desenvolver a regência efetiva;
- 5 – Controlar e avaliar o rendimento escolar dos alunos;
- 6 – Executar tarefa de recuperação de alunos;
- 7 – Participar de reunião de trabalho;
- 8 – Desenvolver pesquisa educacional;
- 9 – Participar de ações administrativas e das interações educativas com a comunidade (MATO GROSSO, 2021).

Dentre as várias funções que podem ser atribuídas ao professor readaptado, duas sobressaem: desenvolver a regência efetiva e executar tarefa de recuperação de aluno. Se o professor está readaptado por problemas de saúde e deve se afastar da regência de sala de aula, como ele irá desempenhar a função de regência efetiva? Essa atribuição, acredita-se que não tenha sido pensada para promover a recuperação do professor readaptado; executar tarefa de recuperação de alunos, o que também é uma atividade inadequada para quem está doente e em busca de uma recuperação. A pergunta é: Como recuperar a aprendizagem de alunos, se, enquanto readaptado, o professor também está em busca de alguma recuperação para si? Eis mais um exemplo da falácia da readaptação; uma comprovação do escrito, do dito e do feito, ou seja, a readaptação é vista pelos órgãos do governo como um problema aquém da educação.

Na verdade, estas atribuições destinadas aos professores readaptados, na maioria das vezes, não se efetivam. O que se constata, por meio das narrativas dos participantes da presente pesquisa, é que eles ficam à mercê da gestão da escola e, por vezes, executam tarefas que nem sempre estão no rol das atividades previstas.

No que se refere às atribuições 4 e 6 no rol de atividades propostas pela SEDUC/MT, chama a atenção a intenção de maquiar a readaptação, dando para o professor readaptado uma

função que ele já exercia e que, de certa forma, o levou ao adoecimento e à readaptação. No caso da atribuição 4, como desenvolver efetivo exercício da docência, se o professor está limitado em suas funções? E no que diz respeito à atribuição 6, como executar tarefa de recuperação de aluno, se para desenvolver essas atividades o professor tem que estar pleno de saúde? Essa só é mais uma demonstração de que as leis e as propostas vindas da SEDUC/MT se caracterizam pelo que defende e denuncia Gracindo (1994), que se refere às leis como o escrito, o dito e o feito. Ou seja, as leis existem, mas a sua aplicabilidade nem sempre se efetiva; é possível inferir, ainda, que esse direito do profissional adoecido é permeado de perversidade.

Uma outra observação a ser feita, no que se refere ao rol de atividades propostas para o professor readaptado, é a inobservância do próprio professor readaptado acerca de seus direitos e deveres. Frequentemente, fazem trabalhos que não contribuem para a sua reabilitação, como forma de não desagradar gestores e colegas. Essas vivências diárias no cotidiano do professor readaptado são o assunto do próximo tópico.

#### **6.4 As vivências da/na readaptação**

Diante de todos os dissabores, a readaptação não é sentença no sentido de penalidade, pois, felizmente, é amparo legal para o adoentado, porém, traz consigo desígnios de sentença no sentido de decisão, ou seja, de busca de qualidade de vida. Estar readaptado oferece ao profissional a dignidade de procurar por auxílio médico sem ter que se preocupar com dezenas de cidadãos à espera de uma aula de qualidade; é poder otimizar melhor seu tempo em atividades físicas e de lazer, quando ainda lhe resta um pouco de ânimo e persistência, visto que quando se é regente, muitas atividades são levadas para serem realizadas em casa.

Ser professor, com amparo da readaptação, é, depois ou em meio ao sofrimento e à dor, poder implementar “políticas internas em suas próprias vidas”, comprometendo-se com a atenção ao seu organismo, com o cuidado e zelo pela sua própria vida; é poder garantir a diminuição dos fatores estressores no seu cotidiano laboral; é procurar o equilíbrio do corpo e da alma quando não é mais possível tê-lo dentro de quatro paredes, do quadro negro ou branco e do giz ou do pincel.

Mediante a tantos desacordos, experienciados cotidianamente no ambiente de trabalho, o próprio professor, amparado pela readaptação, passa a vivenciar os conflitos, por meio do sentimento de inutilidade, de incompreensão e da falta de cooperação entre os colegas de trabalho como também da gestão.

É possível pensar que não há políticas públicas voltadas à prevenção da saúde do docente e que a doença ocupacional é o mal que acomete sem dó a categoria. Ademais, quando se compara os malefícios e os benefícios da readaptação, sabendo que não existem ações que reabilitam e/ou integram de fato o profissional, a readaptação está fadada a fracassar ou, ainda, dificultar a recuperação do profissional nessa situação.

Desejar-se-ia pensar diferente, mas a readaptação foi criada para que o servidor público não continuasse em licenças de saúde constantes, mesmo identificando que a maioria dos professores readaptados está nas escolas exercendo funções diversas da sua formação, suprimindo faltas de funcionários específicos, sem uma proposta coerente de integração com educadores ou uma proposta de reabilitação funcional relacionada à sua formação e habilitação.

Somente o readaptado pode mensurar o seu problema, portanto, ele se obriga a buscar meios de “viver bem ou melhor” e de adaptar-se a sua nova função, para, assim, conseguir uma maior qualidade de vida, com menos dor ou, pelo menos, com mais amparo para tratar a sua dor e, neste caso, o estado de readaptação funcional é o grande aliado em sua vida profissional.

A readaptação do professor talvez possa ser vista como uma “sentença”, não no sentido de punição, mas no sentido de decisão, visto que a mesma é capaz de estimular o profissional a buscar uma melhoria na qualidade de vida, saindo do espaço que pode ter ocasionado o seu adoecimento, em busca de um outro espaço no ambiente escolar que contribua para sua recuperação.

É necessária a observância da competência do servidor por ocasião da sua readaptação. Isso porque, mesmo em uma condição especial, de limitação parcial da sua capacidade laboral, o professor readaptado ainda pode contribuir de forma eficaz para com o processo educacional, desde que lhe seja dada a oportunidade de desempenhar suas atividades em local que permita melhor adaptação a sua peculiar situação.

Entretanto, o que acontece, na maioria das vezes, é justamente o contrário. O servidor readaptado torna-se um faz-tudo na escola, por vezes, prejudicando ainda mais a sua saúde já comprometida. Isso se deve ao fato de não querer se sentir inútil ou esquecido em um canto qualquer da escola.

A readaptação funcional que, a priori, se constitui como “uma solução” para resolver os problemas relacionados à saúde enfrentados pelos professores, carrega, em seu bojo, outras situações de ordem profissional e socioafetiva que, dificilmente, são consideradas na hora de fazer a inserção desse profissional na nova função a ele designada. Esses fatores de ordem pessoal, a princípio, podem ser reforçados pelo contexto e os demais segmentos (gestores, professores, alunos, pais) passam a ver esse professor depois da sua reinserção no trabalho.

Muitos fatores vivenciados no processo de readaptação são invisíveis àqueles que não passam por esta experiência. Subjetivamente, ele precisa lidar não somente com seus problemas orgânicos, que provocaram seu afastamento da sala de aula, mas também com as próprias representações que adquire sobre si e perante aos outros.

Reitera-se que a readaptação não pode e nem deve ser vista como uma sentença ou uma penalidade. Na verdade, é um amparo legal, só que é um amparo que traz consigo estigmas e preconceitos sociais que penalizam, que julgam, que fazem com que o profissional readaptado tenha que lutar para vencer a discriminação (que ainda é velada) e a “sentença” de que ele é um “encostado”, para conseguir buscar uma melhoria no seu quadro de saúde, já que este é o seu objetivo principal.

Dessa forma, as vivências na readaptação funcional se configuram como um arranjo. Apesar do rol de atividades proposto pelo órgão responsável, na maioria das vezes, as funções exercidas pós-readaptação são interpretadas pelos próprios professores readaptados como aquém das suas capacidades. As vivências como readaptado apontam para uma contribuição ainda pouco eficaz, sinalizando uma subutilização dessa “mão de obra” qualificada para o processo pedagógico, mas marginalizada neste processo de readaptação. As atividades exercidas pelo professor readaptado, na prática, são como dito acima, aquém de suas capacidades: apoio à coordenação e à direção (sem muito destaque), trabalho na biblioteca, como agente de pátio, supervisor do espaço e ambiente escolar, suporte à secretaria, entre outros. Atendem a demandas do cotidiano na escola, para as quais, na ausência de uma designação específica, são normalmente indicados os professores readaptados, o que tem trazido, para estes, a sensação de inutilidade.

### **6.5 A perceptível falácia da readaptação na legislação de MT**

Embora a readaptação funcional tenha o objetivo de promover a reintegração dos docentes afastados por problemas de saúde ao contexto escolar, com outras atribuições de atividades compatíveis com a limitação sofrida em sua capacidade física, emocional ou psíquica, entende-se, a partir da hipótese deste estudo, que essa nova condição se apresenta como fator de ruptura total da identidade profissional de docente em regência de classe, uma vez que a prática social define a identidade num contexto, e que essa “nova” identidade profissional de docente readaptado, em alguma medida caracterizado e estigmatizado por preconceito e discriminação, tem feito com que o profissional que se vê nessa condição se culpabilize a si mesmo e se sinta desvalorizado socialmente. Na maioria das vezes, essa

atribuição fica apenas no aspecto burocrático, como uma determinação da SEDUC. E o professor readaptado, com receio de parecer inútil, acaba por executar algumas funções não inerentes às funções de professor, o que, muitas vezes, tem causado comprometimentos à sua saúde. Como foi visto anteriormente, as funções determinadas, por meio de um projeto, visam a recuperação do servidor. Mas, também como já foi dito, às vezes, isso é uma falácia. Essa é uma das razões pela qual a readaptação não se efetiva.

Em Mato Grosso, vivencia-se essas falácias na readaptação no que concerne a benefícios. O professor readaptado fica sujeito ao não, na maioria das políticas públicas direcionadas aos demais professores.

Além de todas as mazelas de crise identitária do professor, esse problema se agrava ainda mais diante da perda de alguns direitos, que decorre do fato de estar na condição de readaptado. No estado de Mato Grosso, os professores readaptados sofrem com a discriminação e o não reconhecimento de sua atuação como ação docente.

Cita-se, nesse sentido, alguns dos direitos perdidos ou não concedidos, como consta em Portarias, Leis e Decretos. Começando pelo não direito ao recurso para compra de computadores e o incentivo financeiro para pagamento de Internet, que está na redação Lei nº 11.327 de 24 de março de 2021, no seguinte artigo:

Artigo 6º: Não receberão o benefício mencionado no caput do artigo 2º:

- I- Os professores que se encontram em licença sem ônus;
- II- Os professores cedidos com ou sem ônus ao órgão de origem;
- III- Os professores em licença para qualificação profissional;
- IV- Os professores em **readaptação** (MATO GROSSO, 2021, grifo nosso).

Ainda, o professor readaptado não tem direito à licença-qualificação, como se a sua condição de readaptado fosse uma condição permanente, razão pela qual não seria importante para ele buscar novos horizontes e aprendizados, como condição, inclusive, de valorização. Essa negativa para a qualificação se encontra no artigo 5º, no tópico XV da Instrução Normativa 002/2021, datada de 03/02/2021, com a seguinte redação:

Art. 5º - O Afastamento, a Dispensa ou a Licença para Qualificação Profissional no âmbito da Secretaria de Estado de Educação será concedida para os cursos de pós-graduação stricto sensu em nível de Mestrado e Doutorado, efetivando-se por meio de publicação do Ato no Diário Oficial do estado, conforme exigências Legais, observando-se ainda:

XV- Não estar em readaptação ou licença saúde por período igual ou superior a 90(noventa) dias, de forma contínua ou não, nos últimos dois anos (MATO GROSSO, 2021).

Por muito tempo, não bastasse a perda dos direitos acima citados, os professores readaptados passavam por uma outra contrariedade, no decorrer de sua trajetória. Uma vez readaptados, não tinham o direito a 45 (quarenta e cinco) dias de férias, assim como os demais professores, contando com somente 30 (trinta) dias de férias, não sendo, portanto, permitido o gozo de (15) quinze dias de férias ou recesso no término do primeiro semestre letivo. Amparavam-se na seguinte Lei para tolher mais uma vez os direitos desses professores:

Lei Complementar 104/02, no Capítulo II em seu artigo nº 54. O professor e os demais profissionais em efetivo exercício do cargo gozarão de férias anuais:  
De 45 (quarenta e cinco) dias para professor, sendo:  
a) 15 (quinze) dias no término do 1º semestre previsto no calendário escolar;  
b) De 30 (trinta) dias no encerramento do ano letivo de acordo com o calendário escolar (MATO GROSSO, 2002).

Esta redação “**em efetivo exercício do cargo**” tirava o direito do professor readaptado de usufruir dos 15 dias de recesso no término do primeiro semestre. Coloca-se o verbo tirar no pretérito, uma vez que, depois de muitos anos dessa prática, de negar esse direito, no ano de 2022 foi concedido aos professores readaptados, juntamente com todos os demais professores, o direito de usufruir de quinze dias de recesso em julho, de acordo com a Portaria 743/2021 de 22/11/2021-MATO GROSSO que traz a seguinte redação em seu artigo 5º:

Caberá ao Secretário da Unidade Educacional, Diretor ou TAE lotado na DRE registrar, no SIGeduca/GPE, as férias coletivas de todos os servidores efetivos atribuídos, inclusive readaptados, permutados e em regime de colaboração/cooperação técnica, até a data de 26/11/2021 (MATO GROSSO, 2021).

Um estudo sobre a readaptação que demonstrou a existência de consequências punitivas foi o de Arbex, Souza e Mendonça (2013), com professores readaptados da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), evidenciando que os docentes readaptados possuem menores chances de receberem bolsas concedidas pela Universidade, pois um dos critérios de avaliação é atividade em sala de aula.

Outra falácia no que concerne à readaptação é a realidade do Projeto Político Pedagógico (PPP) das escolas. Das quatro escolas pesquisadas, locais onde trabalham os colaboradores desta pesquisa, nenhuma possui, em seu PPP, alguma referência ao professor readaptado. Aparece apenas enquanto número, ou seja, se referem ao quantitativo de professores num geral e especificam o quantitativo de readaptados, sendo eles Técnicos Administrativos Escolares (TAE), ou o Apoio Educacional (AE).

Comprova-se, assim, a invisibilidade com que é tratado o professor readaptado. Ignorado na teoria e na prática, o que colabora para a estigmatização do professor.

Um outro problema que também o professor readaptado atravessa é a questão da atribuição de aulas. Nos últimos três anos – 2020, 2021 e 2022 –, foi negado a esse profissional o direito de atribuir aulas para o ano subsequente. Questiona-se, nessa atitude, o seguinte: se a gestão acredita na readaptação proposta pelo sistema, porque ela não permite o direito de o professor de atribuir aula? Que julgamento pode-se ter sobre a readaptação trabalhada, se na escola não se evidencia a política de readaptação e reinserção do professor ao trabalho?

Em face do exposto, o que se observa, mesmo o professor readaptado tendo alcançado determinada colocação na pontuação automaticamente emitida pelo sistema, cujos pontos são contos segundo critérios de classe (sua habilitação, especialização, mestrado ou doutorado) e de nível (tempo de efetivo exercício), é que essas pontuação e classificação não são respeitadas, uma vez que o professor readaptado não escolhe aulas e/ou turmas, ficando limitado a escolher uma das funções que podem ser desenvolvidas pelo readaptado, conforme o previsto nos documentos oficiais. Assim sendo, se por ventura, o professor readaptado no ano vigente, não continuar em readaptação no próximo ano, seu direito de escolha de aulas ficará bem comprometido, uma vez que, possivelmente, as aulas que pertenciam ao professor que está readaptado serão direcionadas para um outro professor efetivo. Nessa condição, se tiver que retornar para a sala de aula, muito provavelmente, terá sua carga horária fracionada, sendo um pouco em cada escola, devido ao fato de todos os professores já terem escolhido suas aulas. O professor readaptado que tiver que retornar à sala de aula ficará à deriva, em três, quatro escolas diferentes, o que pode contribuir para que seu adoecimento retorne, em algum momento.

Diante das falácias que permeiam a situação do professor readaptado, compreende-se que o poder público enfrenta essa questão como mero problema burocrático de competência do setor de Recursos Humanos e como um problema gerencial no âmbito das escolas, não como uma questão de saúde coletiva dos trabalhadores da Educação.

De acordo com as narrativas de alguns professores readaptados, a readaptação se constitui um direito no discurso, e, na prática, como uma realidade dolorosa, que não tem se efetivado como uma medida de intervenção para a recuperação da saúde dos beneficiados.

A falácia da readaptação, de acordo com as falas dos participantes, é percebida como um direito que não se aplica devidamente ou de forma eficaz. Às vezes, readapta-se por problemas físicos e, diante das vivências da e na readaptação no dia a dia no âmbito escolar, acaba por adoecer com problemas psicológicos, devido às recusas, à invisibilidade, à inobservância e o descrédito da real capacidade pedagógica do professor readaptado.

A readaptação de professores tem sido temática de vários trabalhos na última década. Nota-se que o adoecimento e, como consequência, a readaptação, têm chamado a atenção de



vários profissionais, sobretudo na área da Educação, seguida pela Psicologia, Enfermagem e também da Assistência Social. Com o intuito de mapear as pesquisas mais recentes acerca da temática, analisa-se, a seguir, alguns desses achados tão importantes e que sustentam também esta pesquisa.

### **6.6 A readaptação docente: o que apontam as pesquisas?**

No intuito de conhecer a paisagem de estudos acadêmicos, realizou-se uma busca sobre as produções inseridas em duas plataformas com estudos correlatos à temática deste estudo, acessando, para tanto, a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) e a Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD), espaços reconhecidamente voltados para estudos científicos e pesquisas acadêmicas.

A CAPES, que está vinculada ao Ministério da Educação, por intermédio da Portaria nº. 013, de 15 de fevereiro de 2006, instituiu a divulgação digital das teses e dissertações produzidas pelos programas de doutorado e mestrado reconhecidos, a BDTD. As buscas se deram no período de 2016 a 2022, por compreender que são produções bem atuais, e se deram pelo fato de que, nos últimos cinco, seis anos, houve um crescimento nas produções acerca do adoecimento e a readaptação de professores, ao passo que, em anos anteriores a 2016, as produções são em número bem tímido

O Banco de Teses da CAPES disponibiliza resumos de teses e dissertações apresentadas nos programas de pós-graduação (PPG) do País e foi criado em 1987. Os trabalhos são enviados diretamente à CAPES pelos programas de pós-graduação, que se responsabilizam pela veracidade dos dados. Nesse banco de dados estão disponíveis informações bibliográficas e resumo das dissertações e das teses defendidas em todo o território nacional. Já a Biblioteca BDTD é uma biblioteca digital, desenvolvida e coordenada pelo Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT), que disponibiliza para os usuários um catálogo nacional de teses e dissertações em texto integral, possibilitando uma forma única de acesso a esses documentos. Essa biblioteca integra os sistemas de informação de teses e dissertações existentes nas instituições de ensino e pesquisa do Brasil e ainda estimula o registro e a publicação de teses e dissertações em meio eletrônico. A BDTD, em parceria com as instituições brasileiras de ensino e pesquisa, oportuniza à comunidade brasileira a publicação de suas teses e dissertações, produzidas no país e no exterior, dando maior visibilidade à produção científica nacional.

A pesquisa de revisão de literatura sobre a readaptação docente foi realizada nos meses de março a setembro de 2022, em uma busca que consistiu na utilização dos descritores “readaptação docente”, “readaptação de professores”, “readaptação funcional”, “readaptação na escola” e “adoecimento docente”.

Os resultados das coletas são apresentados no Quadro 2:

Quadro 2 - BDTD e CAPES (2016-2022): Quantitativo de Produções

DESCRITORES	BDTD		CAPES	
	DISSERTAÇÃO	TESE	DISSERTAÇÃO	TESE
<b>Readaptação de Professores</b>	07	04	13	02
<b>Readaptação docente</b>	04	02	07	04
<b>Readaptação funcional</b>	14	03	08	02
<b>Readaptação na escola</b>	02	00	03	01
<b>Adoecimento docente</b>	24	11	21	05
<b>TOTAL</b>	51	20	52	14

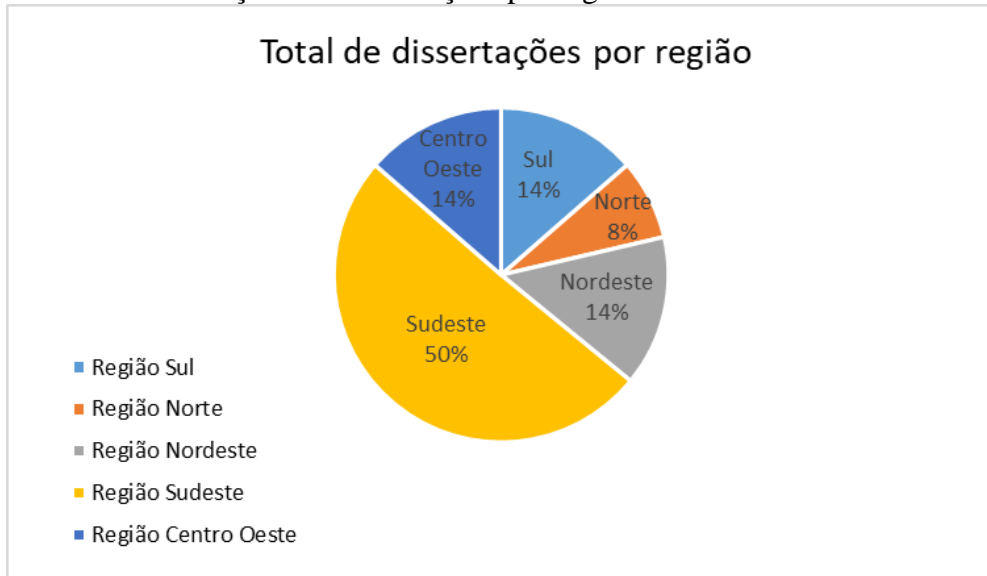
Fonte: Elaborado pela autora a partir dos sites de pesquisa (2022).

Constata-se, nessa busca, um total de 34 (trinta e quatro) teses e 103 (cento e três) dissertações, sendo 20 (vinte) teses no site da BDTD e 14 (quatorze) na CAPES. Quanto às dissertações, o quantitativo é um pouco maior com 51 (cinquenta e uma) no site da BDTD e 52 (cinquenta e duas) no site da CAPES. E o descritor que apontou mais produções é o “adoecimento docente”, tanto no site da BDTD como no da CAPES.

Ao analisar as teses encontradas, quanto ao título e autor, vale ressaltar que das 12 (doze) teses localizadas com as temáticas “Readaptação de Professores” e/ou “Readaptação docente” nos dois sites (BDTD e CAPES), 03 (três) constavam nos dois sites. Ficando, assim, então, 09 (nove) teses diferentes com essas temáticas. Outras teses que também se repetiram nos dois sites foram: sobre “adoecimento docente” – das 45 encontradas, 12 (doze) estavam tanto no banco de dados da CAPES quanto no da BDTD; o mesmo ocorreu com uma das teses que se apresenta com o descritor “readaptação na escola” no site da BDTD, e que também foi contabilizada no site da CAPES. As outras produções não se repetiram.

Nessa busca por produções com a temática semelhante ou que se aproximava da pesquisa em questão, além de quantificar, também foram analisados os locais em que as mesmas foram produzidas. Os gráficos 5 e 6 ilustram as produções por região:

Gráfico 5 - Produções de Dissertações por região brasileira

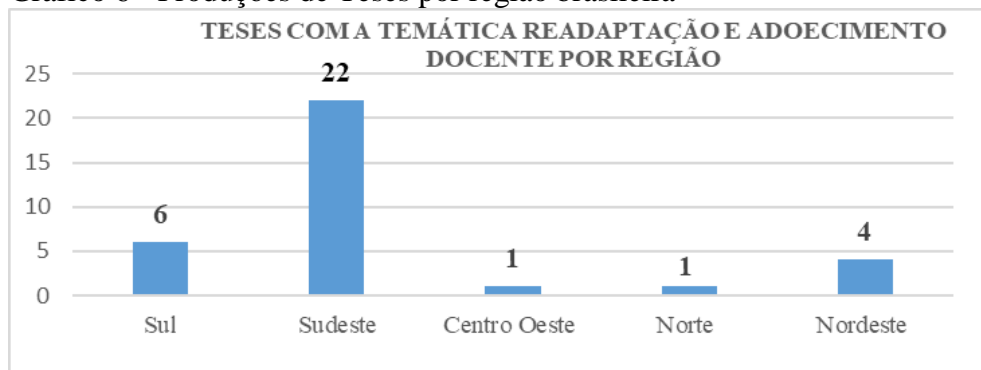


Fonte: Elaborado pela autora a partir dos sites de pesquisa (2022).

Foram considerados todos os trabalhos nacionais que estão nesta representação gráfica. Na busca pelo tema de pesquisa encontrou-se um total de 103 (cento e três) dissertações desenvolvidas no Brasil, sendo que 50% dos trabalhos produzidos são oriundos da região Sudeste. As regiões Sul, Nordeste e Centro-Oeste representam 14% cada uma, e a região Norte, apenas 8%. Os quantitativos de dissertações por região brasileira são: a região Sudeste, com 52 (cinquenta e duas) produções; região Nordeste, com 15 (quinze) dissertações; as regiões Sul e Centro-Oeste, com 14 trabalhos cada uma; e a região Norte com 08 (oito) dissertações, totalizando, portanto, 103 dissertações.

Nessa pesquisa de produções textuais relacionadas ao tema readaptação, foram considerados todos os trabalhos nacionais que estão nessa representação gráfica.

Gráfico 6 - Produções de Teses por região brasileira



Fonte: Elaborado pela autora a partir dos sites de pesquisa (2022).

O gráfico acima retrata as produções de teses por região brasileira. A região Sudeste concentra o maior número de produções, com 22 (vinte e duas) teses escritas; em seguida, com 06 (seis) teses, aparece a região Sul; a região Nordeste destaca 04 (quatro) trabalhos; e as regiões Centro-oeste e Norte, com apenas 01 (um) trabalho para cada uma. Faz-se necessário ressaltar que apesar de a região Centro-oeste aparecer com um número considerável de produções de dissertações, não foi encontrado, na busca efetuada, nenhum trabalho no estado de Mato Grosso, sendo os estudos desta região provenientes dos estados de Mato Grosso do Sul, Goiás e do Distrito Federal.

Em uma busca mais detalhada por área, obteve-se o seguinte resultado:

Quadro 3 - Produções de teses e dissertações por área

DESCRITORES	TESES		DISSERTAÇÕES	
	ÁREA	QTDE	ÁREA	QTDE
<b>Readaptação de professores</b>	Educação	04	Educação	13
	Psicologia	01	Psicologia	02
	Saúde	01	Saúde	03
	Linguagem	00	Linguagem	02
<b>Readaptação docente</b>	Educação	03	educação	06
	Psicologia	01	Psicologia	02
	Saúde	01	Saúde	02
	Linguagem	01	Linguagem	01
<b>Readaptação funcional</b>	Educação	03	educação	12
	Psicologia	02	Psicologia	03
	Saúde	00	Saúde	05
	Linguagem	00	Linguagem	02
<b>Readaptação na escola</b>	Educação	01	Educação	04
	Psicologia	00	Psicologia	00
	Saúde	00	Saúde	00
	Linguagem	00	Linguagem	01
<b>Adoecimento docente</b>	Educação	23	Educação	31
	Psicologia	05	Psicologia	09
	Saúde	04	Saúde	03
	Linguagem	02	Linguagem	02

Fonte: Elaborado pela autora a partir do site de pesquisa

Verifica-se que a área com maior concentração de teses e dissertações acerca da temática adoecimento docente e readaptação é a Educação. Entretanto, os números apresentados evidenciam que o adoecimento, bem como a readaptação docente, já não são uma preocupação exclusiva da área da Educação. Profissionais da Psicologia e da Saúde têm se preocupado com a grande demanda por atendimento devido ao adoecimento de professores por problemas emocionais. A área da Linguagem foi a que apresentou o menor número de produções.

Embora este levantamento tenha demonstrado que a quantidade de produções a respeito do tema em estudo seja considerável, compreende-se – e defende-se – que, diante da problemática que atinge o meio educacional e, mais precisamente, os professores, é urgente avançar nas discussões acerca do adoecimento docente e suas implicações, como é o caso da readaptação, em busca de melhores condições de enfrentamento dessa situação.

Para conhecer os objetos que foram pesquisados nos últimos 05 (cinco) anos, como já apresentado anteriormente, analisa-se 04 (quatro) produções – 02 (duas) teses e 02 (duas) dissertações – que mais se aproximam da nossa temática, que conversam com os objetivos propostos e que agregam questões pertinentes à presente pesquisa. Salienta-se que foi dado destaque às produções que tivessem vínculo com a Educação ou com a área de Ciências Humanas. Ademais, apesar de ter pesquisado sobre o adoecimento de professores e a readaptação, a análise empreendida enfoca apenas as produções que versam sobre a readaptação de professores ou readaptação docente.

Conforme a pertinência de cada produção selecionada, pontua-se a relevância de cada uma, para, ao final, realizar a articulação entre elas. O quadro 4 traz os dados dessas produções:

Quadro 4 - Pesquisas sobre readaptação docente selecionadas para análise

<b>Tipo</b>	<b>Título</b>	<b>Autor</b>	<b>Orientador</b>	<b>Instituição</b>	<b>Ano</b>
Tese	Usos de si e testemunhos de trabalhadores docentes readaptados	Núbia Cristina dos Santos Lemes	Prof. Dr. Wanderson Ferreira Leite	Universidade Federal de Goiás (UFG)	2019
Tese	Readaptação funcional no magistério público: As representações sociais da identidade de docente readaptado	Marco Antônio da Luz Neris	Prof. Dr. Vicente de Paula Faleiros	Universidade Católica de Brasília (UCB)	2020
Dissertação	Readaptação Funcional de professores da rede municipal de Educação de Belo Horizonte	Gleice Aparecida Santos Silva	Prof. <sup>a</sup> D.ra Daisy Moreira Cunha	Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)	2020
Dissertação	Do trabalho docente às políticas de readaptação profissional: o caso de professores da Secretaria de Estado da Educação de Goiás	Maildes Helena de Carvalho Marques	Prof. <sup>a</sup> D.ra Yara Fonseca de Oliveira e Silva	Universidade Estadual de Goiás (UEG)	2022

Fonte: Elaborado pela autora a partir dos sites de pesquisa (2022)

As produções são analisadas segundo a ordem exposta no quadro acima, ou seja, por ano de defesa.

As dissertações e as teses selecionadas problematizaram a readaptação funcional com destaque à readaptação docente trazendo reflexões que vão desde a centralidade do mundo do trabalho enquanto categoria social fundamental e os nexos entre trabalho, saúde/adoecimento e educação, considerando a precarização e intensificação do trabalho, os motivos que levam o professor a adoecer e as doenças que mais se evidenciam na atividade docente, e como tudo isto reflete no dia a dia do professor e, mais necessariamente, do professor readaptado.

Destaca-se, nesta análise, o objetivo geral, a metodologia, o objeto de estudo e as conclusões a que chegaram, além de observar a localização da pesquisa.

Lemes (2019) relatou uma pesquisa qualitativa sobre os professores readaptados com o objetivo de compreender como se apresenta a experiência de vida e de trabalho do professor readaptado, a partir de seus testemunhos, com emprego da entrevista individual semiestruturada. Com o título: “Usos de si e testemunhos de trabalhadores docentes readaptados”, a autora analisa os testemunhos de cinco participantes. Sua investigação revelou como a vida e o trabalho dos professores se interseccionam e como o corpo-si afetou-se nas dramáticas situações vivenciadas no trabalho. A pesquisadora afirma que os professores, ao se tornarem readaptados, assumem as funções de dinamizador de biblioteca e assessor pedagógico,

porém, nas escolas, eles desenvolvem variadas atividades. Lemes (2019) ainda revela que, afastado da sala de aula, o professor readaptado busca novos sentidos nas tarefas que lhe são imputadas e que, mesmo assim, sobressai nos testemunhos que o sentido do trabalho, para o professor readaptado, encontra-se na atividade de sala de aula. Ela conclui dizendo que foi unânime, nos testemunhos, a existência do estigma perante o coletivo profissional em relação ao professor readaptado e que também detectou que o Sindicato dos Trabalhadores do Estado de Goiás não tem exigido o cuidado da saúde dos professores e, em razão de tudo isso, as políticas públicas carecem de ações efetivas que consigam criar possibilidades de recuperação da saúde do professor readaptado e condições ambientais e organizacionais adequadas de trabalho.

Na tese “Representações Sociais da identidade de docente readaptado no magistério público do Distrito Federal”, Nérís (2020) justifica que seu estudo se dá em função do aumento significativo de adoecimento crônico de docentes em regência de classe e, associado a isso, o crescimento numérico de docentes readaptados no contexto escolar. Sua pesquisa tem como objetivo investigar as representações sociais em interação com identidade social de docentes readaptados por parte de docentes regentes, gestores e docentes readaptados no contexto escolar da Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal (SEDF). Utilizou-se da pesquisa de caráter quali/quantitativo, com o propósito de examinar as representações sociais de docente readaptado por parte de docentes regentes, gestores escolares e docentes readaptados no contexto escolar e verificar as alterações na identidade profissional dos docentes readaptados. De acordo com o autor, os resultados demonstram e confirmam a hipótese de que a “identidade profissional de docente readaptado” está situada na “identidade de situação”, retratada por Dubar (2005) como sendo uma forma de identidade profissional compartilhada por um grupo necessitado de “memória coletiva” e estigmatizado pela partilha de uma condição desvalorizada, ou seja, ela surge a partir da ruptura da identidade profissional de docente em regência de classe, proveniente do conjunto de mal-estares, do processo de precarização do trabalho docente e do adoecimento docente, culminando com a readaptação funcional e a mudança de lugar de atuação no contexto escolar. Por fim, o autor conclui que há uma escassez de produções que abordam a temática sobre o fenômeno da readaptação funcional de docentes nas instituições de ensino público no Brasil.

Silva (2020) realizou um estudo introdutório, em uma dissertação, acerca da readaptação de professores da rede municipal de educação de Belo Horizonte, Minas Gerais. Trata-se de uma pesquisa qualitativa, de caráter exploratório, que tem como suporte os eixos analíticos e operacionais, sendo que os primeiros retratam o cerne das preocupações com a apreensão do

objeto de estudo e os operacionais buscam estabelecer referenciais para a execução do trabalho. Nesse sentido, o instrumento utilizado para a coleta de dados foi a entrevista semiestruturada, com cinco professores em readaptação funcional definitiva. As entrevistas foram analisadas à luz da abordagem Ergológica. Este estudo tem como objetivo geral compreender o processo de readaptação funcional dos docentes do Ensino Fundamental da Rede Municipal de Educação de Belo Horizonte, em uma escola pública. A pesquisa desta autora ressalta os seguintes resultados: o fato de o profissional se tornar referência da doença no estabelecimento escolar, tão logo seja readaptado, além de outros dois impactos que sofre o docente quando tal readaptação ocorre, isto é, no momento em que recebe o laudo provisório e quando já está com a posse definitiva deste documento. E um resultado interessante trazido pela pesquisadora é a constatação, em sua pesquisa, que existem “várias readaptações” dentro da mesma readaptação, e o fato de os professores conseguirem renormatizar o processo vivido, uma vez que encontraram novas formas de continuar vivendo. Outra conclusão destacada pela autora é a existência do descrédito dos pares em relação ao adoecimento dos professores, fazendo com que expressões pejorativas e piadas sejam uma constante.

O estudo de Marques (2022), intitulado “Do trabalho docente às políticas públicas de readaptação profissional: o caso dos professores da Secretaria de Estado da Educação de Goiás”, traz como tema a readaptação profissional e o trabalho docente. Sua pesquisa objetiva analisar o trabalho docente, suas condições e seus impactos para os professores que vivenciam o processo de readaptação. É uma pesquisa cuja metodologia é de base qualitativa com revisão bibliográfica da literatura e triangulação entre os dados atualizados do estado de Goiás, as normas que tratam da readaptação em interação com as respostas das participantes oportunizadas nas entrevistas. O trabalho de Marques (2022) é bem recente, sendo uma dissertação vinculada ao programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual de Goiás (UEG). Participaram da pesquisa 08 (oito) professores readaptados definitivamente em função administrativa. No trabalho da autora, são destacadas as hipóteses levantadas e posteriormente comprovadas sobre as políticas voltadas para a readaptação de professores no estado de Goiás, as quais não consideram as condições de trabalho e os impactos nos professores que vivenciam o processo de readaptação. Para ela, há apenas uma nova realocação do profissional, deixando de lado aspectos objetivos e subjetivos que implicam a carreira docente. A pesquisa de Marques (2022) aponta que as normas preveem direitos aos readaptados que, na prática, não são garantidos, além de constatar que embora a readaptação seja uma oportunidade conferida ao professor adoecido de continuar a laborar, não existe um programa



eficaz que proporcione ao profissional um tratamento que possibilite o seu retorno ao exercício das funções do seu cargo de origem.

Os quatro trabalhos aqui destacados contribuíram na reflexão da temática que ora pesquisa. Os estudos de Lemes (2019) e de Neris (2020) agregaram uma especial colaboração para a compreensão dos fenômenos psicossociais cotidianos e que afetam o profissional que lida diariamente com as circunstâncias de uma educação não pensada nas precariedades e nos reflexos, que é o caso do adoecimento.

Já o estudo de Silva (2020) vem bem ao encontro da investigação ora apresentada, uma vez que procura dar visibilidade ao problema da readaptação funcional de professores não apenas enquanto número, mas alertar para uma percepção de que o problema da readaptação é grave, e denuncia, em conclusão, que a Educação está doente, necessitando de um olhar mais humano.

No que tange à identidade docente, a dissertação de Marques (2022) traz uma reflexão bem próxima da que se enfatiza neste trabalho. O professor readaptado fica com sua identidade como docente comprometida uma vez que a partir da readaptação ele se torna o professor readaptado ou, muitas vezes, apenas o readaptado. A supracitada autora reforçou a reflexão de que o professor readaptado é desvalorizado, hostilizado e responsabilizado pelo seu adoecimento, fato também constatado na presente pesquisa.

De uma forma geral, vários aspectos dessas quatro pesquisas ecoam aqui, pois todas trazem preocupações acerca da vivência do professor readaptado e alertam para a articulação entre o que a lei propõe sobre o readaptado e a prática que não se efetiva da forma como deveria.

Realizada toda esta parte teórica acerca de algumas temáticas necessárias à compreensão da readaptação de professores, a próxima seção se dedica à metodologia utilizada nesta investigação.

## **7 A PESQUISA – A ABORDAGEM (AUTO) BIOGRÁFICA COMO METODOLOGIA DA PESQUISA**

Nesta seção, faz-se a exposição da metodologia utilizada na investigação, um dos pontos mais relevantes da pesquisa. Primeiramente, aborda-se qual o método utilizado para que a investigação possa responder ao problema da pesquisa e, em seguida, os materiais e técnicas que foram empregados para o alcance de cada objetivo específico. Entendendo método (*methodus*) como caminho a seguir, percebe-se que a reflexão da abordagem metodológica deste estudo remonta ao tempo de vivência pessoal, como professora readaptada, e de convivência com colegas nesta mesma condição, compartilhando o cotidiano escolar em que as experiências vividas transformaram-se em uma profunda inquietação que originou a pesquisa e resulta no presente trabalho, que foi construído com as nuances da implicação da própria com o tema abordado, assim como a subjetividade desta como sujeito-pesquisador.

Nessa perspectiva, não coube aqui interrogar a readaptação funcional de professores enquanto processo em si, mas sim, os participantes que, a partir do adoecimento, se viram diante dessa nova condição.

Nesse contexto *escutar* os colegas de profissão (professores) e de condição (readaptados) converteu-se em um espaço de revisitação e ressignificação da própria experiência e reflexão sobre o cotidiano compartilhado.

Parafraseando Gerlin (2006), pretende-se, por meio da escuta sensível de professores readaptados, dar visibilidade a suas experiências, suas vivências na readaptação, entendendo a narrativa realizada na entrevista como um momento de atenção, valorização, visibilidade, oportunidade de exteriorização de sentimentos e percepções e reinvenção da experiência, a produção de novos sentidos, proporcionados pelo relato oral.

Dessa forma, a escolha pelo professor readaptado se deu em razão de ser um contingente existente na realidade da educação brasileira e por existir pouco estudo revelando o que esses professores vivenciam enquanto trabalhadores afastados de seu posto de trabalho, que é a sala de aula. Nesse sentido, realizou-se o estudo a partir das narrativas autobiográficas como também das narrativas colhidas por meio de entrevistas individuais semiestruturadas, com o fito de compreender como é apresentada sua experiência de vida e trabalho, conforme sua palavra.

Para tanto, as subseções desta seção dialogam com um referencial teórico referente às narrativas autobiográficas, os procedimentos metodológicos e apontando, também, os participantes e o local de pesquisa.

## 7.1 As narrativas autobiográficas

Enquanto processo sistemático para produção de conhecimentos, a investigação com narrativas é uma via de acesso e de produção do conhecimento que busca levar o pesquisador a compreender o vivido através da expressão em palavras em “primeira pessoa” (BRETON, 2020). Como aponta o referido autor, “somente a pessoa que vive a experiência de um fenômeno encontra-se capaz de dizer, a partir do seu ponto de vista e com as suas próprias palavras, sobre o que ela viveu, os efeitos que ela experienciou e os impactos experienciais e biográficos sofridos” (BRETON, 2020, p. 13).

Assim, para narrar, cabe ao indivíduo fazer um movimento de retorno sobre si mesmo, selecionando, organizando temporalmente as experiências vividas e dando forma a esse exercício através das palavras.

Por meio deste método de pesquisa, por conseguinte, de suas perspectivas epistêmico-metodológicas, compreende-se a experiência humana e suas (re)significações como estrutura fundante do processo de narrar. Nesse sentido, a produção da narrativa biográfica torna-se um ato, uma disposição ontológica. Isto porque os sentidos produzidos pelos sujeitos sobre si e sobre seus mundos sociais revelam modos de apreensão e interpretação do vivido. Tais narrativas colocam em evidência a experiência humana, marcada por motivos, escolhas, valores e princípios que orientam as ações dos narradores, que, ao assumirem a “condição biográfica”, anunciam compreensões de si, circunscritas em um espaço social.

A utilização da pesquisa autobiográfica no contexto educacional (NÓVOA; FINGER, 1988) está associada a uma dimensão flexível de pesquisa extrapolando os traçados rígidos, fechados e quantificáveis da ciência moderna. Por isso, o argumento central que mobiliza o uso da narrativa biográfica e autobiográfica ancora-se na possibilidade privilegiada de compreender tais experiências, então desprezadas pela ciência moderna, que entrecruzam o pessoal e o social, num movimento singular de produção de conhecimento.

As narrativas autobiográficas trazem, em sua elaboração pessoal, o sentido das experiências de vida e fazem emergir os processos identitários da inserção dos sujeitos nos grupos sociais.

O recurso à narrativa autobiográfica inscreve-se na ideia de que, ao narrarmos episódios com significado, os analisaremos de uma forma contextualizada, tentando que essa análise ponha em evidência emoções, experiências ou pequenos fatos marcantes, dos quais antes não nos tínhamos apercebido (FREITAS; GALVÃO, 2007, p. 2).

Ferraroti (2010) é um dos investigadores que reivindica a autonomia do método biográfico, ou seja, considera as narrativas biográficas como suficientes para compor uma pesquisa legítima e aponta para a necessidade de uma renovação metodológica. As críticas à objetividade que caracterizaram as metodologias positivistas fizeram emergir uma metodologia alternativa: o método biográfico.

O método autobiográfico pode ser assim considerado, na visão de Esteban (2010):

[...] desde vários anos atrás, houve uma progressiva recuperação do método autobiográfico na Antropologia, na Sociologia, na Psicologia Social e na Pedagogia. O ser humano recupera o protagonismo, em relação às excessivas abstrações e à desumanização do cientificismo positivista. Pujadas (1992); Santamarina e Marinas (1995) afirmam que esse fenômeno traz consigo uma característica ou sintoma de uma época que podemos chamar de sintoma biográfico (ESTEBAN, 2010, p. 153).

Freitas e Galvão (2007) explicam que as narrativas autobiográficas possibilitam perceber como se dá o processo de construção profissional dos sujeitos pesquisados ou até mesmo dos pesquisadores. Para as autoras, olhar para o passado pode ajudar a encontrar explicação para significados nas ações que se tem hoje, como pessoas que foram construindo um percurso pessoal e profissional rico de cruzamentos com os outros, e a dar sentido ao posicionamento adotado como professores.

As narrativas autobiográficas constituem, assim, uma forma de pesquisa que permite captar os movimentos de profissionalização dos professores. Entretanto, a própria construção da metodologia de investigação de um trabalho, pautado na metodologia de uso de narrativas, já se constitui numa narrativa, pois não se pode dissociar a fase de recolha de dados dos percursos singulares que foram sendo construídos pelo pesquisador, de suas próprias histórias como professor e/ou como pesquisador, pois são histórias que dialogaram entre si durante a construção.

Segundo Bolívar (2002) a pesquisa com o uso de narrativas não se refere apenas a uma metodologia qualitativa, mas a uma perspectiva específica para a pesquisa em Educação, a qual pressupõe uma mudança no que se entende como conhecimento em Ciências Sociais. Ao contrário da abordagem positivista que valoriza a objetividade e reforça o distanciamento entre o pesquisador e o participante, as narrativas se assumem subjetivas e valorizam a subjetividade: convidam os participantes a falarem sobre si mesmos, dá-lhes a palavra.

A opção pela pesquisa autobiográfica, enquanto dispositivo epistêmico-metodológico, advém da possibilidade de, no encontro entre pesquisador-sujeito-autor, acessar a vida das pessoas, prestando atenção nas (re)significações das experiências pessoais, as relações com o outro e com o contexto social. Tal abordagem metodológica faz parte de um extenso universo

de pesquisas que utilizam as narrativas dos sujeitos para valorizar a singularidade de suas vidas, “[...] através da tomada da palavra como estatuto da singularidade, da subjetividade e dos contextos dos sujeitos” (SOUZA, 2006, p. 27).

Josso (2004) reafirma que a metodologia autobiográfica dá legitimidade de mobilização da subjetividade como modo de produção do saber e à intersubjetividade como suporte do trabalho interpretativo e de construção de sentido para os (auto)relatos, assumindo a complexidade e a dificuldade em atribuir primazia ao sujeito ou à cultura no processo de construção de sentido.

Vale destacar que as pesquisas que utilizam as narrativas autobiográficas como abordagem metodológica trazem, no seu bojo, um campo interpretativo que oferece uma possibilidade de investigação no qual tal ação, entre o individual e o coletivo, seja integrado por uma reciprocidade, havendo, assim, uma interlocução entre participante e objeto de investigação.

Trata-se, aqui, de mergulhar em uma escuta sensível que, apoiada numa profunda empatia e no acolhimento dos atores envolvidos nesta trama – os professores readaptados – possa permitir uma melhor compreensão desse universo (BARBIER, 2002)

## **7.2 O percurso metodológico da pesquisa**

A presente pesquisa está ancorada na abordagem qualitativa, posto que esta se preocupa com aspectos da realidade, a qual, segundo Creswell (2014, p. 49), é um conjunto de práticas que transformam o mundo visível em dados representativos, nos quais se incluem as entrevistas, registros e lembretes. Dessa maneira, os pesquisadores qualitativos buscam entender um determinado fenômeno em seu contexto natural, tencionando interpretá-lo conforme os significados manifestados pelos participantes. Essa abordagem é norteadada por uma concepção de conhecimento como “um processo socialmente construído pelos sujeitos nas suas interações cotidianas, enquanto atuam na realidade, transformando-a e sendo por ela transformados” (ANDRÉ, 2013, p. 97).

A inscrição metodológica da investigação também está pautada na abordagem qualitativa, ancorada em Minayo (2012, p. 14), para quem “a pesquisa qualitativa trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações [...]”. Entende-se, ainda, que a pesquisa ora apresentada se enquadra no modelo qualitativo, pois sua abordagem busca a compreensão do que é significativo para o participante e não a explicação, como acontece nas pesquisas quantitativas.

Para a realização desta pesquisa, e para atingir os objetivos propostos, fizeram-se necessários determinados recursos metodológicos que possibilitaram a compreensão do objeto de estudo. A abordagem metodológica utilizada foi de caráter exploratório, com procedimentos predominantemente qualitativos, sem desprezar os elementos quantitativos, os quais nos trazem elementos que merecem uma reflexão acerca do fenômeno da readaptação em gradativo crescimento na rede estadual de Mato Grosso.

Para embasar a compreensão do objeto de estudo, que é o professor readaptado, retomase, aqui, o problema desta pesquisa, que consiste em desvendar como os professores readaptados se percebem e como se expressam em suas narrativas acerca da sua condição atual e das perspectivas de retorno ao trabalho docente.

Desse modo, são apresentados o local da pesquisa (escolas), os instrumentos para a coleta de dados e os participantes do estudo (professores readaptados). Além disso, são trazidas as narrativas livres e em forma de entrevista semiestruturada dos participantes, as quais serviram de embasamento para as análises.

Foi realizado um estudo bibliográfico de referenciais teóricos e conceituais específicos ao tema, documental e de campo (pesquisa empírica), por meio de materiais já publicados e de questionários com questões fechadas e abertas, uma narrativa autobiográfica e a entrevista semiestruturada.

Os questionários foram utilizados, primeiramente, para obtenção de informações pessoais dos participantes iniciais, com perguntas fechadas e algumas abertas, como nome (fictício, na transcrição para a pesquisa), sexo, idade, estado civil, tempo de profissão, habilitação, tempo de readaptação, jornada de trabalho, entre outras.

Os questionários foram enviados via e-mail para todas as escolas estaduais de Rondonópolis-MT, tentando alcançar todos os professores readaptados lotados neste município, porém, como se sabe que o quantitativo de professores readaptados em 2022 é de setenta (70) professores, dados fornecidos pela SEDUC/MT, causou decepção a devolutiva dos questionários com uma participação bem pequena. Apenas vinte e três (23) professores readaptados, o que corresponde a 33% do total, responderam ao questionário. E desses, 08 (oito) professores não manifestaram interesse em participar da pesquisa, respondendo com NÃO à questão: “Caso seja escolhido, para participar da entrevista, você gostaria de participar? ”. Selecionados os que responderam que gostariam de participar da segunda etapa da pesquisa, ou seja, a entrevista, partiu-se para uma outra seleção, pois o quantitativo de quinze (15) professores seria inviável para esta análise. Dos quinze (15) professores, onze se interessaram em participar dando continuidade à pesquisa. No entanto, ponderou-se que alguns desses

participantes pertenciam à mesma escola, ou seja, quatro na escola 1, três na escola 2 e quatro na escola 3. Para chegar a um nome apenas por escola, os professores entraram em um consenso. Os demais participantes eram os únicos interessados em participar, dentre os vários readaptados da escola. Para dar um aspecto de abrangência à pesquisa, contemplando um maior número de unidades, em diferentes localidades da cidade, informou-se que a participação se limitaria a um professor por escola. Assim, de forma democrática, os professores chegaram a um consenso de quem ficaria como participante da pesquisa. Chegou-se, então, ao número de seis professores. Ficando assim, no final a escolha dos participantes. Um participante por escola, sendo as escolas representadas aqui por número, ou seja, 6 escolas, seis participantes.

Na semana em que teria início a escrita da narrativa autobiográfica, um dos professores selecionados comunicou que não poderia mais participar da pesquisa, pois se encontrava com um problema sério na família e que precisaria se ausentar da escola e talvez até da cidade. Sendo assim, reuniu-se cinco participantes, os quais manifestaram grande interesse em serem ouvidos por meio de uma entrevista semiestruturada. No entanto, mais um dos participantes, que já havia respondido o questionário e fizera a narrativa autobiográfica, professor iniciante, com apenas 04 (quatro) anos de docência, e há dois anos readaptado, não pode continuar participando da pesquisa, uma vez que seu quadro de saúde se agravou, de sorte que ele se encontra de licença médica para tratamento psiquiátrico e, como licenciado, voltou para sua cidade de origem para que os familiares o ajudassem, dando-lhe o apoio necessário.

Diante da circunstância declarada, deu-se continuidade à pesquisa com apenas quatro (04) professores experientes no exercício do magistério.

Não houve dúvidas ou solicitação de esclarecimento das questões contidas no questionário por parte dos participantes. De um modo geral, todas as questões foram respondidas.

### **7.3 Situando o campo da pesquisa**

Esta pesquisa tem como campo maior a cidade de Rondonópolis-MT.

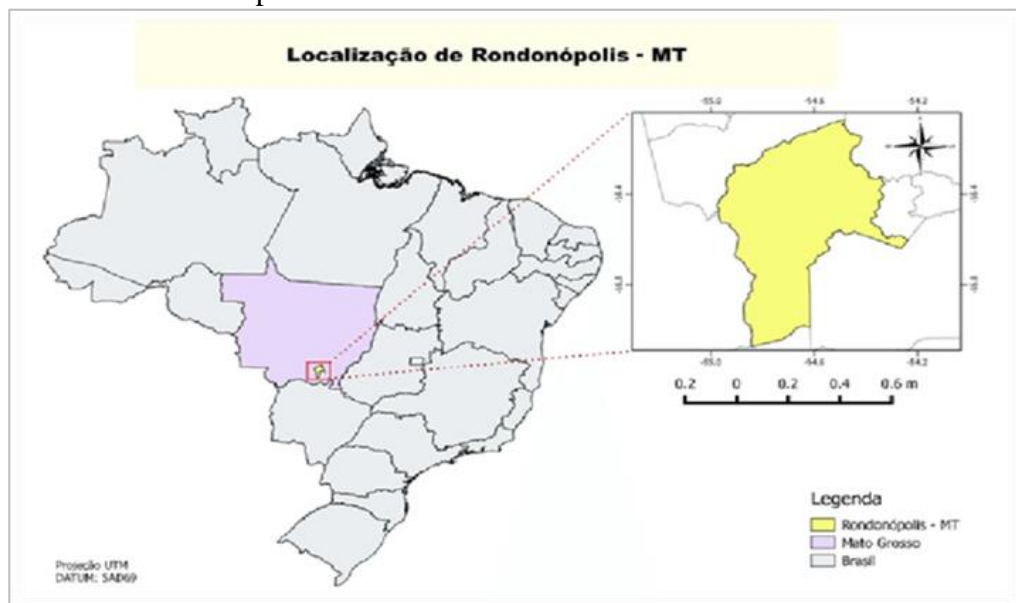
Rondonópolis é um município do estado de Mato Grosso, localizado na região Sudeste do estado, a duzentos e dez (210) quilômetros da capital, Cuiabá. Segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) (2021), Rondonópolis possui duzentos e trinta e nove mil, seiscentos e treze (239.613) habitantes.

Emancipado em 10 de dezembro de 1953 do município de Poxoréo-MT, Rondonópolis completou, no ano de 2022, 79 anos de emancipação. Tem a terceira maior população do estado

e o segundo maior Produto Interno Bruto (PIB) do estado de Mato Grosso. Está localizado estrategicamente no entroncamento das rodovias BR 163 e BR 364 e é a ligação entre as regiões Norte e Sul do País.

Segue, abaixo, um mapa com a localização do município de Rondonópolis dentro do estado de Mato Grosso.

Figura 1 - Mapa do Brasil com destaques para o estado de MT e o município de Rondonópolis-MT



Fonte: Prefeitura de Rondonópolis-MT (2022).

Percebe-se pelo mapa, a localização privilegiada de Rondonópolis, lhe dando uma poderosa articulação com outros municípios de Mato Grosso de grande influência na questão produtiva do Estado, assim como também esta localização a mantém como ponto de referência do escoamento de suas produções e dos municípios produtores que passam por aqui para se direcionarem para Norte e Sul do país.

Com essa importante localização geográfica, a cidade tem, na sua industrialização, um novo salto de crescimento, atraindo inúmeros novos habitantes a cada ano, como também muitos investidores nas mais diversas áreas.

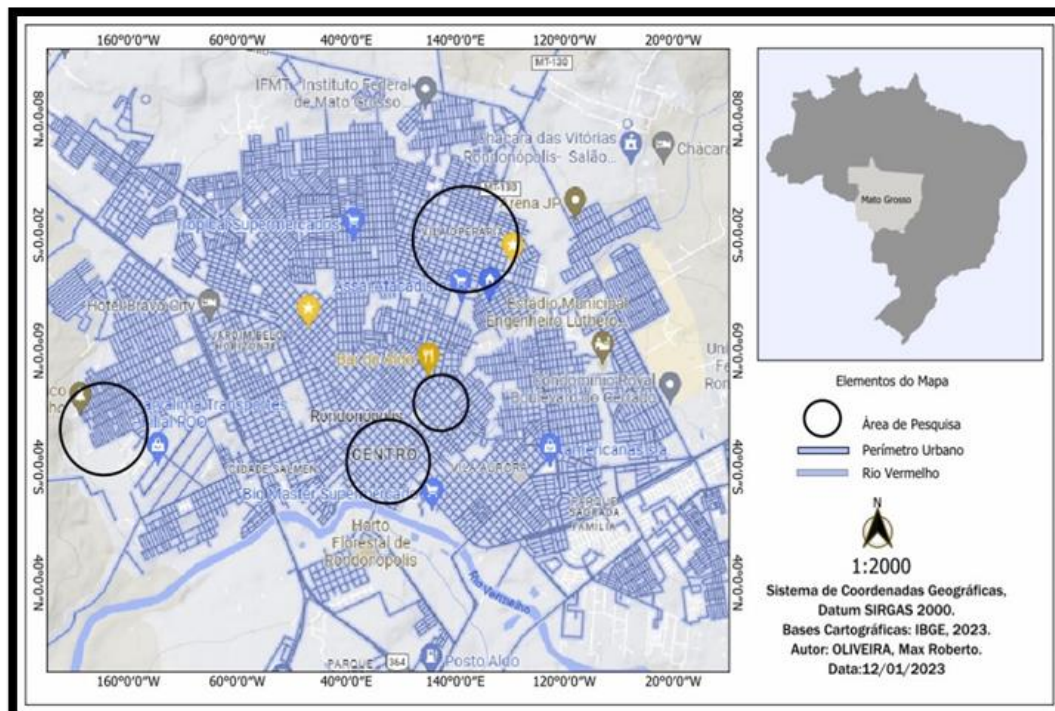
Quanto à Educação, o município possui trinta e uma (31) escolas estaduais, sendo que para o ano letivo de 2023 seis (06) dessas escolas se municipalizaram, cumprindo um decreto dos governos estadual e municipal, com o objetivo de fazer o redimensionamento das redes municipal e estadual, ficando as escolas municipais com o Ensino Fundamental I e as escolas estaduais com o Ensino Fundamental II, Ensino Médio e EJA.



A cidade é contemplada com duas Universidades Públicas, a UFR e a Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT); o Instituto Federal de Mato Grosso (IFMT) e várias faculdades particulares, além de escolas de ensino técnico, como o Serviço Nacional da Indústria (SENAI), o Serviço Nacional do Comércio (SENAC), o Serviço Social do Transporte e Serviço Nacional de Aprendizagem do Transporte (SEST/SENAT) e a Escola Técnica de Educação Profissional e Tecnológica (SECITEC).

Na próxima imagem, observa-se o mapa do município de Rondonópolis com suas delimitações e, em destaque, os bairros em que se localizam as escolas em que os participantes da pesquisa estão lotados.

Figura 2 - Mapa da cidade de Rondonópolis-MT; em destaque, os bairros onde se situam as escolas dos professores participantes



Fonte: Prefeitura de Rondonópolis/2022.

Percebe-se, pelo mapa, que Rondonópolis-MT é um município consideravelmente grande e em constante crescimento. Dentro do perímetro urbano do município é possível verificar a localização das quatro (04) escolas onde estão lotados os participantes da pesquisa. Tendo em vista que se trata da primeira pesquisa sobre a temática “Professores Readaptados”, no estado de Mato Grosso, como também no município de Rondonópolis, considera-se pertinente trazer esses mapas, para ajudar a situar o leitor.

### 7.3.1 Local da Pesquisa

O campo de estudo foram quatro Escolas da Rede Pública Estadual do município de Rondonópolis/MT, onde encontram-se professores efetivos que vivenciam o processo da readaptação funcional há pelo menos seis meses. Ressalta-se que o critério de escolha do campo empírico foi o da existência de professores em situação de readaptação profissional. Nesse sentido, das 31 escolas que fazem parte da rede estadual de ensino, na sede do município, e todas com professores readaptados em seu quadro docente, optou-se por quatro (04) escolas de diferentes regiões/bairros no município. Uma vez escolhida a escola, selecionou-se, também, um (01) professor readaptado nela lotado, processo explicado anteriormente.

Para manter o anonimato das instituições, cada uma delas foi brevemente apresentada, identificando-as pela palavra Escola 1, Escola 2, Escola 3 e Escola 4.

A Escola 1 fica na região do Jardim Paulista, bairro não muito afastado do centro da cidade de Rondonópolis. Atualmente, atende cerca de seiscentos (600) alunos e tem em seu quadro de pessoal cinquenta e seis (56) profissionais da educação; deste número, vinte e oito (28) são professores. De acordo com o participante lotado nessa escola, há dois anos, porém, com seis anos de readaptação, a escola tem uma boa estrutura e muitos ambientes educativos, o que favorece uma educação de boa qualidade.

A Escola 2 está localizada na região central do Município e atende Hum mil duzentos e noventa e seis (1296) alunos apenas em Ensino Médio, em três períodos, ou seja, matutino, vespertino e noturno. Escola considerada grande, tem quarenta e oito (48) professores atuantes, de um total de setenta (79) profissionais da educação. Quanto à estrutura, a Escola 2 é bem ampla, mas necessita de uma reforma, pois, segundo o diretor, vários problemas são detectados em sua estrutura.

A Escola 3 situa-se em um bairro periférico e atende uma clientela considerada carente, de aproximadamente 500 alunos. É uma escola de porte médio, bem organizada, recém reformada, e tem em seu quadro vinte e um (21) professores, de um total de quarenta e um (41) profissionais da educação, que atendem o Ensino Fundamental I, apenas a partir do quarto ano, e o Ensino Fundamental II, em todas as etapas.

A Escola 4 encontra-se em um bairro da região da grande Vila Operária; apesar de apresentar grande porte, segundo o diretor ela é pequena para absorver a clientela, que é bem grande, cerca de um mil e duzentos (1200) alunos. A referida escola atende alunos de vários bairros a partir do sétimo ano. Possui 18 salas de aula e mais alguns ambientes que também são

espaços que contribuem com a educação. É considerada uma escola com estrutura privilegiada e sempre tem conseguido reformas para que o ambiente fique mais atrativo para os alunos.

### 7.3.2 Participantes da Pesquisa

Os docentes participantes da pesquisa foram selecionados através do critério de enquadramento legal, sem distinção de lotação ou função que ora exercem, pois o intento principal é conhecer o ponto de vista, o sentimento e as dificuldades que professores readaptados manifestam, por intermédio de relatos diversos das experiências vivenciadas. O critério principal era ser professor efetivo e estar readaptado e exercendo outras funções há pelo menos seis meses.

Conforme esclarece Alves (2012, p. 176-177), o perfil profissional pode ser definido como: conjunto de características de determinado grupo de trabalhadores, que expressa a condição atual, as trajetórias dos profissionais e do trabalho propriamente dito, conhecimentos, habilidades e práticas peculiares de um determinado campo de trabalho, e, ao mesmo tempo, possibilita o movimento de diferenciação de outros grupos e a identificação entre si, contribuindo para constituir a categoria coletiva. Dito isso, apresenta-se, a seguir, as características dos docentes readaptados que se dispuseram a participar desta pesquisa como colaboradores.

A coleta de dados forneceu informações como: a idade dos participantes; o sexo; a formação acadêmica; o tempo de profissão e o de readaptação, como se vê na tabela 1. Também constam, na tabela, os pseudônimos de cada participante, utilizados para preservar as suas identidades:

Tabela 1 –Apresentação dos Participantes

<b>Participante</b>	<b>Sexo</b>	<b>Idade</b>	<b>Formação</b>	<b>Tempo de Profissão</b>	<b>Tempo de Readaptação</b>
<b>Borboleta</b>	Fem.	44	História	19 anos	3 anos
<b>Maria</b>	Fem.	54	Pedagogia	29 anos	4 anos
<b>Severino</b>	Masc.	49	Ciências Biológicas e Educação Física	25 anos	6 anos
<b>Zi Risa</b>	Fem.	52	Letras	20 anos	5 anos

Fonte: Elaborada pela autora a partir de dados do questionário (2022).

As narrativas apresentadas logo em seguida trazem um discurso livre dos participantes, a partir da sugestão da pesquisadora, como uma forma de auto apresentação. Foi pedido, então, que descrevessem sobre si e como se deu a sua readaptação. Vale ressaltar que depois de assinarem o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) e antes das entrevistas, houve a preocupação de saber um pouco da trajetória de vida de cada um, o que resultou nas seguintes narrativas individuais, escritas por cada um e enviadas por e-mail para a pesquisadora, e organizadas no Quadro 5:

Quadro 5 - Narrativas espontâneas dos participantes da pesquisa

<b>Narrativa da participante Borboleta</b>
<p><i>Quando eu paro para pensar na minha vida profissional, eu me pego pensando na minha infância e tudo que sempre vivi e conquistei. Lembro-me do meu pai me levando para o meu primeiro dia na escola. Lembro-me da devoção e/ou admiração e respeito que tinha pelas minhas professoras (naquele tempo eram só mulheres). Lembro-me, da dificuldade que tinha pela Matemática. E do que já pensava fazer quando crescer, e no que gostaria de me formar. O tempo foi passando e eu me peguei muitas vezes, lembrando dessas atitudes que marcaram muito. E sem dúvida a Escola, foi e é um fator predominante para minha existência.</i></p> <p><i>Hoje, passo por processo de análise para entender se é a Educação que me move, que me motiva e que deixa acesa! E sem dúvida nenhuma, não me vejo em outro ambiente, em outra área em outro departamento que não seja a educação. Porém, nos últimos tempos, me questiono. Será?! Valeu a pena?! Bom! Faço uma outra breve análise de como têm sido meus últimos anos. Nos últimos três anos, eu comecei a passar muito mal, dentro da escola e também dentro da sala de aula.</i></p> <p><i>Meu corpo e minha mente davam sinais dolorosos, que eu ainda não conhecia. E eu assustei! Fui buscar ajuda no PSF<sup>4</sup> do meu bairro, e meu médico pedia para que eu emagrecesse, me encaminhava para especialista, um Endócrino. E foi ali que descobri que estava com problemas mentais. Que susto! Tive que procurar ajuda! E fui! Passei e passo até hoje por tratamento psiquiátrico, psicológico, terapias. Igreja, família e amigos foram meus suportes nesse momento, e o maior deles - Meu filho, o Borboletinha.</i></p> <p><i>Próximo passo, identificar, aceitar e tratar. E o mais difícil de todos – voltar para a escola. Foram inúmeras tentativas, inúmeros atestados médicos. E estou aqui. Escondida atrás de livros, na biblioteca, para que ninguém me veja. Gosto muito desse ambiente, acredito muito na educação, respiro a educação desde os meus 3 anos. Mas me desgasto muito em pensar pisar numa sala de aula novamente. Sinto que, para isso, eu tenho que estar bem, e sei que não estou.</i></p> <p><i>Estar na Readaptação é muito estranho! Estar nessa condição de readaptada, é não saber o que será de você, psicologicamente, emocionalmente e profissionalmente. E não ser reconhecida, é ser julgada. Me pego a chorar por pouca coisa e desanimo por qualquer motivo e isso não me faz bem. Tem sido uma guerra. A borboleta me define, como ser vivo que voa, que tenta e respira! Aprendendo a passar pelos processos que a ela são colocados. “Considero a borboleta um dos seres mais lindos que existem e que passa pela mais bela transformação” é assim que eu quero ser transformada, sair dessa situação de readaptada/doente e voltar a ser feliz na profissão.</i></p>
<b>Narrativa da participante Maria</b>
<p><i>Elaborar uma narrativa autobiográfica, em minha concepção, é também construir um memorial, reconstituir uma trajetória, relatar uma parte da própria existência. Dessa forma, reconheço essa escrita como ferramenta de análise de uma trajetória pessoal – acadêmica e profissional. Uma busca no passado que se mistura com o presente, por meio de minha atuação hoje. Percebo, com isso, a importância das narrativas para as pessoas, de suas histórias, relatos de experiências/trajetórias/memórias de vida. Assim, vou esforçar-me para sinteticamente “recuperar o passado”.</i></p>

<sup>4</sup> Programa de Saúde da Família (PSF).

*Nasci no interior do estado do Rio Grande do Sul. Aos 04 anos minha família mudou-se para o estado do Paraná, onde permaneci até os 17 anos. Em 1986 meus familiares mudaram-se para o estado de Mato Grosso, e em dezembro de 1987 também vim residir no mesmo estado, onde concluí o ensino médio, na modalidade denominada, na época, magistério. A trajetória universitária iniciou-se no segundo semestre de 1988, na Universidade Federal de Mato Grosso/Campus de Rondonópolis, com meu ingresso no curso de Pedagogia, cuja conclusão ocorreu no segundo semestre de 1992. Após um longo período de afastamento da academia — apesar de continuar participando dos cursos de formação continuada oferecidos pela universidade — só retornei como aluna em 2005, no mestrado em Educação oferecido pela Universidade Federal de Mato Grosso, Campus de Cuiabá. Esse estudo foi defendido em 18 de dezembro de 2006. Em maio de 2009 inscrevi-me no programa de doutoramento em educação, tendo concluído em fevereiro de 2014. Enquanto filha de professora e aluna, basicamente da escola pública (do Ensino Fundamental à universidade), aprendi a apreciar e a valorizar o estudo, o espaço escolar e a figura da docência. Foi experimentando-me no mundo que me fiz gente: “vamo-nos fazendo aos poucos, na prática social de que tomamos parte” (FREIRE, 1993, p. 88).*

*Em 1987 mudei-me para Rondonópolis/MT onde ingressei na rede pública municipal como docente leiga dos anos iniciais do Ensino Fundamental, onde permaneci em regime CLT até 1989. Nesse ano, após eleição para prefeito, fui demitida, retornando em 1993 em regime de contrato. No ano de 1994 fui aprovada no concurso, onde permaneço atualmente. Em 1999 fiz concurso para professora da rede pública estadual, sendo efetivada em 2000, permanecendo até o presente momento. Estou readaptada há quatro anos por problemas na coluna. Acredito que a exaustão do trabalho como alfabetizadora me fez adoecer. Tenho dores fortes que me deixam com movimentos bem comprometidos. Tenho saudade da sala de aula, pois na escola nenhum espaço me realiza, como professora! E o pior, como professora readaptada, não me encontro, não me reconheço em parte nenhuma da escola. A escolha desse codinome é por considerá-lo bonito. Nome que gostaria de ter dado a minha filha, mas, por interferências de pessoas da família, acabei não colocando. Outro fator que influenciou na escolha desse codinome é o fato de ser o nome da mãe de Jesus.*

#### **Narrativa do participante Severino**

*Sou irmão do meio, de cinco. Origem muito pobre, filho de dona Maria, senhora guerreira, que nunca desistiu de um dia melhor e nem de suas crias. Meu pai, Pedro Inácio, evangélico, violento, mulhengo e abusador. Minha mãe, após anos de espancamentos diários e obrigada a se prostituir para manter até os vícios de meu pai, se viu na necessidade de fugir na madrugada, levando apenas poucas roupas que tínhamos e a nós, os filhos. Dos 5 aos 16 anos morávamos em um prostíbulo. Minha mãe foi presa durante a ditadura militar e eu, de 5 anos, e dois irmãos, de 4 e 6 anos, ficamos dias morando sós, em uma casa alugada e nos alimentado da caridade de alguns clientes e amigos de minha mãe.*

*Comecei a trabalhar na rua antes dos 10 anos, vendendo verduras, salgados, refrescos etc. Consegui passar em meu primeiro vestibular. Fui o primeiro de minha árvore genealógica a fazer uma faculdade e me formei em Biologia e posteriormente, Ed. Física. Comecei a lecionar quando cursava 3º ano de Biologia, em 1997. Percebi que ser professor era minha missão de vida. Passei em meu primeiro Concurso Público Estadual no ano de 1999 e ao longo do meu percurso, passei por todos os cargos: Professor, Articulador, Coordenador, Diretor, Presidente do CDCE<sup>5</sup>.*

*Em 2016, descobri que tinha as pregas/cordas vocais separadas em “V” e não era possível continuar em sala de aula, fazendo o que mais amo, e tive que enfrentar uma readaptação. Minha função seria de apoio à Coordenação Pedagógica e outros afazeres relacionados com alunos e professores. Como readaptado, agora executo trabalhos apenas da Coordenação, em apoio aos professores e diretor, que, após meu trabalho durante a pandemia, mudou de opinião, e hoje faz questão que eu permaneça na escola. Ainda assim, convivi com os preconceitos e humilhação que passamos diariamente, como se fosse uma escolha estar readaptado, quando, na verdade, preferíamos permanecer lecionando na segurança de nossas turmas. Temos orgulho em ser professores, mas por uma deficiência ou doença fomos obrigados a nos readaptar. Mesmo estando trabalhando na coordenação, ainda encontro colegas nos difamando, falando que somos inúteis ou sabichões, que se beneficiam das leis para fazer nada, que deveríamos pedir demissão, já que não*

<sup>5</sup> Conselho Deliberativo da Comunidade Escolar (CDCE).



*contribuímos, e quando contribuímos, somos Severino ou pau para toda obra, testa de ferro do diretor ou coordenação. Temos capacidades e competência, não estamos readaptados por opção e sim, necessidade. Sofremos humilhações diárias e temos que aprender a conviver com isso, e não é apenas professores, os técnicos e apoio que precisam se readaptar, também passam por humilhações, são julgados como inúteis, dispensáveis ou ser inferior aos demais. A escolha do codinome foi a relação de como me sinto no ambiente escolar, um cara-crachá, um faz de tudo na escola e um faz-nada, na visão dos outros.*

#### **Narrativa da participante Borboleta Zi Risa**

*Sou professora há mais de vinte anos e readaptada de função há cinco.*

*Entrei em uma escola pela primeira vez, para dar aulas, menor de idade com quinze anos, em substituição a outro professor, em 1985. Na época, ninguém questionava. Terminei o magistério aos dezoito anos e assumi minha primeira regência como contrato com o Estado. Depois me casei, mudei-me para zona rural e sempre que podia, dava aula em alguma escola próxima da fazenda onde eu morava.*

*Conheci muitas realidades e enfrentei muitos desafios, desde colaborar com movimentos e ações em prol de construção de escola bem como manutenção das mesmas. Vi muitas crianças com realidades opostas da zona urbana e, em cada escola uma realidade diferente, principalmente com o transporte, trajeto e horário de saída e chegada na escola. Foram momentos impulsivos para a construção do meu perfil profissional. Morando na zona rural, cursei uma faculdade e fiz uns pós em Psicopedagogia clínica para melhor atuar em sala. Mudei para cidade e fui trabalhar como contrato novamente no Estado. Trabalhei em escolas públicas e particulares até quando passei no concurso para professor da Educação Básica. Me efetivei em Língua Espanhola com pós na mesma área.*

*Há cinco anos, descobri, depois de muitas manifestações, que era quase surda. Fiz exames e foi detectada uma perda auditiva de setenta por cento. A partir daí, passei a usar aparelho auditivo e saí da sala de aula. Hoje trabalho como apoio à coordenação e da parte administrativa da escola. Depois da minha saída da sala de aula, meu lado emocional ficou afetado. Sinto vergonha de estar fora da sala de aula, embora trabalhe um pouco mais. Fui hostilizada por colegas através de brincadeiras vexatórias, comentários jocosos e de ouvir que readaptado não faz nada e um pouco mais.*

*Não consigo lidar com a sala de aula por causa do barulho excessivo. Até tentei retornar, mas alguns alunos estavam usando o meu problema de saúde a favor das atitudes deles, como exemplo: eu explicava o conteúdo, eles conversando, alguns diziam que eu não havia explicado para ele, pois me perguntou várias vezes e eu não ouvi. Essa justificativa sempre surgia, em algumas salas, quando eu chamava atenção por causa do barulho. Não me sinto bem fora da sala de aula, mas foi a melhor saída para o meu problema. Escolhi ser identificada como Zi Risa, que nada mais é, que uma combinação das iniciais do meu nome e sobrenome, o qual eu gosto muito.*

Fonte: organizado pela autora (2022).

Após ler atentamente cada uma das narrativas livres dos participantes, já são identificados traços de sentimentos trazidos como memórias.

A professora **Borboleta** relaciona sua vida profissional com sua infância e suas conquistas. Destaca que a escola foi e é um fator predominante para sua existência. Porém, na condição de readaptada, se questiona constantemente se realmente valeu a pena trilhar o caminho da educação. Há, segundo ela, uma incerteza do que será dela, psicologicamente, emocionalmente e profissionalmente. O codinome escolhido vem da borboleta, ser vivo que voa (o que sugere a capacidade de sonhar) que tenta e respira, aprendendo a passar pelos processos que a ela são colocados – algo que se assemelha à realidade enfrentada por ela como professora readaptada. A frase de Sartre (2000, p. 89), em seu livro “O ser e o nada”, resume

bem os sentimentos de Borboleta: “Um amor, uma carreira, uma revolução: outras tantas coisas que se começam sem saber como acabarão”.

Percebe-se, pela narrativa de **Maria**, o quanto a readaptação é um episódio de sua vida profissional que ela não gosta muito de enfatizar. Mesmo sendo o principal mote para a narrativa solicitada, ela reservou um pequeno parágrafo para expor sobre a sua readaptação. Preferiu destacar todo o seu percurso desde o local de nascimento até a entrada na rede estadual de ensino, por meio de um concurso, no ano de 2000. Sobre a readaptação, relatou que está readaptada há quatro anos e tem dores fortes na coluna e membros superiores. Como professora readaptada, não se realiza, não se encontra e não se reconhece em nenhum espaço da escola. Uma frase que resume as percepções de Maria, trazida por ela mesma, em sua narrativa, é de Freire, dizendo: “Vamo-nos fazendo aos poucos, na prática social de que tomamos parte” (FREIRE, 1999, p. 88).

Em sua narrativa livre, o professor **Severino** relembra sua origem pobre e sofrida e expressa, em palavras, o orgulho que sente em ter sido, a despeito das condições adversas, o primeiro da família a se formar em uma faculdade. Suas alegrias transbordam quando da realização do feito de se tornar professor. Sua narrativa contém detalhes chocantes de uma infância maltratada, com problemas familiares. Severino revela, ainda, o orgulho que sente em ser professor e destaca suas capacidades e competências, sublinhando que estar readaptado não é uma escolha sua e sim uma necessidade, um percalço na caminhada da docência. Admite que passa por preconceitos e humilhações diariamente. A frase de Sartre (2000, p.27) que resume os sentimentos de Severino é “Viver é isto: ficar se equilibrando todo o tempo entre escolhas e consequências”.

A professora **Zi Risa** inicia sua narrativa destacando o tempo de readaptação, que é de cinco anos, e destaca que começou a lecionar ainda bem nova, em substituição a outro professor. Depois de ter feito magistério, cursou uma faculdade e uma pós para melhor atuar em sala de aula. Suas primeiras turmas foram em zona rural, experiência que a fez perceber a grande diferença entre estudar e ensinar na zona urbana e na zona rural. Lecionou por vários anos, depois de ter saído da zona rural, a disciplina de Língua Espanhola e, há cinco anos, descobriu uma perda auditiva grave, degenerativa, o que a levou à readaptação. Sua saída da sala de aula, abalou seu lado emocional, pois foi hostilizada por parte dos colegas. Mas, mesmo com os problemas enfrentados pós readaptação, Zi Risa compreende que essa foi a melhor saída para o seu problema. Trazendo Sartre (2000, p.55) para definir o vivenciado por Zi Risa, tem-se o seguinte: “O importante não é aquilo que fazem de nós, mas o que nós mesmos fazemos do que os outros fizeram de nós”.

## **8 AS NARRATIVAS EM ANÁLISE: REFLEXÕES, SENTIMENTOS E PERCEPÇÕES SOBRE SI DOS PROFESSORES READAPTADOS**

A proposta que aqui se apresenta é olhar pela lente do professor readaptado, suas reflexões, percepções e sentimentos acerca do momento vivenciado na readaptação.

Não se intenciona encontrar culpados ou inocentes nesse processo, mas evidenciar que a readaptação funcional gera muitas tensões e mobiliza as percepções sobre o papel ou função do professor e tem trazido sofrimentos, às vezes, exteriorizados, e, na maioria dos casos, interiorizados, causando ainda mais adoecimento nos profissionais.

Alinhado aos preceitos da pesquisa qualitativa, que se pautam pelos princípios éticos de respeito e garantia do anonimato do/a participante, adota-se, nesta investigação, nomes fictícios, escolhidos por eles mesmos, para nomear os professores que estão atualmente readaptados, e para registro e tratamento dos dados coletados.

Em seguida, são aferidas análises e contextualizações a respeito de falas específicas ou do conjunto de falas sobre cada questionamento realizado.

Para organizar os dados coletados nas narrativas, foram definidos eixos que contemplam as questões das entrevistas e as falas emitidas pelos participantes, que simbolizam desde a escolha profissional e seu exercício, o enfrentamento da nova situação como professor readaptado, a questão do trabalho antes e pós readaptação, e contemplam, também, as percepções, sensações, sentidos e sentimentos dos participantes diante da situação vivenciada no momento, que é o de estar professor readaptado. Os eixos são:

- Eixo 1: A significação do ser e do estar professor e a escuta aos participantes da pesquisa;
- Eixo 2: Enfrentamento da nova realidade (Readaptação) e a escuta aos participantes da pesquisa;
- Eixo 3: Percepções do professor readaptado com relação ao retorno ao trabalho e a escuta aos participantes da pesquisa; e
- Eixo 4: Sentidos, sentimentos e percepções do ser professor e não estar professor e a escuta aos participantes da pesquisa.

Na sequência, apresenta-se a análise de cada eixo.



## 8.1 Eixo 1: A significação do ser e do estar professor e a escuta aos participantes da pesquisa

Ao investigar sobre a significação do ser e do estar professor (Eixo 1), tomou-se como embasamento para análise alguns pontos, como a escolha, o como se tornou professor, a relação com a profissão e a valorização da profissão de professor.

Os excertos abaixo (Quadro 6) foram retirados das entrevistas desenvolvidas com os professores readaptados, participantes da pesquisa. As entrevistas, gravadas em áudio, se orientaram por um roteiro prévio, que serviu como “fio condutor”, sem aprisionar pesquisadora e pesquisados. Borboleta e Severino foram entrevistados em suas unidades escolares; Maria, em sua residência; e Zi Risa, por mensagens de áudio, visto que ela se encontrava num processo gripal. Posteriormente, efetuou-se a transcrição dessas conversas.

Quadro 6 - Narrativas dos participantes analisadas no Eixo 1: A significação do ser e estar professor

Professora Borboleta
<p><i>Porque, naquela época, foi o curso que mais me identifiquei (História). Fui, de certa forma, influenciada e motivada por amigos próximos que estavam fazendo e outros já haviam terminado o curso.</i></p> <p><i>Sou intensamente ligada à minha profissão. Amo História e a possibilidade de a disciplina abrir horizontes na vida do professor e também do aluno.</i></p> <p><i>Ser professor, para mim, significa ajudar o outro a melhorar de vida, aprimorando seus conhecimentos. Significa ter coragem nessa sociedade, onde o papel desempenhado pelo professor é um dos mais importantes e mais desvalorizado. Mas, apesar de tudo de bom que o professor pode fazer pela sociedade, não somos atendidos nos momentos que mais precisamos, não se preocupam com o professor. Deixam o profissional solto, sem amparo, sem saída para resolver os próprios conflitos.</i></p>
Professor Severino
<p><i>Eu sempre quis ensinar e ajudar pessoas a crescer na vida profissionalmente e como ser mais humano e solidário ao próximo, queria mostrar que as dificuldades da vida e limitações eram obstáculos difíceis, mas não insuperáveis, e me tornar professor seria um patamar que até minha própria família duvidava, pois em toda ela não havia um só parente com nível superior e justo eu, que era gago, me tornaria professor? Acreditavam que era um passo muito maior que minhas pernas permitiam.</i></p> <p><i>Ser professor é um sonho realizado, fui um garoto pobre e com muitos traumas psicológicos causado por violência dentro de casa e abusos ao decorrer dos anos, eu tive problemas graves na fala até entrar na UFMT, gagueira severa como resultado.</i></p> <p><i>Gosto muito de ser professor, sinto que poderíamos ter mais apoio e valorização, não só financeira, mas também pedagógica, e apoio profissional mesmo, uma psicóloga, um plano de saúde decente, uma DRE que trabalhasse em prol da educação, nos ajudando a crescer e contribuir de melhor forma para formarmos cidadãos comprometidos com o crescimento de uma sociedade mais justa.</i></p>

### Professora Maria

*Eu penso que primeiro porque minha mãe é professora, minhas tias são professoras. Então, eu sempre acompanhei minha mãe, que era cardíaca, e as salas que ela sempre trabalhou, praticamente vinte e cinco anos. No início da minha adolescência, eram salas multi seriadas e eu ia com ela e ajudava ela a dar aulas, porque eu já tinha a quinta série. Eu fazia a quinta série e também substituía uma tia minha quando ela ia para a faculdade, vaga no interior do estado do Paraná. Eu começo minha carreira na zona rural, no interior do estado do Paraná, então, foi sim por influência da minha mãe e das tias, na fazenda do meu avô. A escola era na fazenda do meu avô. Inclusive foi uma luta do meu vô para que tivesse escola na fazenda para que os filhos dos trabalhadores da fazenda, como também os filhos dos vizinhos da fazenda, também pudessem estudar.*

*Sou professora por escolha, por achar que eu me realizaria nessa profissão. Hoje eu vejo como uma profissão bastante desvalorizada socialmente, não é uma profissão que tem prestígio social. Quando você fala que você é professora, eu já ouvi uma vez uma pessoa que pediu para eu me apresentar e, depois de dizer que eu era professora, a pessoa me disse que eu era sofredora, e, por incrível que pareça, essa pessoa era empresário à época, há muitos anos, e hoje a pessoa faliu e se tornou professor.*

*Eu, como eu já disse, é uma profissão desvalorizada, mas que eu gosto muito, e que se eu tivesse que escolher hoje, eu escolheria novamente ser professora ou advogada, mas principalmente, professora, e tomaria outros rumos, eu iria para a Universidade, que eu penso ser outro prestígio, é mais, tem maior valorização social.*

### Professora Zi Risa

*Começou assim, por influência de uma vizinha que eu tinha, que era professora, e eu achava muito bonita aquela profissão. A gente era uma pessoa pobre, aliás éramos muito pobres, de poucos recursos, e nos faltava quase tudo; e essa vizinha, como professora, parecia que tinha algo assim, diferente. Professor, naquela época, era valorizado e muito respeitado. Então, era a professora, tinha uma admiração enorme por ela. Ela estava sempre bem arrumada, pra mim era até um sonho de consumo. Era a esperança de um futuro melhor e, com isso, todos os meus irmãos se engajaram na educação.*

*Embora eu esteja readaptada, mas eu acho que a minha relação com a função de professor, efetiva a minha significância. Acredito que signifique muito ainda para a educação, embora qualquer coisa que venha de fora, qualquer problema, digamos, como preconceito, mas eu ainda me sinto professora. Embora sofra muito com algumas coisas que a gente passa, mas eu acho que a minha relação com a educação ainda está efetiva. Me sinto professora. Sou esperançosa.*

*Então, assim, eu não sou vista, não sou percebida. Era para ser valorizada, mas não me sinto valorizada, não. A impressão é que a gente agora é inativa, improdutiva. Você precisa se afastar e os mecanismos que colocam em sua frente todos os dias são para que você se afaste cada vez mais. É pesado isso. É difícil aceitar essas limitações que nos impõem, além das nossas próprias limitações.*

Fonte: organizado pela autora (2022).

A escolha da profissão é um momento importante na vida da pessoa, pois sua decisão a acompanhará, caso não mude de ideia, por vários seguidos anos. A influência para a escolha da profissão docente se deu de formas bem parecidas entre os nossos participantes. A professora Borboleta escolheu fazer o curso de História por ter se identificado mais e ter sido influenciada por amigos próximos que falavam que o curso era muito bom. Ela declara, ainda, ser

intensamente ligada à profissão escolhida e afirma que ser professor, para ela, significa ajudar o outro a melhorar de vida, sendo um dos papéis mais importantes na sociedade, porém muito desvalorizado. A fala da professora Borboleta, vai ao encontro do que afirma Gatti (2013, p. 155), que “a representação de não valorização da docência da educação básica vem perdurando uma vez que a constituição sócio-histórica-política de elementos para superação e reconstrução dessas representações sociais não tem alcançado efetividade real.”

O professor Severino relata que sempre quis ensinar e ajudar as pessoas a crescerem na vida; se tornar professor, além de ser um sonho realizado, seria uma forma de superação da sua realidade pobre e sofrida, além de uma referência para a família, em termos de sonhos e superações pessoais, uma vez que foi o primeiro a ter um curso superior.

A participante Maria declara que sua escolha de ser professora foi influenciada pela mãe, que também era professora; por sempre acompanhar a mãe para a sala de aula, acabou por se encantar com a profissão. Com apenas a quinta série, começou a trilhar os primeiros passos na docência. As salas que sua mãe trabalhava eram multi seriadas, na zona rural, na fazenda de seu avô, e ela ia com mãe, que era cardíaca, como companhia, e acabava ajudando na rotina da sala de aula. Hoje, depois de mais de vinte e cinco anos na profissão, sente-se triste, pois reconhece que ser professor é uma profissão desvalorizada socialmente.

A professora Zi Risa, por sua vez, se interessou pela docência por influência de uma vizinha. De infância pobre, de poucos recursos, via na vizinha professora a concretização de um sonho de uma vida melhor. Admirava tudo na vizinha, inclusive suas conquistas e realizações. Tudo nela chamava atenção de Zi Risa, na infância e adolescência: como a professora vizinha se portava, se vestia; a menina observava e dizia que um dia também seria daquele jeito. O sonho se concretizou, escolheu ser professora, porém, hoje se sente um pouco frustrada, pois percebe a profissão docente bem desvalorizada, diferentemente da época que era criança, e ser professor era digno de prestígio.

É interessante perceber, nas falas de Severino e Zi Risa, quando falam da infância pobre, que tal escolha profissional representou uma ascensão cultural e social, pelo grau de escolaridade atingido, em relação à sua família de origem. Além disso, as afirmações desses dois participantes mostram que essa escolha proporcionou uma mobilidade ascendente nas suas trajetórias social e financeira, como também nas de suas famílias, pois passaram a contribuir com a renda.

Dessas falas iniciais emergem algumas concepções dos respondentes sobre ser professor. Um dos aspectos diz respeito à questão escolha, que se deu, para eles, de forma bem parecida, ou seja, por influência de alguém ou de algo. Um outro sentido é o da realização de

um sonho, mas que também houve frustrações e desencantos, pois, a profissão docente foi perdendo, ao longo dos anos, a sua valorização e seu prestígio.

Em consonância às falas apresentadas, Dubar (2005, p. 114) afirma que a escolha da profissão “não se trata somente de uma situação de escolha do ofício ou de obtenção de diplomas, mas da construção pessoal de uma estratégia identitária que põe em jogo a imagem do eu, a apreciação das suas capacidades, a realização dos seus objetivos.”

## 8.2 Eixo 2: Enfrentamento da nova realidade (Readaptação) e a escuta aos participantes da pesquisa

Quando interrogados acerca de como se deu o enfrentamento da nova realidade (Readaptação) - Eixo 2 e como isso repercute nos âmbitos pessoal e profissional e, ainda, qual é a expectativa de retorno à docência em sala de aula, os participantes relataram:

Quadro 7 - Narrativas dos participantes analisadas no Eixo 2: Enfrentamento da nova realidade (Readaptação)

Professora Borboleta
<p><i>Ser readaptado, para mim, está sendo um processo de admitir, de encarar e de não desistir e de ter esperança. Tem dias que não consigo ter forças para encarar nem a readaptação, elas acabam. Hoje, depois, de muito tratamento psicológico, entendi que é um processo que pode melhorar com o tempo. O sentimento de inutilidade, de não aceitação. Tem dias que parece que não sou mais eu. E isso não é nada bom! Antes me sentia útil e realizada profissionalmente. Tinha paixão pela profissão e pelas suas realizações; com o tempo, foi se acabando aquele encanto, devido às muitas decepções, perseguições, humilhações. Hoje tenho pouca alegria e motivação.</i></p> <p><i>Tenho boas expectativas de retorno a sala de aula. Mas ainda me deixa apreensiva, agitada e nervosa. Acho que ainda vai demorar para eu ficar totalmente recuperada e poder encarar novamente uma sala de aula.</i></p> <p><i>Desde o primeiro ano de readaptação tenho feito tratamento específico para melhorar. Terapias, médicos, busco outros pensamentos, outra rotina para o meu bem-estar. Converso muito com meus amigos parceiros, com pessoas que já viveram essa realidade. Procuo melhoras”</i></p>
Professor Severino
<p><i>Me sinto inferior aos demais, impotente e deficiente, por mais que me esforce e ajude cada unidade educacional que passo, não sou valorizado, e mesmo explicando que posso produzir dentro do ambiente escolar, preciso me dedicar o dobro para obter um pouco de aceitação.</i></p> <p><i>Quase impossível, tenho um problema congênito nas pregas vocais que foi agravado por anos lecionando, e essa situação não pode ser revertida. Tentei retornar à sala de aula por três anos consecutivos e, após uma semana, já estava sem conseguir falar. Fiz sessões com a fonoaudióloga, troquei de Otorrinolaringologista por três vezes em busca de soluções, mas obtive a mesma resposta: você não poderá retornar a lecionar.</i></p>
Professora Maria

*Profissionalmente, eu acho que tanto as gestões escolares, como a própria Secretaria de Estado, poderiam te aproveitar mais e melhor, usufruir mais do seu saber, de outras formas. Por exemplo, as normativas não permitem que o professor readaptado se candidate à coordenação, à articulação. Se o meu problema é físico e eu não posso escrever no quadro, eu poderia trabalhar como articuladora. E pessoalmente, me sinto assim muito angustiada, apesar de que tanto no estado como no município eu estaria desenvolvendo atividades com as crianças e eu acho que eu desenvolvo bom trabalho, eu ainda me sinto assim, bem deixada de lado em algumas questões que você poderia contribuir.*

*Para sala de aula eu não vejo nenhuma possibilidade de retorno até porque eu já estou em final de carreira, então, eu acredito que eu não deva retornar, mesmo procurando formas de melhorar o meu quadro, fazendo psicoterapia, exercícios físicos. Mas a readaptação fez com que desenvolvesse em mim, algumas questões psicológicas como a angústia e ansiedade.*

#### **Professora Zi Risa**

*Pessoalmente, eu fico procurando melhoras, sou uma pessoa muito positiva e assim, sempre procuro pessoas positivas para ficar ao meu lado. Gosto muito da personagem Poliana, bem positiva, e imagino sempre uma coisa melhor, até por uma questão de sobrevivência. Quem vem de uma vida bem difícil, a gente aprende a sobreviver. Então, eu tento, fico tentando pessoalmente ficar mais próximo de pessoas que me respeitam, embora, se eu vejo que tem um grupo que não me respeita, não gosta de estar comigo porque eu sou readaptada, eu simplesmente ignoro. Essas coisas assim. Porque não sabe a intensidade do trabalho da gente, como é o meu caso, trabalhar com prestações de contas, projetos, como é a escrita. E ainda achar que você não faz nada. Profissionalmente, eu me sinto fora da minha função, eu não sou ninguém, digamos assim, como eu já disse antes, eu faço um trabalho que é interessante numa escola, que sem PPP a escola não tem um direcionamento, e toda aquela construção, junto aos professores, a parte de prestação de contas, do itinerário formativo, receber pessoas, PIBID<sup>6</sup>, mostrar para as pessoas os projetos da escola, mas percebo que tudo isso é interessante, mas não tem valor nenhum quando executado por um professor readaptado. O professor readaptado é um peixe fora d'água.*

*A minha perda auditiva é irreversível e os médicos já me disseram que muito provavelmente não voltarei para sala de aula. Mas, como a política de governo, mas hoje, por exemplo, se o nunca é a nosso favor, não sei o que me aguarda futuramente nessa readaptação. Se me negarem a readaptação, tento voltar para sala de aula, porém, não garanto qualidade das minhas aulas. Só tenho 30% da minha audição dos dois ouvidos. O aparelho limita a gente, é muito alto.*

Fonte: organizado pela autora (2022).

As respostas coletadas com relação ao eixo 2 revelam sentimentos variados quanto ao enfrentamento da nova realidade. O primeiro problema de enfrentamento da readaptação é a aceitação da nova condição, pois há uma ruptura entre o ser docente e o estar doente que, queira ou não queira, compromete a maneira como o professor readaptado se enxerga dentro do ambiente escolar, pois este, muitas vezes, desestabiliza a conformação identitária que o professor tinha de si mesmo e isso provoca e retroalimenta o sentimento de mal-estar, de não pertencimento e de desmotivação.

Ao serem indagados sobre como se sentem pessoalmente e profissionalmente, as respostas enveredaram por caminhos que retratam a grande desestabilização pessoal e profissional, reforçados por sentimentos negativos e de depreciação de si mesmos, como se vê

<sup>6</sup> Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID).

nas respostas dos participantes: “[...] tem dias que parece que não sou ninguém” (BORBOLETA); “Me sinto inferior aos demais, impotente e deficiente” (SEVERINO); “Sou bem deixada de lado” (MARIA); “Me sinto fora da minha função, eu não sou ninguém” (ZIRISA). De maneira geral, as narrativas apresentam uma auto inferiorização do professor readaptado, a partir de suas próprias vivências. Vários sentimentos são possíveis de serem percebidos nessas falas: de inferioridade, de impotência, de inutilidade, de não aceitação, além de outros que apareceram no decorrer da entrevista.

De acordo com Nunes (2001), a situação de estar/ser readaptado pode causar sentimento de culpa e sofrimento em relação ao olhar do outro sobre sua condição, uma vez que a pessoa passa a ser considerada uma “armadora”, pois, aos olhos de quem observa de fora da situação, o readaptado está numa posição melhor ao ter se “livrado” da docência e, nesse sentido, compreende-se que a dor só pode ser sentida por quem a sente.

Vale ressaltar que manifestações de discriminação e de exclusão dos profissionais demonstram que a própria categoria não reconhece o sofrimento do professor readaptado, apesar de partilharem o dia a dia da profissão, as precárias condições de trabalho e o acúmulo de responsabilidades. Ademais, através dos excertos das falas dos participantes, destacados acima, entende-se que a igualdade entre os professores deixa de existir quando um professor se torna um professor readaptado. Sendo assim, a equidade entre os docentes não diz respeito às suas qualificações, e sim, às funções exercidas.

Arbex, Souza e Mendonça (2013) afirmam que situações como essas retratadas acima poderão ocorrer, uma vez que as pessoas que convivem com os docentes readaptados não lhe conferem o mesmo respeito de quando eram todos professores. Assim, a readaptação afeta as interações no local de trabalho, causando, nos professores readaptados, sentimentos como insegurança e impotência.

Ainda, pode-se destacar, na análise deste eixo, que os próprios professores readaptados se veem sem função definida ou em funções que não contribuem para sua recuperação de saúde. A participante Maria, doutora em educação, declara que as gestões escolares, como também a SEDUC/MT, deveriam aproveitar melhor o professor readaptado, usufruindo com mais eficácia do saber e do conhecimento adquirido pelo professor ao longo dos anos, com sua experiência e também com sua formação. Sugestões são propostas por ela, como poder se candidatar à coordenação, à articulação de aprendizagem de forma que possa colaborar mais eficientemente com o pedagógico da escola, mas essas possibilidades são tolhidas, como outras, sempre como um não aos readaptados. A respeito desse aproveitamento do professor readaptado, a participante Zi Risa também reforça o aspecto da desprofissionalização do professor

readaptado, quando diz que todo e qualquer trabalho executado por um professor em readaptação não tem o mesmo valor e prestígio quando é executado por um outro professor que esteja na regência efetiva. E evidencia essa afirmação na frase “o professor readaptado é um peixe fora d’água”.

Considerando a questão tratada no eixo 2, percebe-se que a readaptação funcional gera modificações tanto no âmbito pessoal quanto no profissional. Ao concluir que, certamente, há mudança no sentido do trabalho após a readaptação, é importante frisar que o reconhecimento era atribuído a esses profissionais quando estavam em sala de aula ou exercendo alguma função na gestão escolar, então, para obtenção desse reconhecimento, é necessário ser professor em efetivo exercício, comprovando, dessa forma, uma hierarquização na profissão docente.

No questionamento sobre a expectativa de retorno à sala de aula, dois professores (Severino e Zi Risa) declararam ser impossível, devido aos seus problemas de saúde serem irreversíveis. A professora Maria também não retornará à sala de aula, uma vez que está próxima de se aposentar e houve agravamento de seus problemas, pois se readaptou por problemas físicos (desgaste na coluna) e acabou sofrendo por problemas psicológicos, caso que a levou a uma readaptação por dois problemas. Já a professora Borboleta é a única que espera ansiosamente o retorno à sala de aula, apesar de ainda não estar totalmente recuperada dos seus problemas psicológicos, portanto, sem data definida para esse desejado momento.

### **8.3 Eixo 3: Percepções do professor readaptado com relação ao retorno ao trabalho e a escuta aos participantes da pesquisa**

O Eixo 3 traz as ponderações dos participantes no que diz respeito às percepções do professor readaptado com relação ao retorno ao trabalho, abrangendo a satisfação ou não do e no trabalho, as contribuições do professor readaptado no âmbito escolar e as relações interpessoais antes e pós readaptação no dia a dia no espaço escolar.

Quadro 8 - Narrativas dos participantes analisadas no Eixo 3: Percepções do professor readaptado com relação ao retorno ao trabalho

<b>Professora Borboleta</b>
<p><i>Uma pessoa que pode ou não colaborar com o que lhe é colocado. Uma forma de encarar o recomeço dentro da escola. Basta reconhecer a realidade, aceitar e assumir.</i></p> <p><i>Existem inúmeras possibilidades dentro de cada realidade. Usando as habilidades possíveis de cada pessoa em readaptação. Contando com a colaboração de cada um. Interagindo de alguma maneira e sentindo de alguma forma a utilidade prevista.</i></p> <p><i>Durante muito tempo tive muitos problemas de perseguição de gestores nas escolas. Mas nas últimas escolas que estive, a direção sempre foi muito solícita e parceira. Essas relações, então, variavam entre amistosas e agressivas, muitas das vezes. No contexto escolar sempre existe momentos de muitos conflitos; mesmo que implícita, há uma competição acirrada entre os professores.</i></p>
<b>Professor Severino</b>
<p><i>As atitudes de nossos colegas atuantes conosco, readaptados, chega a ser lamentável; nos julgam como espertalhões, que não gostamos de trabalhar, entre muitos outros comentários que temos que ouvir e não reagir, pois os mesmos são incapazes de entender que somos vítimas da situação e que nosso desejo é estar em uma sala de aula e não podemos. Em minha escola não é diferente de outras três que passei nos quase sete anos como professor readaptado.</i></p> <p><i>Podemos contribuir com a coordenação da escola, ajudar no pedagógico, na prática de nossos colegas, orientando-os e contribuindo no que for preciso, até porque a maioria dos readaptados são professores experientes.</i></p> <p><i>Sempre tive bom relacionamento com meus colegas de profissão, sempre fui extrovertido e participativo, estive no cargo de diretor, presidente do CDCE, coordenador pedagógico, articulador, entre outros. No momento, estou em readaptação em minha quarta escola, e percebo que com meus novos colegas não se pratica o mesmo respeito e consideração, somos avaliados apenas pela situação e condição que estamos vivendo, e isso é lamentavelmente triste.</i></p>
<b>Professora Maria</b>
<p><i>Vejo o trabalho do professor readaptado como algo que não pode aparecer. Parece que o professor readaptado está fadado a uma subcategoria dentro da escola. Em hipótese alguma, fico satisfeita com meu trabalho. Às vezes, fico quatro, seis horas na escola, sem fazer nada, e não é porque eu não quero, e sim porque não se permite todo o trabalho para a gente. É para a gente ficar na invisibilidade.</i></p> <p><i>Eu acredito que teria como desenvolver um excelente trabalho, de qualidade, com projetos, projetos de leitura, aliás, inúmeros projetos que viessem contribuir com a leitura, a escrita, a aprendizagem em si dos alunos, mas aí precisa de a gestão ter isso em mente, reunir com os readaptados, propor um projeto, desenvolver junto um projeto de ensino. Seja um projeto de leitura, seja um projeto de para que dentro das possibilidades de apoio pedagógico. Eu penso que poderia ser bem melhor aproveitado e a escola só teria a ganhar, mas depende da gestão.</i></p> <p><i>Eu sempre fui uma pessoa inquieta e questionadora e as minhas relações nunca foram, assim, eu diria, tão boas. Eu sempre fui uma pessoa de questionar muitas coisas que podem ser melhores nas escolas, muitas possibilidades de melhorar, que eu vejo, pelos anos que eu estou na educação, quase trinta e cinco anos. Já ouvi também que eu sou uma pessoa muito certinha e isso acaba pesando. E depois da readaptação, já tive, assim, um ano que eu não fui nem convidada para a confraternização do fim de ano. Isso me doeu muito e me fez perceber o quanto eu era invisível e insignificante para a gestão e os colegas que nem perceberam que eu não havia sido convidada.</i></p>



### Professora Zi Risa

*A escola, aqui, com relação ao trabalho do professor readaptado, deixa as coisas meio livres, livres no sentido de não perturbar muito, depois de o próprio professor readaptado ver em que função ele se adapta melhor. Então, a gente vai se enquadrando em alguma atividade que a sua limitação te permite. Então, temos espaços como laboratório de informática, de ciências, a biblioteca, apoio à coordenação, apoio à direção e outros trabalhos relacionados aos projetos que a escola tem.*

*Olha, no meu caso, eu contribuo bastante. Só que depende do readaptado, por exemplo, isso depende da limitação de cada um, a minha limitação não é física, do ponto de vista que me limite a executar tarefas; é claro que tenho consciência que a audição é física, mas digo assim, não é um problema de coluna, das pernas, dos braços. Não é uma LER (Lesão por Esforços Repetitivos), não tenho problemas de ficar sentada, de andar. É diferente do professor que é readaptado e cheio de limitações. Então, e aí, nesse caso, eu posso contribuir, mas tem outros professores que já não podem. Uns não podem escrever porque já não aguentam mais, têm problemas psicológicos, emocionais. Eu acredito que ajudo bastante nas atividades curriculares com alunos, pais, projetos da escola.*

*Nossa!! Eu era convidada para fazer parte da coordenação, mas eu sempre preferia a sala de aula, pois sou apaixonada pela docência. Hoje em dia, você é um ser esquecido, não se confia em você nem para organizar uma festa, digamos assim, de algo como se fosse uma formatura, é como se as pessoas não confiassem mais em sua capacidade, pois acham que você, enquanto readaptada, é diferente. A relação com a escola, com as pessoas, com os colegas de trabalho (que não todos) fica sim, comprometida. Para muitos, você não trabalha, você ganha dinheiro sem trabalhar. Você perde a sua identidade de professor pelos próprios pares. Então, essa relação ficou comprometida. Pós readaptação.*

Fonte: organizado pela autora (2022).

A análise do presente eixo desvelou narrativas instigantes, que reafirmaram que o trabalho tem uma posição central na vida das pessoas e que este, para muitos, significa a dignidade e a identidade de cada um, nos diversos espaços que se habita. Após a readaptação, o trabalho do professor, que até então, era a realização de um sonho de infância ou de possibilidades de ascensão social, fica comprometido. Isso se comprova por meio dessa falas, que descrevem o vivido pelos participantes: “[...] uma forma de encarar um recomeço dentro da escola” (BORBOLETA), vale ressaltar, aqui, que a professora ficou vários meses de licença médica para posterior readaptação; “Vejo o trabalho do professor readaptado como algo que não pode aparecer” (MARIA); “Com relação ao trabalho do professor readaptado, deixa as coisas meio livres, livres no sentido de não perturbar, de não se comprometer, de não o enxergar” (ZI RISA). O significado conferido ao trabalho que o professor readaptado realiza, de acordo com as narrativas apresentadas, o deixa invisível, fragilizado, como um peso morto dentro do ambiente escolar.

Sobre essa insatisfação com o trabalho, Esteve (1999, p. 112) afirma que pode ser caracterizada como um mal-estar que se instala a partir de efeitos permanentes de caráter negativo que vão afetando a personalidade dos professores, em virtude das condições psicossociais em que estes exercem a sua profissão.

No que concerne ao trabalho pós readaptação, as declarações dos entrevistados evidenciam que eles, em sua maioria, não possuem funções específicas, ou seja, mesmo tendo sido colocado no rol das atividades para o readaptado uma determinada função, essa designação mesma não concretiza efetivamente. Confirma-se aqui o “O escrito, o dito e o feito”, do qual fala Gracindo (1994), ou seja, no que se refere à prática da readaptação, não há concretude.

Não existem políticas adequadas para assegurar a qualidade do retorno ao trabalho, tanto em termos de falta de discussão sobre o retorno, quanto no que se refere à existência de propostas de intervenção para aqueles que se afastam por transtornos mentais e comportamentais.

De acordo com Macaia e Fischer (2015), dependendo do modo como acontece, o retorno dos profissionais afastados do trabalho poderá provocar piora nos sintomas que os acometeram e provocaram seu afastamento. É muito difícil, afirmam, os professores readaptados encontrarem, na escola, atividades equivalentes ou que se adaptem à docência.

A preparação para o retorno ao trabalho seria um momento de participação de diversos atores, que seriam, neste caso, a equipe gestora da escola, o responsável pelo retorno ao trabalho, que deveria atuar como mediador entre o departamento de licenças médicas e readaptação e o professor, que é sujeito central no processo (MACAIA; FISCHER, 2015, p. 847).

O trabalho do professor readaptado, de acordo com as narrativas dos docentes, ora se configura como um subemprego de suas capacidades, ora os deixa sobrecarregados, ora os colocando em funções onde ficam isolados, como salienta a professora Maria, quando diz “é para a gente ficar na invisibilidade”. Um cenário, portanto, propício ao desencanto e, por que não dizer, ao agravamento do adoecimento do docente.

Considerando as falas dos docentes readaptados acerca de suas funções ou não funções, há explicitamente a vontade de estabelecer uma relação positiva de si com o trabalho que antes era em sala de aula e que agora passa a ser em todo o ambiente escolar.

Na busca por um maior entendimento do cotidiano dos professores readaptados, foi indagado aos entrevistados quais as funções eles poderiam exercer de forma que não compromettesse as suas limitações. As respostas foram bem próximas e denotam a grande vontade de serem úteis à escola a qual pertencem. Entende-se a necessidade dos professores readaptados em se sentirem atuantes em um trabalho que seja importante para si e para a escola. Sousa (2002, p. 30), sobre o que se retrata aqui, manifesta que “o prazer no trabalho é fonte de equilíbrio e o próprio trabalho é um dos caminhos para o prazer, posto que cria identidade social e pessoal”. A professora Maria e a professora Zi Risa disseram que poderiam desenvolver um

trabalho de excelente qualidade, com projetos, projetos de leitura, escrita, apoio pedagógico, aprendizagem em si dos alunos. A professora Borboleta defendeu que é preciso que a gestão saiba usar as habilidades dos professores readaptados. As contribuições sugeridas pelo professor Severino, assim como as das professoras Maria e Zi Risa, passam pelo envolvimento no trabalho pedagógico da escola, na prática dos colegas, orientando-os e contribuindo no que for preciso, tendo em vista que a maioria dos readaptados são experientes, podendo colaborar principalmente com os professores iniciantes no processo de indução.

A indução é reconhecida como uma fase de desenvolvimento profissional, um momento peculiar do percurso profissional dos professores, posterior à formação inicial e de duração variável. Perspectivado como um processo de socialização, que ocorre no contexto da escola, este deverá possibilitar a assimilação da cultura da organização, bem como a (re) configuração do perfil de desempenho exigível” (ROLDÃO; REIS; COSTA, 2012, p. 443).

Nesse contexto de adaptação à readaptação, os participantes descreveram como ficou a relação com os pares pós readaptação, considerando que o trabalho, agora como professor readaptado, permeia outros ambientes no interior da escola. As revelações são, inevitavelmente, carregadas de emoção, uma vez que perderam suas referências de escolha profissional, o ser professor, e se veem, com frequência, discriminados, isolados, esquecidos, ignorados.

A falas retratam suas percepções e sentimentos acerca do vivenciado nas relações interpessoais. A professora Borboleta destaca os conflitos sempre existentes nessas relações, que têm origens diversas. Lembra, ainda, as competições e as relações fragmentadas e fragilizadas diante do contexto político e educacional nos quais estamos todos inseridos. O bom relacionamento que sempre tivera com os pares e gestão acabou comprometido e abalado, afirma o professor Severino, quando se tornou professor readaptado. Ele relata, de certa forma, com alegria, que passara por todos os cargos possíveis dentro da escola, e isto o fez um professor sensível, capaz de entender todos os envolvidos na escola. Mas, por outro lado, destaca também, a percepção de que, enquanto readaptado, não vê a prática do respeito e consideração pelos pares e gestão, considerado que essa realidade “é lamentavelmente triste! ”. O sentimento de exclusão é bem ressaltado na fala da professora Maria, quando se recorda que, por estar readaptada, certa vez não foi convidada para a confraternização da escola. Atribui esse “esquecimento” ao fato de ser questionadora e não aceitar as coisas postas como são, do tipo “cumpra-se”. Já a professora Zi Risa rememora que, por várias vezes, foi convidada para fazer parte da coordenação, de onde se deduz que ela tinha uma boa relação com colegas e gestão, o que, hoje, enquanto readaptada, já não ocorre, porque não se confia mais nela para organizar uma formatura, trabalho que também fazia antes da readaptação. A relação com os pares ficou

profundamente comprometida, uma vez que eles se comportam como se ela tivesse perdido todas as suas capacidades mentais e não apenas parte da audição.

Percebe-se, diante das falas, que dentro da relação do trabalho, o trabalhador precisa sentir-se reconhecido perante o outro, sendo esse reconhecimento fundamental na dinâmica da identidade e prazer. Dejours (1999) explica que esse reconhecimento é algo que o sujeito busca em relação ao seu fazer e não ao seu ser; entretanto, se no fazer do trabalhador esse não for reconhecido, então, o seu ser será atingido.

Para a questão das relações no trabalho, os próprios professores readaptados trazem sugestões e críticas. Deixam claro que é necessário um renormatização da função do professor em readaptação e que um trabalho que valorize mais as experiências particulares de cada readaptado melhoraria as relações, uma vez que o próprio professor readaptado precisa se sentir bem naquilo que está realizando para passar a importância do seu trabalho para o outro. Ainda, no que tange às relações no trabalho, é urgente repensar o acolhimento ao professor readaptado por todos da escola. Tal função deve ser exercida, primeiramente, pela gestão, e endossada pelos pares.

Vale destacar aqui sobre a relação com os colegas de trabalho um ponto interessante, a questão da afetividade. A afetividade nas relações humanas, como busca do equilíbrio da habilidade emocional entre as pessoas de um determinado grupo. Como esta é uma tarefa de todos dentro do âmbito escolar, apontar o desenvolvimento comunicativo e afetivo é primordial para o aprendizado humano, assim como refletir sobre a necessidade do afeto no ciclo da vida, nas instituições de trabalho e convívio social. A compreensão sobre a afetividade tem muita importância, pois além de estabelecer as relações interpessoais de forma positiva, a afetividade tem papel crucial, pois ela se dá através da reflexão e busca da mediação construtiva que solidifica o processo emocional.

A respeito da afetividade, Wallon (2010) afirma:

É possível pensar a afetividade como um processo amplo que envolve a pessoa em sua totalidade. Na constituição da estrutura da afetividade, contribuem de forma significativa as diferentes modalidades de descarga dos tónus, as relações interpessoais e a afirmação de si mesmo, possibilitada pelas atividades de relação. (WALLON, 2010, p. 14)

Mas o panorama que se desnuda a partir dos depoimentos colhidos dos professores readaptados, em suas narrativas, está bem distante disso. A afetividade na relação com os pares, na escola, está longe de ser efetivada, não se concretiza e muito menos contribui para o aprimoramento e desenvolvimento da humanização.

O acolhimento é uma maneira não expressa por palavras, mas onde as pessoas se sentem aceitas, certificando que são todas integrantes de uma mesma espécie, principalmente quando este provém de quem transmite afetividade, uma simples ação que pode mudar o dia e ser um grande motivador para um envolvimento harmonioso e produtivo em sociedade; tal fator demonstra a importância da relação professor e seus pares na questão primeira de aceitação, solidariedade e cooperação.

Lancman (2011, p. 17) ressalta a importância de “constituir coletivos nos quais os trabalhadores poderão encontrar espaços para criar formas de solidariedade e de cooperação”. Já Wallon (2010) sublinha a noção de pessoa como grupo social que resulta da interação e de suas dimensões, fato esse que ocorre paralelamente ao desenvolvimento na integração do orgânico com o meio, basicamente social. No meio profissional, e nele se inclui o professor adoecido e readaptado, é preciso que todos consigam transmitir afetividade nas relações interpessoais, dando base ao respeito, solidariedade e preocupação com o outro. Muitas das afirmações dos professores readaptados ao longo da entrevista não se fariam presentes em seus depoimentos se vivessem no cotidiano da escola a prática da afetividade e da empatia.

A afetividade, quando usada entre as pessoas com a proposta de convívio no cotidiano, traz harmonia ao ambiente, seja ele escolar, de trabalho ou social. As pessoas se sentem bem quando pensam ser aceitas pelos outros que, de alguma forma, participam de suas vidas; isso, emocionalmente, leva à segurança.

O ser humano precisa de aceitação e afetividade dentro de suas relações interpessoais, precisa também de ânimo para buscar equilíbrio de convivência e, conseqüentemente, uma melhora no clima organizacional do ambiente de trabalho.

Então, dentro dessas novas condições de trabalho, o professor readaptado precisa se auto aceitar para que sua relação no trabalho minimize seus problemas. Como afirma Wallon (2010, p. 126) “É preciso se aceitar, entender, motivar e superar, fazendo com que as relações afetivas proporcionem prazer em toda e qualquer atividade a ser realizada, durante o cotidiano e suas necessidades”.

Anteriormente à readaptação, os professores participantes da pesquisa tinham sua constituição identitária pelo compartilhar de atividades semelhantes, ou seja, desenvolver ações que fazem parte do mundo circundante comum aos professores ativos. Com a readaptação, houve mudanças na relação com os pares, devido às modificações em seu cotidiano. Essa perda de contato mais direto e constante com os colegas, ou o não encontro com os que faziam parte de seu mundo, quando professores ativos, foi vista como um não pertencimento ao grupo de

professores, já que não há mais a mesma relação de trabalho, e isto tem interferido no contexto pessoal de cada participante.

#### **8.4 Eixo 4: Sentidos, sentimentos e percepções do ser professor e não estar professor e a escuta aos participantes da pesquisa**

No eixo 4 são analisadas as narrativas dos participantes acerca dos sentidos, sentimentos e percepções do ser professor e não estar professor, o que tem configurado um processo doloroso, pois trazem consigo o estigma do profissional adoecido e, como parte desse processo advém, de certa forma, um abalo das relações sociais bem como a desvalorização profissional como um todo.

Perguntados sobre que sentimentos e sensações os atravessam enquanto professores readaptados, sendo professor e não estando professor, os participantes usaram esse momento com uma forma de desabafo e de exteriorização daquilo a que, no dia a dia da escola, não se tem dado a devida atenção, razão pela qual é comum que se sintam como uma pessoa invisível, mesmo estando cercados de outros educadores.

Quadro 9 - Narrativas dos participantes analisadas no Eixo 4: Sentidos, sentimentos e percepções do ser professor e não estar professor

<b>Professora Borboleta</b>
<p><i>O sentimento é de abandono, como se eu fosse um vaso sem serventia encostado num canto qualquer. Sentimento de que não sou vista, de que não sou útil. Para mim, todos os dias, tenho a sensação de não pertencer mais ao grupo. Como me dói saber o quanto eu poderia contribuir, mas só me veem como um nada, como alguém que só atrapalha. E, às vezes, percebo murmurinhos como “parece tão de boa, não parece adoentada”, ouvir isto me adoce mais, pois muitas vezes choro sozinha para ver se alivia! Uma sensação de perda, de incapacidade, sem rumo, sem estrutura, mas também uma sensação de alívio pois não teria condições nenhuma de entrar numa sala, mas, às vezes, fico a me perguntar: “Estou sendo professora, sem estar na sala de aula? Por que o meu colega não me tem mais como professora? ”. Isso me aflige e me deixa, por vezes, constrangida!</i></p> <p><i>Me vejo ainda muito produtiva, não é porque tenho problemas depressivos que a minha condição laboral foi excluída. Posso colaborar em muitos espaços da escola.</i></p>
<b>Professor Severino</b>
<p><i>Senti tanto medo e impotência diante da situação. Já tinha noção de como seria julgado e visto pelos companheiros. A discriminação é latente; somos julgados como inferior e incapaz de exercer funções para as quais me preparei a vida toda, e certamente as exerci de forma competente. Como já havia convivido com um colega readaptado e por vezes o via sendo “humilhado”, sabia que minha hora também chegaria.</i></p> <p><i>Vou tentar resumir em poucas palavras. Sinto-me tão pequeno diante das circunstâncias que permeiam meu dia a dia como readaptado. Não sou mais professor, não estou professor e isto me faz sentir pequeno em relação aos colegas. Parece que sou invisível e só sou visto quando acham que posso ser útil para algo. Mas a sensação de utilidade passa rápido. Fico de um lado para outro da escola, fazendo de tudo e não fazendo nada, na concepção dos colegas e gestão. Chego em casa,</i></p>

*depois de um dia de trabalho, cansado, mas com a sensação de que de fato não fiz nada. E isso me deixa imensamente triste! Então, me sinto humilhado, desrespeitado, desvalorizado de todas as formas possíveis, o readaptado, mesmo que produzindo de forma satisfatória, jamais é valorizado como deveria!*

#### **Professora Maria**

*Hoje me sinto assim, meio que angustiada, acho que é angústia, um desespero, um nó que não consigo destravar. A palavra que me define enquanto readaptada é ANGÚSTIA. Não sei mais o que eu sou hoje, eu não sou mais professora, mas eu sou o quê? Seria assim, essa indagação, assim, eu não consigo me encontrar. E eu não estou mais na função de professor e aí você sente falta. Eu sinto muita falta das crianças!*

*Eu me percebo como um zero à esquerda. Sou quase invisível dentro da escola. Ninguém te percebe com a sua qualificação. Parece que qualquer trabalho que a gente fizer que dê destaque ao readaptado é barrado. Como readaptada, você faz trabalhos aquém de suas condições, diante da sua qualificação. Então, eu me percebo como alguém que parece que está atrapalhando o bom desenvolvimento da escola!*

#### **Professora Zi Risa**

*Tenho um sentimento, primeiro, de tristeza, por estar trabalhando com colegas que poderia acontecer o mesmo e não reconhecem que eu não escolhi ficar doente. Sinto um sentimento de exclusão, por parte do sistema, e vergonha também, porque a forma como somos tratados faz com que sintamos vergonha de não estar em sala de aula e ser visto da forma como a gente é vista ou nem é vista. É uma invisibilidade diária!*

*Me sinto estigmatizada, como imprestável, sem prestígio. É como se eu nunca tivesse sido útil para a escola. É bem isso. Me sinto inútil. Sou imperceptível aos olhos dos colegas. Isso me dói tanto! Como readaptada, perdi minha característica principal, que é ser professora. Como escrevi na narrativa, ser professora, para mim, era um sonho. Uma possibilidade de conquistas, mas hoje, como readaptada, meu sonho se tornou um pesadelo!*

Fonte: organizado pela autora (2022).

Constata-se, nas falas de Borboleta, Severino, Maria e Zi Risa, o quanto os sentimentos e sensações, enquanto exteriorização dos sentimentos de medo, da recusa, da inobservância, da inutilidade, mexem com a realidade vivenciada por cada um. A invisibilidade sentida por todos os colaboradores é algo que os deixa extremamente abalados e com a saúde ainda mais comprometida. Sentem uma dor, talvez não exteriorizada, mas que corrói a alma. A dor enquanto elemento que conduz ao sofrimento é algo intrínseco ao próprio indivíduo. Assim, confirma, Paulo (2006),

É um fenômeno cuja complexidade não se esgota na consciência de um estímulo, mas se prolonga num crescendo de emoções, atitudes e comportamentos que traduzem a extensão do sofrimento. Muito além da sensação, ela é uma percepção moldada pela personalidade de quem sofre e pelos contextos sociais que a rodeiam (PAULO, 2006, p. 28).

Compreendendo sentido e sentimento como algo percebido, é possível notar, na narrativa de Borboleta, o quanto a readaptação a deixou sem perspectivas, sem direção,

trazendo-lhe sofrimento e indignação. Ao falar do seu sofrimento, a participante engole o choro e tenta ser forte, pois sabe que muito enfrentamento terá pela frente. Para Dejours (2015),

Esse sofrimento, de natureza mental, começa quando o homem no trabalho, já não pode fazer nenhuma modificação na sua tarefa no sentido de torná-la mais conforme às suas necessidades fisiológicas e a seus desejos psicológicos – isto é, quando a relação homem-trabalho é bloqueada (DEJOURS, 2015, p. 173).

O sentimento que se destaca na narrativa de Borboleta é abandono, que vem acompanhado dos sentimentos e sentidos de invisibilidade, de não pertencimento, de discriminação e de incapacidade. Expressões como “é como se eu fosse um vaso sem serventia encostado num canto qualquer”, “não sou vista”, “uma sensação de perda, de incapaz” demonstram a desestruturação sentimental da participante por não se ver mais como professora atuante. É interessante também frisar o sentimento de culpabilidade pelo processo vivido, ou seja, a forma como vem sendo tratada desperta em si o constrangimento por achar que é culpada pelo próprio adoecimento e a situação de professora readaptada.

Percebe-se, na narrativa de Severino, sua preocupação com o que viria/veio a partir dessa situação e como isto o angustia, pois ele, já tendo convivido com professores readaptados, compreendia que a discriminação e o julgamento por parte dos colegas são constantes, tratamento que agora ele próprio recebe. Acerca desse sentimento vivido pelo participante Severino, Dejours (2015, p. 34) esclarece que “o reconhecimento quando passa despercebido em meio à indiferença geral ou é negada pelos outros, isso acarreta um sofrimento que é muito perigoso para a saúde mental”. Por vezes, alguns professores readaptam-se por problemas físicos e a vivência na readaptação acaba por adoecê-lo mentalmente, como declarou a participante Maria em sua narrativa.

Da narrativa de Severino emergem vários sentimentos e sentidos, dos quais se destacam o medo, a impotência diante dos fatos, o sentimento de incapacidade, de pequenez, de invisibilidade, inutilidade, desrespeito e desvalorização. Esses sentimentos, sentidos e percepções empregam um sentido maior de fracasso geral, de isolamento e de busca por sobrevivência diante do vivido, pois escancaram os significados eleitos como o representante da desqualificação desses profissionais que não mais exercem a atividade docente, mas continuam a vivenciar a pressão e o sentido de isolamento profissional, mesmo diante do convívio diário com os pares.

Não muito diferente do discurso de Borboleta e Severino, a professora Maria ressalta os sentimentos de angústia, de desespero, de indefinição de identidade, que traz sofrimento, sensação de invisibilidade e inutilidade. Maria deixa transparecer muita tristeza quando diz “Me



percebo como um zero à esquerda”, “Sou quase invisível dentro da escola”, “[...] ninguém te percebe com a sua qualificação”. Assim, é evidente o sofrer de Maria por ter que admitir que, apesar da sua qualificação de doutora, de sua experiência ao longo de mais de trinta anos de profissão, estar readaptada apaga toda a possibilidade de ela ser útil com o pedagógico da escola e poder amenizar um pouco suas dores emocionais pelo fato da inobservância.

O sentimento de exclusão e tristeza é o mais evidenciado na fala da professora Zi Risa. Destaca que o momento vivido por ela agora, como readaptada, pode vir a ser a realidade de algum outro professor, que hoje a ignora e a exclui. A fala de Zi Risa remete ao que se trabalhou em seções anteriores acerca do trabalho docente, que adocece devido às exigências do capitalismo e da precarização do trabalho do professor, que tende, cada vez mais, a adoecer o profissional da educação. Sentimentos como de “imprestável”, “sem prestígio”, “de invisibilidade”, “de indefinição de identidade” ecoam na fala da professora participante. E isto a deixa magoada e desiludida com a carreira com a qual sonhava desde criança.

Assim como os sentimentos da invisibilidade, a discriminação é sentida e percebida por todos os participantes da pesquisa. É cristalino, nas declarações expostas, que esses sentimentos estão interligados e resultam da discriminação pela nova função ou não função exercida. De forma explícita ou implícita, é inegável que os professores participantes se sentem discriminados, como comprovam os extratos selecionados: “Às vezes, percebo murmurinhos como ‘parece tão de boa, não parece adoentada’” (BORBOLETA); “A discriminação é latente, somos julgados como inferior” (SEVERINO); “Parece que qualquer trabalho que a gente fizer que dê destaque ao readaptado, é barrado” (MARIA); “Parece que fiquei burra e não surda” (ZI RISA).

A discriminação, evidente e aparente, se estabelece nas relações com os pares, gestão escolar e instituições que deveriam apoiar todos os professores, ativos na docência ou outros que ocupam outros espaços, que é o caso do professor readaptado. Há uma discriminação explícita e outra implícita, embutidas nas condições de trabalho, que deveriam sustentar o trabalho do professor readaptado e não intensificar ainda mais os fatores que geram o adoecimento. Há discriminação dentro da escola e para além dela, quando o professor readaptado não pode participar dos seletivos para função de coordenador, articulador ou outras funções sem ser a docência efetiva. Há discriminação quando ao professor readaptado é tirado o direito de participar das formações continuadas oferecidas pela DRE. Há, ainda, discriminação quando o professor readaptado precisa frequentemente se justificar diante de seus colegas de trabalho, que questionam o adoecimento, e isto tem gerado sentimento de amargura, de tristeza e trazido ainda mais sofrimento.

Todos esses sentimentos de discriminação vêm à tona nas seguintes manifestações: “Por que meu colega não me vê mais como professor?” (BORBOLETA); “Sinto-me tão pequeno diante das circunstâncias que permeiam meu dia a dia como readaptado” (SEVERINO), “Eu não sou mais professora, mas eu sou o quê?” (MARIA); “Me sinto estigmatizada como imprestável” (ZIRISA).

A falta de acolhimento sentida e a discriminação expressas na fala dos professores readaptados evidencia a angústia de vivenciar essa nova trajetória na vida profissional. Adoecer-se e vir a ser um readaptado não é experiência fácil de se viver. E muitas vezes, como afirmado anteriormente, não raramente o professor que se readapta por problemas físicos termina por adoecer, também, de problemas sentimentais e ou psicológicos.

Essas análises revelam o que é ser professor readaptado na Rede Estadual de Mato Grosso. Deixam claras e expostas as angústias pelas quais passam o professor, que por motivos de adoecimento, tem que enfrentar a readaptação como forma de amenizar o sofrimento e em busca de melhores condições no que tange ao seu dia a dia no trabalho.

É, pois, preciso que haja compreensão, imersão reflexiva e ativa nesse cenário para que os professores readaptados estejam carregados de menor potencial melindroso no dia a dia laboral de seu trabalho escolar, em que pese o fato de não se ter como acentuar deslegitimação acerca das queixas e dos sentimentos que são experienciados pelos professores. É fundamental salientar, nas falas dos professores participantes da pesquisa, que elas apontam as sensibilidades humanas de si mesmos, o que se relaciona com o que ensina Arroyo (2003), quando afirma que ser educador é ser o mestre de obras do projeto arquitetado de sermos humanos. Em meio às especificidades da vivência, da função exercida ou não, desses profissionais em atividades diferentes da sala de aula, reverberam os sentimentos e até mesmo desabafos sobre as agruras de ser professor readaptado em relação da profissão em si.

As memórias, as falas, a entrega e os olhares dos docentes readaptados participantes da pesquisa indicaram sentimentos de incredulidade, crise de representatividade, críticas, sugestões, ideais, poucos caminhos, muitos horizontes, esperança. Todavia, na totalidade dos discursos e das memórias, o consenso se localiza na insatisfação.

O professor readaptado não pode ser culpado pela doença, como se ela fosse decorrente de si próprio, ou de seu descuido com as situações de trabalho. É necessário considerar, que no caso do trabalho docente, há um campo gerador de uma série de transtornos psíquicos e motores que podem transcorrer a qualquer um que lida com o ensino. Nesse sentido, ignorar a realidade que o readaptado vivencia pode afetar seu cotidiano laboral e gerar inseguranças e sentimentos variados, como já mencionado.

Para Sousa (2002), o sofrimento, quando visto unicamente como algo decorrente do próprio sujeito, culpabiliza o trabalhador pelas suas próprias vivências e individualiza o processo de adoecimento no trabalho, quando, na verdade, deveria ser tratado como um fato de saúde coletiva.

Enfim, elencamos algumas considerações finais, a seguir, mas que não podem finalizar o estudo e a discussão aqui proposta, visto que não são suficientes e nem esgotam todas as possibilidades de análise desse quadro do adoecimento e da readaptação a que a Educação está sujeita.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A elaboração do presente estudo, revelou-se para mim, enquanto pesquisadora implicada com o tema da pesquisa, um processo de muitas descobertas e algumas confirmações. Descobertas trazidas pelo mergulho realizado no fenômeno da readaptação funcional de professores, para além da minha própria experiência, trazendo dados e significados muitas vezes surpreendentes e confirmações que vieram ratificar vivências pessoais e impressões colhidas durante o percurso na estrada ainda sinuosa da readaptação funcional.

Os objetivos propostos inicialmente neste estudo foram alcançados e permitiram a possibilidade do entendimento mais amplo sobre o processo de readaptação funcional e o impacto sofrido no sentido, sentimentos e percepções ao trabalho antes e pós readaptação.

A proposição desta dissertação, intitulada “A readaptação nas narrativas autobiográficas de professores em Mato Grosso: falácias, reflexões e percepções sobre si”, teve como questão norteadora: Como os professores readaptados se percebem e se expressam em suas narrativas acerca de sua condição atual e das perspectivas de retorno ao trabalho docente? Dessa forma, este estudo pretendeu trazer a discussão acerca do adoecimento e, conseqüentemente, a readaptação de professores como forma de ser mais um instrumento de reflexões sobre as implicações que a organização hoje imposta ao Serviço Público, principalmente do magistério, tem ocasionado à saúde do professor, além de ser um espaço de reconhecimento e valorização destes profissionais que só são exigidos em sua força de trabalho e que quase nunca são ouvidos.

Para tanto, seguiu-se um caminho de muita leitura, análises e escuta dos professores readaptados no recorte da pesquisa, os quais atuam na rede estadual de ensino de Mato Grosso, mas limitando-se aos atuantes no município de Rondonópolis-MT, entendendo que esse recorte intentou representar o universo dos Professores Readaptados que se beneficiam deste direito.

Sem a pretensão de apresentar resultados inquestionáveis, traz-se alguns dados que já servem de alerta para a questão do adoecer e do readaptar-se de professores. A escuta dos diferentes participantes envolvidos na trama complexa da readaptação constituiu-se no ponto alto da pesquisa, permitindo a mim, pesquisadora e professora readaptada, ressignificar muitas das próprias experiências.

A análise dos dados permitiu elucidar as questões inicialmente levantadas, indo, por vezes, além das expectativas, tamanha a riqueza das narrativas. Entretanto, também a partir dos dados, novas questões surgiram, sinalizando a incompletude que se impõe a qualquer investigação.

A partir dos resultados sugere-se, tanto a partir da SEDUC/MT quanto a partir da escola, gestão e professores, que haja maior atenção, cuidados e acolhimento aos professores em processo de readaptação, abrindo-se a todos do convívio no ambiente escolar no que se refere à necessidade de desenvolver ações que trabalhem com a categoria docente para que haja mais entendimento sobre a condição dos professores e que, de forma coletiva, novas funções possam ser atribuídas para estes docentes readaptados, para que não sejam excluídos, discriminados ou que desenvolvam sentimentos de inutilidade.

Nessa direção, pretende-se levar as reflexões desencadeadas neste estudo, a respeito da temática, ao conhecimento dos gestores de educação do estado de Mato Grosso, bem como dos maiores interessados, que são os professores, uma vez que a problemática é latente, e muito mais grave do que se imagina. Talvez as vozes silenciadas de professores adoecidos e readaptados não façam transparecer a realidade perversa que é a dos nossos professores na situação de readaptados – é urgente que elas ressoem em alto e bom som, que saiam das sombras e ocupem lugar de destaque nas mesas das autoridades responsáveis.

Como citado no memorial da autora, as leituras, discussões e reflexões realizadas durante os estudos no mestrado e para a realização da pesquisa, foram determinantes para uma revisitação das experiências enquanto docente que já passou por variadas funções e cargos dentro da Educação. Perceber as vozes de outros profissionais que se encontram adoentados e, por conseguinte, readaptados, incitou reflexões sobre a própria trajetória e história de vida, e fez ver, nitidamente, ações não percebidas.

Os achados aqui apresentados revelam o quanto desafiador é essa temática para nós, professores, e também no papel de pesquisadora. Os números falam por si. Um quantitativo exorbitante de readaptados confrontados com um tímido número de pesquisas.

A relevância da pesquisa em questão se mostra não só pelo elevado número de professores em situação de readaptação como pela ausência de projetos ou políticas públicas voltadas para esses profissionais.

Almeja-se, assim, dar mais visibilidade a esta condição, com o intuito maior de que haja projetos e políticas públicas que de fato acolham o professor na condição de readaptado, bem como aos elementos que conterão nos discursos que perpassam o exercício profissional destes que, após serem readaptados, ficam vazios de significação.

Dos relatos dos professores readaptados, participantes de nossa pesquisa, é possível extrair alguns encaminhamentos e reflexões que poderiam favorecer a mudança no cenário atual, entre eles:

- o direcionamento dos profissionais readaptados para espaços onde se sintam produtivos e aceitos, o que poderia evitar alguns danos que a readaptação causa na identidade dos profissionais;
- flexibilidade nas portarias sobre os momentos formativos, favorecendo a autonomia das escolas e evitando proibições ou obrigatoriedade de participação sem considerar as condições de cada profissional readaptado e, uma vez que, como já foi mencionado, ao professor readaptado, quase tudo é tolhido;
- o direito de participar de formações junto aos professores da ativa nos cursos oferecidos pelas DREs, sugestão dos próprios participantes da pesquisa;
- oferta de formação sobre o adoecimento e a readaptação para os professores readaptados como também para todo o corpo docente das escolas.

É preciso urgentemente unir forças e quem sabe propor uma associação, um grupo, que una todos os professores readaptados do município em busca de melhores condições de trabalho e reconhecimento como uma subcategoria de trabalho do professor, fortalecendo as vozes e os encaminhamentos possíveis.

Nessa perspectiva, entende-se que todas as pessoas, de todas as instâncias, DREs, SEDUC, Escolas, Sindicato dos Trabalhadores no Ensino Público de Mato Grosso (SINTEP-MT) são convocadas a refletir e buscar uma possível solução desse fenômeno que é a readaptação funcional.

Pretende-se fazer uma devolutiva a essas instâncias relativa ao que foi colhido nesta pesquisa, fazer, também, uma ampla divulgação dos resultados, acreditando que alguma ação poderá surgir após a reflexão a respeito desses estudos.

O desenho da readaptação dos docentes em Mato Grosso instiga e convoca a novos estudos, pois se tem consciência de que o estudo apresentado foi uma pesquisa introdutória, a primeira no estado de Mato Grosso, que buscou conhecer e analisar os sentimentos e as reflexões dos professores em readaptação. Muitas outras nuances da readaptação escaparam à limitação desta pesquisa, deixando, ainda, um amplo leque de possibilidades a serem investigadas nessa temática.

É preciso que as vivências na readaptação mudem, que haja respeito aos docentes readaptados, para que não se ouçam falas do tipo: “Antes da readaptação eu era encantada com a profissão, hoje só desencanto, devido às muitas decepções, perseguições e humilhações”, “Mas a readaptação fez com que desenvolvesse em mim algumas questões psicológicas, como a angústia e ansiedade”.

A questão da invisibilidade sentida pelo professor readaptado se torna grave quando o mesmo não é visto, de fato, como profissional na escola. Este dado refletiu-se na narrativa de Zi Risa, ao relatar que recebeu como função, dentro da escola, ajudar na elaboração do PPP, e, nesta atividade, percebeu que a professora readaptada é excluída até do PPP. Dos quatro participantes, nenhum tinha percebido sua ausência no contexto do PPP da escola. Em nenhuma das quatro escolas nas quais os participantes desta pesquisa trabalham, consta, no PPP, o que é o professor readaptado, quais são suas funções, a exemplo de como aparecem as funções dos demais profissionais da escola. Ao se sentirem excluídos do PPP da própria instituição onde atuam, os professores readaptados se comprometeram a rever, junto à gestão e aos pares, essa questão. Para a atualização dos PPPs das escolas para o ano letivo de 2023, acredita-se que a pesquisa ora apresentada já trará mudanças.

O PPP se constitui em um importante instrumento de política no contexto escolar, assumindo papel essencial na definição de estratégias da atuação pedagógica também do professor readaptado, no entanto, tem sido relegado a mera formalidade dentro das escolas. Não tendo a função fundamentada no PPP da escola, a perspectiva da atuação do professor readaptado fica à mercê não somente da desvinculação da realidade cotidiana da escola, que tem marcado a elaboração do PPP, mas também da sistemática ausência de contemplação, neste instrumento, das possibilidades de atuação pedagógica efetiva do professor readaptado.

Cabe enfatizar que na realização desta pesquisa foram encontradas histórias de sofrimentos e superações, histórias que indicam situações que não devem acontecer e outras que até tentam, em relação ao professor readaptado, a existência de espaços democráticos e respeitosos. Essas histórias contribuíram para que fiquem registradas a possibilidade e a urgência de ações que transformem as condições dadas, de mobilizações dos envolvidos na busca por melhores dias a seu favor, de construção de um ambiente de trabalho saudável e de reconhecimento de um trabalho que não é menos importante do que o dos professores que estão em sala de aula.

Nesse sentido, espera-se que esta pesquisa possa contribuir para uma agenda de mudanças que vise melhorar as vidas, não só dos que dela participaram, como também de todos os professores readaptados e, quiçá, nos processos de formulação de políticas públicas que visem e contemplem não só o ato de readaptação, mas, também o acompanhamento após o processo da readaptação. Afinal, é preciso mitigar a angústia de quem, como Maria, se pergunta: “Não sei mais o que eu sou hoje, eu não sou mais professora, mas eu sou o quê? ”.

## REFERÊNCIAS

- ABRAHÃO, M. H. M. B. As narrativas de si ressignificadas pelo emprego do método autobiográfico. *In: SOUZA, Elizeu Clementino de; ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto (org.). **Tempos, narrativas e ficções: a invenção de si.** Porto Alegre, RS: EdPUCRS; Salvador, BA: EdUNEB, 2006. P. 149-170.*
- ALBORNOZ, S. **O que é trabalho?** São Paulo: Ed. Brasiliense, 1994; Rio de Janeiro: Impetus, 2008.
- ALEXANDRINO, M.; PAULO, Vicente. **Direito Administrativo Descomplicado.** 15. ed. Rio de Janeiro: Impetus, 2008.
- ALVES, N. N. de L. Trabalho docente na educação infantil em Goiás. *In: OLIVEIRA, João Ferreira; OLIVEIRA, Dália Andrade; VIEIRA, Lívia Fraga (org.). **O trabalho docente na educação básica em Goiás.** Belo Horizonte, MG: Fino Traço, 2012, p. 175- 196.*
- ALVES, R. **Ao professor, com meu carinho.** São Paulo: Verus, 2015
- AMADO, D. A. **Educação básica: gestão do trabalho e da pobreza.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.
- ANDRADE, C. D. de. Cidadezinha qualquer. *In: **Poesia e prosa.** Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1992.*
- ANDRÉ, M. O que é um Estudo de Caso Qualitativo em Educação? **Revista da FAEDEB – Educação e Contemporaneidade**, Salvador, v. 22, n. 40, p. 95-103, jul./dez. 2013
- ANTUNES, R. **Adeus ao Trabalho?** 16. ed. edição especial de 20 anos da publicação, revista e ampliada. São Paulo: Cortez, 2014.
- ANTUNES, R. **Os sentidos do trabalho: ensaio sobre a afirmação e a negação do trabalho.** São Paulo: Boitempo, 2018.
- ARBEX, A. P. S.; SOUZA, K. R.; MENDONÇA, A. L. O. trabalho docente, readaptação e saúde: a experiência dos professores de uma universidade pública. **Physis Revista de Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 23, n. 1, p. 263-284, 2013.
- ARROYO, M. G. **Ofício de Mestre: imagens e autoimagens.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.
- ARROYO, M. G. **Imagens quebradas – trajetórias e tempos de alunos e mestres.** 4. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.
- BALL, S. J. Performatividade, privatização e o pós-Estado do Bem-Estar. **Educ. Soc.** [online], v. 25, n. 89, p. 1105-1126, 2004.
- BALL, S. J. Profissionalismo, gerencialismo e performatividade. **Cad. Pesq.** [online], v. 35, n. 126, p. 539-564, 2005.



BARBIER, R. **A pesquisa-ação**. Tradução Lucie Didio. Brasília, DF: Plano Editora, 2002.

BARBOSA, S. J. A intensificação do trabalho docente na escola pública: ambiguidades da/na participação. *Trabalho & Educação*, **Revista do NETE** – Núcleo de estudos sobre trabalho e educação, Belo Horizonte, v. 18, n. 2, p. 63-80, mai. /ago. 2009.

BARRETO, E. S. de S. Políticas de formação docente para a Educação Básica no Brasil: embates contemporâneos. **Revista Brasileira de Educação**, v. 20, n. 62, jul./set. 2013.

BARROS, M. E.; MASCARELLO, M. R. P. Nos fios de Ariadne: Cartografia da relação saúde-trabalho numa escola pública. **Proposições**. São Paulo, v. 17, n. 2, agosto 2006 p. 211-231.

BASTOS, A. V. B.; PINHO, A. P. M.; COSTA, C. A. Significado do trabalho: um estudo entre trabalhadores inseridos em organizações formais. **Revista de Administração de Empresas**, v. 35, n. 6, p. 20-29, 1995.

BAUMAN, Z. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

BLANCH RIBAS, J. M. Trabajar en la modernidade. *In: BLANCH RIBAS, J. M. et al. Teoría de las relaciones laborales: fundamentos*. Barcelona: Editorial UOC, 2003. p. 13-57.

BOLÍVAR, A. **Profissão professor: o itinerário profissional e a construção da escola**. Bauru, SP: Edusc, 2002.

BRASIL. Presidência da República. Casa Civil. Subchefia para Assuntos Jurídicos. **Lei Nº 5.645, de 10 de dezembro de 1970**. Estabelece diretrizes para a classificação de cargos do Serviço Civil da União e das autarquias federais, e dá outras providências. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/15645.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/15645.htm) Acesso em: 22 de Setembro de 2022.

BRASIL. [Constituição (1988) ]. **Constituição da República Federativa do Brasil**: promulgada em 5 de outubro de 1988. 4. ed. São Paulo: Disponível em: [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/Constituicao/Constituicao.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/Constituicao.htm) Acesso em: 22 de Setembro de 2022.

BRASIL. Presidência da República. Casa Civil. Subchefia para Assuntos Jurídicos - **Lei nº 8.112, de 11 de dezembro de 1990**. Dispõe sobre o Regime Jurídico dos Servidores Públicos Civil da União, das autarquias e das fundações públicas federais Brasília. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil03/Lei/L8112> Acesso em: 21 de Outubro de 2021.

BRASIL. Presidência da República. Casa Civil. Subchefia para Assuntos Jurídicos - **Lei Nº 9.527, de 10 de dezembro de 1997**. Altera dispositivos das Leis nºs 8.112, de 11 de dezembro de 1990, 8.460, de 17 de setembro de 1992, e 2.180, de 5 de fevereiro de 1954, e dá outras providências Disponível em: [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/19527.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19527.htm) Acesso em: 11 de Março de 2022.

BRASIL. Presidência da República. Casa Civil. Subchefia para Assuntos Jurídicos. **Emenda Constitucional Nº 47, de 5 de julho de 2005**. Altera os arts. 37, 40, 195 e 201 da Constituição Federal, para dispor sobre a previdência social, e dá outras providências. Disponível em:

[https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/constituicao/emendas/emc/emc47.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/emendas/emc/emc47.htm) Acesso em: 17 de Abril de 2022.

BRAVERMAN, H. Trabalho e capital monopolista. Rio de Janeiro: Zahar ,1991.

BRETON, H. Investigação narrativa: entre detalhes e duração. **REPI - Revista Educação, Pesquisa e Inclusão**, Boa Vista, v. 1, n. 1 (especial), p. 12-22, 2020. Disponível em: <https://revista.ufrb.br/repi/article/view/e-2020-> Acesso em: 14 out. 2022

BRITO, J. C. de; SAMPAIO, P. C. M.; CASTRO, A. A. H. Trabalho prescrito e trabalho real. **Dicionário de educação profissional em saúde**. Rio de Janeiro: Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio/Fiocruz,2013.

CAIXETA, J. E.; SOUSA, M. A.; VIVALDI, F. Sobre moral, ética e projeto revolucionário: Uma análise à luz da metodologia qualitativa da formação docente. **Investigação, Qualidade em Educação**, v. 2, n. 1, p. 319-324, 2015.

CANAL, P. **Intervenção psicológica em reabilitação profissional**. Dissertação (Dissertação em Psicologia) – Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade de Santa Catarina, Santa Catarina, 2011.

CARCANHOLO, M. (Im) Precisões sobre a categoria superexploração da força de trabalho. *In: ALMEIDA FILHO, N. Desenvolvimento e dependência: cátedra Ruy Mauro Marini*. Brasília: IPEA, 2009, p. 71-98

CARLOTTO, M. S. A síndrome de Bournout e o trabalho docente. **Psicologia em Estudo**, v. 7, n.1., 2002

CIAMPA, A. da C. **A história do Severino e a história da Severina: um ensaio de Psicologia Social**. São Paulo: Brasiliense, 2001.

CODO, W. Um diagnóstico integrado do trabalho com ênfase em saúde mental. *In: JAQUES M. G; CODO, W. (org.). Saúde mental & Trabalho: Leituras*. 3. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

CORRÊA, M. Reflexões sobre o trabalho docente. **Revista Desenredo**, v. 10, n. 2, 2012. Disponível em: <http://seer.upf.br/index.php/rd/article/view/4267> Acesso em: 10 jun. 2021

CRESWELL, J. W. **Investigação qualitativa e projeto de pesquisa: escolhendo entre cinco abordagens**. Porto Alegre, RS: Penso, 2014.

CRUZ, G. B. da; FARIAS, I. M. S. de. Indução profissional e o início do trabalho docente: debates e necessidades. **Revista Eletrônica de Educação**, v. 14, p. 1-15, jan. /dez. 2020. Disponível em: <https://www.google.com.br/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=&> Acesso em: 15 jul. 2022

DEJOURS, C. **A banalização da injustiça social**. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora da FGV, 1999.

DEJOURS, C. Entre sofrimento e reapropriação: o sentido do trabalho. *In*: LANCMAN, Selma; SZNELWAR, Laerte Idal (org.). **Cristophe Dejours: da psicopatologia à psicodinâmica do trabalho**. Rio de Janeiro: Paralelo15; Fiocruz, 2004.

DEJOURS, C.; ABDOUCHELI, E.; JAYET, C. **Psicodinâmica do trabalho: contribuições da escola dejouriana à análise da relação prazer, sofrimento e trabalho**. São Paulo: Atlas, 2009.

DEJOURS, C. **A loucura do trabalho: estudo de psicopatologia do trabalho**. São Paulo: Editora Cortez, 2015.

DUBAR, C. **A socialização: construção das identidades sociais e profissionais**. Tradução de Andréa Stahel M. da Silva. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

ENGUITA, M. F. A ambiguidade da docência: entre o profissionalismo e a proletarização. **Teoria & Educação**. Porto Alegre, n. 4, p. 41-61, 1991.

ERIKSON, E. H. **Identidade, juventude e crise**. Rio de Janeiro: Zahar, 1997.

ESTEBAN, M. P. S. **Pesquisa qualitativa em Educação: fundamentos e tradições**. Porto Alegre: AMGH, 2010.

ESTEVE, J. Mudanças sociais e função docente. *In*: NÓVOA, A. **Profissão professor**. Editora Porto: Portugal, p. 93-124, 1999.

FERRAROTI, F. Sobre a autonomia do método biográfico. *In*: NÓVOA, António; FINGER, M. (org.). **O método (auto) biográfico e a formação**. Natal, RN: EDUFRRN; São Paulo: Paulus, 2010.

FONSECA, G. **A condição de proletariado: a precariedade do trabalho no capitalismo global**. Londrina, PR: Práxis, 2001

FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 12. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1999.

FREITAS, F. de; GALVÃO, C. O uso de narrativas autobiográficas no desenvolvimento profissional de professores. **Ciências & Cognição**; Ano 04, v. 12, 2007.

FREITAS, L.; FACAS, E. Vivências de prazer-sofrimento no contexto de trabalho dos professores. **Estudos e pesquisas em Psicologia**, v. 13, n. 1, 2013.

FREITAS, L. C. Os reformadores empresariais da educação e a disputa pelo controle do processo pedagógico na escola. **Educação & Sociedade**, Campinas, v. 35, n. 129, 2014.

FREUD, S. **Repressão**. Rio de Janeiro: Imago, 1974.

FREUD, S. **O mal-estar na civilização**. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

GARCIA, M. M. A.; HYPOLITO, A. M.; VIEIRA, J. As identidades docentes como fabricação da docência. **Educação e Pesquisa**. v. 31, n. 1, p. 45-56, jan. /abr. 2005.

GARCIA, A. C. **Do mal-estar docente ao abandono da carreira**. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2019.

GARCIA, C. M. **Formação de professores: para uma mudança educativa**. Porto: Porto Editora, 1999.

GARDENAL, I. Por que os professores adoecem? **Jornal da Unicamp**, Campinas, novembro de 2009. Disponível em: [http://www.unicamp.br/unicamp/unicamp\\_hoje/ju/novembro2009/ju447\\_pag0607.php](http://www.unicamp.br/unicamp/unicamp_hoje/ju/novembro2009/ju447_pag0607.php). Acesso em: 01 nov. 2021.

GATTI, B. A. Valorização da docência e avaliação do trabalho docente: o papel da avaliação participativa em contexto institucional. *In*: GATTI, Bernadete Angelina (org.). **O trabalho docente: avaliação, valorização, controvérsias**. Campinas, SP: Autores Associados: Fundação Carlos Chagas, 2013. p. 58-59.

GERHARDT, T. E.; SILVEIRA, D. T. **Métodos de Pesquisa**. Coordenado pela Universidade Aberta do Brasil – UAB/UFRGS e pelo Curso de Graduação Tecnológica – Planejamento e Gestão para o Desenvolvimento Rural da SEAD/UFRGS. – Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

GERLIN, M. N. M. **Fiando textos e contextos: A narrativa tece o trabalho de professoras em bibliotecas escolares**. Dissertação de Mestrado em Educação. Universidade Federal do Espírito Santo, 2006.

GERNET, I.; DEJOURS, C. Avaliação do trabalho e reconhecimento. *In*: P. F. Bendassolli e L. A. Soboll (org.). **Clínicas do trabalho**. São Paulo: Atlas, 2011, p. 61-70.

GOMES, L. **Trabalho multifacetado de professores (as): a saúde entre limites**. 2002. 127 f. Dissertação de Mestrado. Escola Nacional de Saúde Pública, Fundação Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, 2002.

GRACINDO, R. V. **O escrito, o dito e o feito: Educação e partidos políticos**. Campinas, SP, Papyrus, 1994.

HALL, S. **A identidade cultural pós-modernidade**. Trad. Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 7. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

HAN, B. **Sociedade do cansaço**. Tradução de Ênio Paulo Giachini. 1. ed. Rio de Janeiro: Ed. Vozes, 2015.

HELOANI, J. R.; CAPITÃO, C. G. Saúde mental e Psicologia do Trabalho. **São Paulo em perspectiva**. v. 17, n. 2, p. 102-108, 2003. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/spp/v17n2/a11v17n2.pdf>. Acesso em: 14 jul. 2022

HUBERMAN, M. (1992). O ciclo de vida profissional dos professores. *In*: NÓVOA, A. (org.). **Vidas de professores**. Lisboa: Porto Editora, p. 31-61.

IBGE, 2021. Rondonópolis. Censo Brasileiro de 2021. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/mt/rondonopolis> Acesso em: 15/set/2022

JÁCOMO, A. C. S. **Parto de Mim**. São Paulo: Fábrica de Livros do SENAI, 1. ed. 2001.

JOSSO, M. **Experiências de Vida e Formação**. São Paulo: Cortez, 2004.

KADDOURI, M. **Dinâmicas identitárias e relações com a formação**, Belo Horizonte, MG: CEFET/UFMG, 2002.

LANCMAN, S. (org.). **Políticas públicas e processo de trabalho em saúde mental**. Brasília, Paralelo 15, 2011.

LEVY-LEBOYER, C. **A crise das motivações**. São Paulo: Atlas, 1994.

LEMES, N. C. dos S. **Usos de si e testemunho de trabalhadores docentes readaptados**. Tese de Doutorado. Universidade Federal de Goiás (UFG), 2019.

LEMOS, J. C. G. **Do encanto ao desencanto, da permanência ao abandono: o trabalho docente e a construção da identidade profissional**. Tese de Doutorado. São Paulo: Pontifícia Universidade Católica, 2009.

LIMA, M; MIRANDA, R. M. Proletarização do trabalho docente na Educação Básica: Encaminhamentos e desdobramentos sobre o professor. **Revista Com Censo: Estudos Educacionais do Distrito Federal**, v. 5, n. 4, p. 28-40, 2018.

LUDKE, M, ANDRÉ, M. E. D. A. **Pesquisa em Educação: Abordagens qualitativas**. 2. ed. Rio de Janeiro: EPU, 2022

MACAIA, A. A. S.; FISCHER, F. M. Retorno ao trabalho de professores após afastamentos por transtornos mentais. **Saúde e Sociedade**, São Paulo, v. 24, n. 3, p. 841-852, 2015. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/sausoc/v24n3/0104-1290-sausoc-24-03-00841.pdf>. Acesso em: 05 fev. 2023.

MANCEBO, D. Trabalho docente: subjetividade, sobreimplicação e prazer. **Psicologia: reflexão e crítica**, v. 20, n. 1, p. 74-80, jan. /abr. 2007

MARCELO GARCÍA, C. **A identidade docente: constantes e desafios**. São Paulo: Autêntica, 2009.

MARCELO GARCÍA, C. **Políticas de inserción en la docencia: de eslabón perdido a puente para el desarrollo profesional docente**. Santiago: Preal, 2011.

MARQUES, M. H. de C. **Do trabalho Docente às políticas de readaptação profissional: o caso de professores da Secretaria de Estado da Educação de Goiás**. Dissertação de Mestrado- Universidade Estadual de Goiás, 2022.

MARX, K. **Manuscritos econômicos filosóficos**. São Paulo: Martin Claret, 2004.

MARX, K. **O capital**. Rio de Janeiro: Ed. Cátedra, 1986.

MAYA, P.; RIBEIRO, V. Trabalho e tempo livre: uma abordagem crítica. *In:*

JACQUES, M. G. C. (org.). **Relações sociais e ética** [online]. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas sociais, 2008.

MARTÍN-BARÓ, I. **Psicología de la Liberación**. Madrid: Trotta, 1998.

MASCARENHAS, F. Tempo de trabalho e tempo livre: Algumas reflexões a partir do marxismo contemporâneo. **Cicene**, Belo Horizonte, v. 3, n. 1, p. 72-89, 2000.

MATO GROSSO, Portaria N° 349, de 20 de maio de 2021. Dispõe sobre a execução do Plano Estadual de Readaptação do Profissional da Educação – PERPE. Diário oficial de Mato Grosso. Mato Grosso, MT, n. 28.003, p.17. 20 maio de 2021

MATO GROSSO. Lei N° 11.327, de 24 de março de 2021 - **D.O. 24.03.21**. Dispõe sobre a criação de programa governamental para aquisição de computador e custeio de plano de internet no âmbito da Secretaria de Estado de Educação, e dá outras providências. Diário oficial de Mato Grosso. Mato Grosso, MT, 24 de março de 2021.

MATO GROSSO. Instrução Normativa 002/2021 de 03/02/21. Disponível em: [https://www3.seduc.mt.gov.br/documents/8125245/16465259/IN+002\\_2021+LQP.pdf/47138f5e-e888-a09e-75b1-518231355109](https://www3.seduc.mt.gov.br/documents/8125245/16465259/IN+002_2021+LQP.pdf/47138f5e-e888-a09e-75b1-518231355109) Acesso em: 10 de Julho de 2022.

MATO GROSSO. Lei Complementar N° 104/02, de 22 de janeiro de 2002 - D.O. 22.01.02. Disponível em: <http://app1.sefaz.mt.gov.br/sistema/legislacao/leicomplestadual.nsf/9733a1d3f5bb1ab384> Acesso em: 10 de Julho de 2022.

MATO GROSSO. Portaria nº743 de 12 de julho de 2021. Dispõe sobre férias coletivas na Educação. Diário oficial de Mato Grosso. IOMAT - Mato Grosso - CUIABÁ 23 de Novembro de 2021 N° 28.129. Disponível em: <https://www3.seduc.mt.gov.br/-/18451549-seduc-publica-instrucao-normativa-sobre-ferias-coletivas-nas-escolas-e-orgaos-descentralizados> Acesso em: 20 de Fevereiro de 2023.

MEDEIROS, R. C. F. **Para uma ecologia (mais) humana do professor readaptado**. Dissertação de Mestrado, Faculdade de Educação, Universidade de Brasília, Brasília, Brasil, 2010.

MEKSENAS, P. **Sociologia da educação**: introdução ao estudo da escola no processo de transformação social. 10. ed. São Paulo: Loyola, 2002.

MINAYO, M. C. S. **Análise qualitativa**: teoria, passos e fidedignidade. Ciências Saúde Coletiva. 2012,17; n.3, p.621-626,2012.

MIRANDA, K. **A organização dos trabalhadores em educação sob a forma-sindicato no capitalismo neoliberal**: O pensamento pedagógico e o projeto sindical do SINPRO-Rio, da UPPE e do SEPE-RJ. Dissertação (Mestrado em Educação), Universidade Federal Fluminense, Niterói: UFF, 2006.

MOGONE, J. A. **De alunas a professoras**: analisando o processo da construção inicial da docência. 2001. 162f. Dissertação (Mestrado em Educação Escolar). Unesp, Araraquara-SP.

NERIS, Marco Antônio da Luz. Readaptação Funcional no Magistério Público: as representações sociais da identidade de docente readaptado. Tese de Doutorado. Universidade Distrito Federal, 2020

NEVES, R. F.; NUNES, M. O. Da legitimação à (res) significação: o itinerário terapêutico de trabalhadores com LER/DORT. **Ciência e Saúde coletiva**. Rio de Janeiro, v. 15, n. 1, p. 211-220, 2010.

NONO, M. A.; MIZUKAMI, M. G. N. Casos de ensino e processos de aprendizagem profissional docente. **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**. Brasília, 203/204/205, pp72-84,2007.

NÓVOA, A.; FINGER, M. (org.). **O método (auto) biográfico e a formação**. Lisboa: Departamento de Recursos Humanos/Ministério da Saúde, 1988.

NÓVOA, A. (org.). **Os professores e sua formação**. Lisboa: Nova Enciclopédia, 1999.

NÓVOA, A. História de vida: perspectivas metodológicas. *In*: A. Nóvoa (org.). **Vida de Professores**. 2. ed. Porto: Porto Editora, 2007.

NÓVOA, A. **Professores, imagens do futuro presente**. Lisboa: EDUCA, 2009.

NUNES, B. O. **O Sentido do trabalho para merendeiras e serventes em situação de readaptação nas escolas públicas do Rio de Janeiro**. Dissertação de Mestrado em Ciências na área da Saúde Pública. Rio de Janeiro, 2001.

NUNES, B.O.; BRITO, J.; ATHAYDE, M. Readaptação profissional e produção de sentido no trabalho de merendeiras e serventes. *In*: NUNES, B. O.; BRITO, J.; ATHAYDE, M (org.). **Trabalhar na escola? “Só inventando o prazer”** Rio de Janeiro: IPUB-Cuca, 2001, p. 185-214.

OLIVEIRA, G. C. **Mudanças sociais e reformas educacionais: repercussões no trabalho docente**. 2004. Tese (Doutorado), Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP), Araraquara, 2004.

OLIVEIRA, S. R.; PICCININI, V. C.; FONTOURA, D. S.; SCHWEIG, C. Buscando o sentido do trabalho. **Anais do XXVIII Encontro da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Administração**, Porto Alegre, RS: 2004.

OLIVEIRA, D. A. A reestruturação do trabalho docente: precarização e flexibilização. **Educação e Sociedade**. Campinas, v. 25, n. 89, p. 1127-1144, dez. 2004.

PASSEGGI, M. da C.; SOUZA, E. C. de. O movimento (Auto) Biográfico no Brasil: esboço de suas configurações no Campo Educacional. **Investigación Cualitativa**, Madri, v. 2, n. 1, p. 06-26, 2017.

PASSINI, M. T. A (im) precisão dos sentidos: uma reflexão acerca da ambiguidade pela ótica discursiva. **Revista Entrepalavras**, Fortaleza, ano 3, v. 3, n. 1, p. 56-66, jan. /jul. 2013.

PASSOS, E.T. A malversação do reconhecimento no trabalho docente precarizado e intensificado. **Trabalho (En) Cena**, v. 3, n. 2, p. 03-16, 2018.

- PAULO, J. M. R. **As vivências da dor e do sofrimento na pessoa com doença oncológica em tratamento paliativo**. Dissertação de Mestrado em Comunicação e Saúde. Universidade Aberta, Lisboa, 2006.
- PENIN, S. **Cotidiano e escola: a obra em construção**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 1995.
- PEREIRA, E. F. **Adoecimento das cordas vocais**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014
- PEZZUOL, M. de L. de M. Identidade e trabalho docente: A situação do professor readaptado em escolas públicas do Estado de São Paulo. Dissertação de Mestrado. Mogi das Cruzes: UMC, 2008.
- PIMENTA, S. G. **Formação de professores: identidade e saberes da docência**. Saberes Pedagógicos e Atividade Docente. São Paulo: Cortez, 2000.
- PLACCO, V. M. N. de S.; ALMEIDA, L. R. de. (org.). **O coordenador pedagógico e os desafios da educação**. 4. ed. São Paulo: Loyola, 2012, p. 25- 36.
- READAPTAR. Dicionário Houaiss. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora Objetiva, 2004, p. 624.
- READAPTAR. Priberam Dicionário. Disponível em:  
<https://dicionario.priberam.org/READAPTAR> Acesso em: 23 mar. 2023.
- REBOLO, F. Do mal-estar docente ao abandono da profissão professor: a história de Estela. **Série-Estudos**. Periódico do Programa de Pós- -Graduação em Educação da UCDB. Campo Grande, MS, n. 33. p. 143-163, jan./jul. 2012
- RIBEIRO, L. C. *et al.* Trabalho e realização. *In: Para filosofar*. São Paulo: Scipione, 2000.
- RICOEUR, P. **O si-mesmo como um outro**. Tradução de Lucy Moreira Cessar. Campinas, SP: Papyrus, 1991.
- ROCHA, M. L. da; GOMES, L. G. W. Saúde e trabalho: a educação em questão. *In: BRITO, J. et al.* (org.) **Trabalhar na escola? “Só inventando o prazer”**. Rio de Janeiro: Edições IPUB/CUCA, 2001, p. 251-277.
- ROLDÃO, M. do C. N.; REIS, P.; COSTA, N. Da incoerência burocrática à eficácia de um dispositivo de supervisão/formação - Estudo do desenvolvimento profissional numa situação de indução. **Ensaio: avaliação e políticas publicação de educação**, Rio de Janeiro, v. 20, n. 76, p. 435-458, jul./set.2012.
- SARTRE, J-P. **O Ser e o Nada**. 8. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.
- SAVIANI, D. **Educação do senso comum a consciência filosófica**. 19. ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2013.
- SCHWARTZ, Y. Conceituando o trabalho, o visível e o invisível. **Trab. educ. saúde**, Rio de Janeiro, 2011. Disponível em  
[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S198177462011000400002&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S198177462011000400002&lng=pt&nrm=iso). Acesso em 22 jul. 2022. <http://dx.doi.org/10.1590/S1981-77462011000400002>



SILVA, E. P.; MANO, A. M. P. Identidade profissional docente: concepções de futuros professores. **Ensino em Revista**, v. 25, n. 1, p. 184-209, 2018.

SILVA, G. A. S. **Readaptação funcional de professores da rede municipal de educação de Belo Horizonte**: um estudo introdutório. Belo Horizonte. 2020.143 f

SILVEIRA, E. L. da. **Adoecimento no exercício da docência**: a surdez do sistema de ensino estadual em escolas públicas de Rondonópolis/MT. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-graduação em Educação, UFR, 2022.

SINSERCA. **Sindicato dos Servidores da Capelinha de Minas Gerais**. 2012. Disponível em: Acesso em: 10 de março de 2022.

SOARES, J. L. Reforma educacional, intensificação e auto intensificação do trabalho docente. **Educação & Sociedade** 2015.

SOUSA, M. A. de. **Vivências de prazer e sofrimento**: Uma leitura do trabalho de professoras. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade de Brasília, 2002.

SOUZA, E. C. (org.). **Autobiografias, histórias de vida e formação**: pesquisa e ensino. Porto Alegre, RS: EdPUCRS; Salvador, BA: EdUNEB, 2006, 372 p.

SOUZA, K. R. *et al.* Trajetória do Sindicato Estadual dos Profissionais da Educação do Rio de Janeiro (SEPE-RJ) na luta pela saúde no trabalho. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 8, n. 4, p. 1057-1068, 2003.

TARDIF, M.; LESSARD, C.; LAHAYE, L. Os professores face ao saber – esboço de uma problemática do saber docente. **Teoria & Educação**, Porto Alegre, n. 4, 1991.

TARDIF, M. **Saberes docentes e formação profissional**. Petrópolis, RJ: Editora Vozes. 2002.

TARDIF, M.; LESSARD, C. **O trabalho docente**: elementos para uma teoria da docência como profissão de interações humanas. Petrópolis, RJ: Vozes. 2012.

TOLFO, S. da R. Significados e Sentidos do Trabalho. *In*: BENDASSOLLI, P. F.; BORGES-ANDRADE, J. E. **Dicionário de Psicologia do trabalho e das organizações**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2015, p. 617-627

VAZQUEZ, A. S. **Filosofia da práxis**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.

WALLON, H. **Do ato ao pensamento**: ensaio de psicologia comparada. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

**APÊNDICE 1- Termo de Consentimento Livre e Esclarecido**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO  
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE RONDONÓPOLIS  
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO**

**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**

Nome da Pesquisa: A READAPTAÇÃO NAS NARRATIVAS AUTOBIOGRÁFICAS DE PROFESSORES EM MATO GROSSO: FALÁCIAS, REFLEXÕES E PERCEPÇÕES SOBRE SI.

Equipe: Mestranda: Ronilda Nunes da Silva

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Simone Albuquerque da Rocha

Você está sendo convidado(a) para participar da pesquisa intitulada: A Readaptação nas Narrativas Autobiográficas de Professores em Mato Grosso: Falácias, Reflexões e Percepções sobre Si a ser desenvolvida pela mestranda Ronilda Nunes da Silva, portadora do CPF42781507172, RG 503934 SSP/MT, telefone (66)999911564, e-mail ronildanunessilva67@gmail.com, regularmente matriculada no Mestrado em Educação, do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGEdu), Instituto de Ciências Humanas e Sociais, Campus Universitário de Rondonópolis, da Universidade Federal de Mato Grosso, área de concentração Educação, Cultura e Processos Formativos, linha de pesquisa Formação de Professores e Políticas Educacionais, e-mail ppgedu.ufmt@hotmail.com, telefone (66)3410-4035, sob orientação da Professora Doutora Simone Albuquerque da Rocha, que poderá ser contatada pelo telefone (66) 999796288 ou e-mail simone103232@gmail.com.

A pesquisa tem por objetivo investigar que percepções os professores manifestam em suas narrativas autobiográficas sobre sua condição de readaptado e de que forma as emoções sentidas nesta fase influenciam em sua recuperação e no seu desenvolvimento profissional, a fim de compreender como os professores readaptados se percebem e se expressam em suas narrativas acerca de sua condição atual e das perspectivas de retorno ao trabalho docente?

Após ser esclarecida/o sobre as informações a seguir, no caso de aceitar fazer parte da pesquisa, assine, por favor, ao final deste documento, que está impresso em duas vias, uma delas é sua e a outra é da pesquisadora responsável e integrará o acervo da pesquisa. Em caso de recusa, ou se resolver, a qualquer momento, desistir de participar você não terá nenhum prejuízo em sua relação com a pesquisadora ou com a instituição em que a pesquisa está registrada

Sua participação nesta pesquisa consistirá em responder algumas questões (questionário) que será enviado via e-mail e responder uma entrevista que será realizada via google meet sobre o tema da pesquisa. Em função disto, é importante esclarecer que todos esses registros serão divulgados apenas no contexto da pesquisa e, mesmo assim, mediante o consentimento prévio

dos envolvidos. E, por ocasião da publicação dos resultados, seu nome será mantido em sigilo absoluto e os dados não serão divulgados de forma a possibilitar sua identificação. Você receberá um número de identificação e seu nome será trocado por um fictício (um nome inventado, que você mesmo poderá inventar/sugerir para a pesquisadora).

Esta pesquisa gera possibilidades mínimas de riscos. Pode haver, durante a coleta de dados algum desconforto em alguma pergunta à qual você pode se negar a respondê-la.

A pesquisadora irá tratar sua identidade com padrões profissionais de sigilo. O trabalho será enviado para você, caso desejar e os resultados da pesquisa estarão à sua disposição quando finalizada. Seu nome ou o material que indique a sua participação não será liberado sem a sua permissão.

Os benefícios para você, enquanto participante da pesquisa, são os resultados da pesquisa, bem como uma mudança no comportamento de gestores e colegas a partir do reconhecimento de alguns comportamentos que até então consideravam normais, sem saberem que causavam constrangimentos nos professores readaptados.

As pesquisadoras estarão à sua disposição para qualquer esclarecimento que considere necessários em qualquer etapa da pesquisa, nos canais de comunicação mencionados neste documento.

Os dados e instrumentos utilizados na pesquisa ficarão arquivados com o pesquisador responsável por um período de cinco anos e, após esse tempo serão destruídos.

A participação no estudo não acarretará custos para você também não será disponível nenhuma compensação financeira adicional.

Você receberá uma cópia deste termo onde consta o telefone e o endereço das pesquisadoras, podendo tirar suas dúvidas sobre o projeto e sua participação, a qualquer momento.

Atenciosamente,

Ronilda Nunes da Silva

Mestranda (66) 999911564

Considerando os dados acima, eu, .....

..... RG nº ....., CPF nº .....

....., CONFIRMO ter sido informado (a) por escrito e verbalmente dos objetivos do estudo proposto, dos procedimentos, riscos e benefícios de minha participação na pesquisa. e ainda das anotações por escrito do que a pesquisadora necessitar registrar pertinente ao âmbito dos objetivos da pesquisa. Para o registro da minha contribuição a este trabalho, ou seja, informações e dados que poderei fornecer, autorizo a utilização das minhas respostas à entrevista (on-line) Assim, DECLARO o meu consentimento em participar da pesquisa e, em caso de divulgação dos dados obtidos, AUTORIZO a publicação para fins científicos (divulgação em eventos e publicações) e a gravação da entrevista.

Rondonópolis, 10 de abril de 2022.

\_\_\_\_\_  
Assinatura do/a participante

\_\_\_\_\_  
Assinatura da pesquisadora